

@DesportoMZ Corredor moçambicano @kurtcoutho estreou-se e foi desqualificado na prova dos 400 metros barreiras dos #CommonwealthGames @Glasgow2014

@inelcio “@verdademz: Maputo e Nampula acolhem lançamento do livro “Galinhas e Cerveja” verdade.co.mz/newsflash/47874” frangos que sentam??

@ZacariasMauaia @verdademz força mambas

@cristovaobolach Três viaturas executivas fortemente armadas partiram de #Mocuba em direção a #Murothoni. @verdademz

@gil_vicente4 RT @verdademz: CIDADÃO Armindo REPORTA: Comboio de passageiros descarrilou na zona da Machava #Matola pic. twitter.com/DjDLkhrD1e



@janfar_adange @verdademz acho que o noxo país #nao tem cura qualquer tipo d trafico abrange n noxo país exes traficantx é melhor queimarmos

@verdademz Segue @DemocraciaMZ: Delegações do Governo e #Renamo concluíram “documento complementar” que faltava mas ainda não há Acordo Definitivo #Paz

@Chabba007 Estes não estão pra brincadeiras-->” @verdademz: Boko Haram sequestra esposa de vice-primeiro-ministro de Camarões verdade.co.mz/africa/47819”

@ReginaldoMangue @verdademz# Menor de 11 anos perdida, largada pela madrastra em parte incerta no bairro Tsalala na terça-feira (22). pic. twitter.com/qcWOHjtEWp



@marciopessoa @verdademz Que cérebro tem este animal? wp.me/pqGGv-oj

@Why_Pi_MrFaces “@verdademz: Sul-africano detido pela Polícia por tráfico de cocaína em Maputo verdade.co.mz/newsflash/47701” #CaspasDoDiabo na cidade de maputo.



Maputo é uma cidade criminosa

Destaque PÁGINA 14-17

Pergunta à Tina

SMS
email

90 441

averdademz@gmail.com

TUDO O QUE VOCÊ PRECISA DE SABER SOBRE SAÚDE SEXUAL E REPRODUTIVA



Chineses escravizam moçambicanos em Nampula

Sociedade PÁGINA 05

Diálogo entre Governo e Renamo sem acordo

Democracia PÁGINA 10



Maria Muchavo conquista prata nos Jogos da Commonwealth

Desporto PÁGINA 23



Cineastas queixam-se de vida dura

Plateia PÁGINA 27

Radar

Editorial

averdademz@gmail.com

Não nos enganem outra vez

Depois de mais de 60 rondas marcadas por divergências e entendimentos em relação a um e outro assunto sobre o qual gira o diálogo político prestes a terminar, apercebemo-nos de uma mudança súbita do rumo dos acontecimentos no Centro Internacional de Conferências Joaquim Chissano (CICJC). Tem sido realmente impressionante perceber que todo o teatro político que foi encenado ao longo das rondas negociais não tinha, no seu todo, razão de ser. Se houve motivo para tal, tudo foi à custa do martírio de inocentes. Teatro porque já está claro que o verdadeiro diálogo acontecia ou acontece fora do CICJC e longe dos nossos olhos. Já há um entendimento feito à revelia do povo e naquelas instalações só se vão cumprir formalidades.

Não é por acaso que, de repente, Afonso Dhlakama passou de homem bravo para manso e, mais do que nunca, está tão certo das datas sobre certos eventos inerentes ao diálogo, falando disso naturalmente e com firmeza. Armando Guebuza já se esquece de dizer que a paz depende apenas da sua contraparte e escolhe minuciosamente as palavras para se dirigir à Renamo. Os famigerados discursos incendiários apenas são notórios nas bocas daqueles que parecem ter sido erradamente educados para serem intolerantes à oposição.

O primeiro sinal de volte-face por parte dos intervenientes no processo de pacificação do país foi a moderação dos discursos, ao que se seguiu a redução da intensidade dos ataques nas zonas onde era comum ouvirem-se tiros todos os dias e as pessoas eram mutiladas ou mesmo mortas. Estamos todos comovidos com este novo ambiente. Orgulha-nos saber que estamos muito perto de selar um acordo supostamente inspirado na vontade de vivermos em paz e em harmonia. Trata-se de um entendimento que, por assim dizer, será o remédio para todos os nossos males físicos e morais e que nos permitirá perdoarmo-nos uns aos outros.

Entretanto, sabemos que toda a velocidade imprimida para se alcançar o tão aguardado acordo tem uma relação bastante forte com as eleições marcadas para Outubro, em especial com a campanha eleitoral que vai oficialmente iniciar dentro de dias. É de louvar que haja vontade de se criar condições para que os moçambicanos exerçam um dos seus direitos de cidadania num clima de tranquilidade e sem o eco de espingardas. Mas não nos enganem outra vez. Esperamos que desta vez haja realmente um pacto duradouro, diferente daquele de há 20 anos, que não passou de um mero documento cosmético que somente tinha importância para uma das partes.

E, agora, com o acordo à vista, que destino se vai dar ao Acordo Geral de Paz (AGP) ou parte do seu conteúdo abertamente refutado pela Renamo? Vai ser considerado caduco e reduzido a cinzas ou teremos dois documentos simultaneamente em uso? Que garantias teremos desse entendimento relativamente ao período posterior às eleições e o que vai ser daqueles que tiverem que se contentar com mais uma derrota?

Não nos enganem outra vez, porque depois de meses a fio a vivermos na incerteza e num ambiente que nos arrastava cada vez mais para uma guerra, já não temos espírito nem alma para aguentar tanta maldição daqueles que quando os seus interesses políticos colidem usam-nos como escudo ou como um meio de pressão. Não queremos um barril de pólvora como o AGP pareceu ser quando do nada foi evocado como uma das principais causas da origem do sofrimento dos moçambicanos, mas, sim, um acordo claro sujeito a direitos, deveres, garantias e responsabilidades entre as partes. Queremos um pacto que represente os interesses da Nação e dos partidos políticos.



Boqueirão da Verdade

“Durante 16 anos, o povo moçambicano sofreu bastante com a guerra movida pelo Governo e pela Renamo. Depois experimentou uma situação de paz que libertou o povo e este se refez construindo as suas vidas. Hoje, as mesmas pessoas voltaram a desentender-se e estão a usar o povo como escudo das suas diferenças. Acho que chegou o momento de o povo dizer basta. Depois de 20 anos de sossego, a paz voltou a faltar aos moçambicanos. Os autores da confusão devem explicar ao povo o que está a acontecer. Até aqui, ninguém nos explicou devidamente sobre as verdadeiras razões dos ataques. Quer o Governo quer a Renamo têm responsabilidade nisso e o povo deve dizer basta”,

Dom Jaime Gonçalves

“Com o tempo, a permanência desses homens nos centros de espera improvisados pela Renamo em Maringué e Gorongosa podia tornar-se ilegal. Temendo isso, o presidente da Renamo decidiu sair de Nampula e juntar-se a eles na Gorongosa. Até aí não havia nenhuma ilegalidade porque o presidente da Renamo pode viver em qualquer ponto do país e com qualquer pessoa. Apenas a sede do partido é que deve estar em Maputo. Não é obrigatório que o líder da Renamo resida em Maputo”,

idem

“Agora, alguém com poder ordenou o ataque a esses homens que pelo que se sabe não faziam mal a ninguém. Daí começou a confusão a que até hoje estamos a assistir. Agora, a minha questão é: será que precisávamos de chegar a estes níveis? Se sim, isso beneficia a quem... ao povo, à Renamo ou a quem compra armas. Em finais do ano passado tivemos eleições autárquicas. Houve muita confusão. Este ano temos eleições gerais, já se reportam desavenças e ameaças políticas. Os homens esquecem-se da reconciliação em tempos de escrutínio. (...) São estas perseguições, discriminações e detenções injustas que depois criam inimigos e não adversários políticos...”,

ibidem

“(...) A morosidade processual, muitas vezes, é uma causa provocada para facilitar a corrupção. Há percepções muito fortes de que os nossos tribunais não são independentes em relação ao poder político, económico e financeiro. A justiça não é igual para todos. É forte para os fracos e fraca para os fortes. O juiz presidente do Tribunal Supremo deve dar corpo às balas na defesa da independência dos seus magistrados. Não podem acontecer situações em que um magistrado toma uma decisão corajosa contra alguém que é forte e passados três meses é transferido de uma cidade para um distrito recôndito e dizer que se está num processo normal de mobilidade de quadros. Isso não é um bom sinal para os outros que eventualmente estejam no meio de processos quentes. Portanto, as lideranças devem defender os que fazem bem as coisas”,

Gilberto Correia

“Moçambique ainda não é um Estado de Direito Democrático. Ainda almejamos esse fim porque, num Estado de Direito Democrático, há muito tempo que o actual comandante já não seria por aquilo que já fez e das várias vezes que o fez. Num Estado de Di-

reito Democrático, não se permitiria que o Comandante-Geral (da Polícia) viesse a público lançar declarações gravíssimas contra o poder judicial. A qualidade de formação dos magistrados está a piorar de ano para ano, em função das metas administrativas que são colocadas e das interferências estranhas no processo de formação. Sobre tudo aqueles que advogam uma perspectiva quantitativista em detrimento da qualidade”,

idem

“O problema é que as metas administrativas, as imposições políticas estão a fazer deteriorar os critérios de selecção dos magistrados. A selecção de indivíduos para exercerem a magistratura já não se resume apenas nas habilidades e qualidades técnicas dos estudantes ou dos candidatos. Há muitos arranjos políticos e administrativos. Isso depois reflecte-se na qualidade do próprio sistema. Há sérios problemas de regulação. Abrem-se escolas de Direito sem o mínimo em termos de capacidade do corpo docente, em termos de bibliotecas e meios para o ensino. Estamos perante um ensino comercializado que dá muito dinheiro pelo que critérios comerciais estão a sobrepor-se a critérios técnicos e as coisas já são bem visíveis.”,

ibidem

“Permanecemos durante muito tempo a pensar que a melhor solução era não abordarmos esses assuntos para esquecê-los de uma vez por todas, mas o tempo parece provar que nos enganámos. Temos que falar inteligentemente sobre aquilo que nos divide. Calamo-nos mas as mágoas interiorizadas em nós não pararam de imitar uma trepadeira sufocada que se digladiava pela sua liberdade”,

Luís Guevane

“É essa trepadeira que faz de nós arrogantes, vingativos, egoístas, politicamente correctos e excessivamente aldrabões, faz de nós passivos, calados e com um alto sentido de fingimento contornando (...). Tudo isto, e mais alguma coisa, responde a uma das perguntas que vem na mensagem: “Afim a quem Vossas Excelências representam na Assembleia da República?”. Foram vacinados com a disciplina partidária”,

idem

“Face ao descalabro da moral e da ética, não se encontram os batalhões de ONG’s e sociedade civil manifestando-se face à destruição da fauna e flora nacionais, os ministros-empresários não se pronunciam. Compatriotas, não tenham receio de dizer que foi a busca sinuosa de vantagens privadas e restritas que empurrou o país para a crise actual”,

Noé Nhantumbo

“Não foi a Constituição que foi posta em causa por um grupo de gente que não está interessada na paz e na estabilidade nacional. Sabe-se que foi o aproveitamento duma situação de dominação herdada dum “status” que era característico dos dias de partido único, de Partido-Estado, que possibilitaram que houvesse promiscuidade entre os poderes democráticos. Não tem e jamais terá sentido falar de soberania nacional, de sacrifício colectivo em defesa duma pátria, se dela só um grupo especial usufrui”,

idem

OBITUÁRIO:

Sheik Omar Khan
1975 – 2014
39 anos



O reconhecido médico-chefe e virologista da Serra Leoa, Sheik Omar Khan, morreu na terça-feira, 29 de Julho, numa local de tratamento pertencente aos Médicos Sem Fronteiras (MSF), no norte daquele país.

Sheik Khan foi responsável pelo tratamento de mais de 100 doentes infectados pelo vírus ébola, uma enfermidade que ainda não tem uma vacina preventiva nem um tratamento eficaz.

Este é o segundo caso em que um funcionário da Saúde morreu devido ao pior surto da doença na história do continente africano. Refira-se que no último sábado, 26 de Julho, Samuel Brisbane, médico veterano do maior hospital da Libéria, também morreu devido ao mesmo vírus, que infectou uma série de profissionais da Saúde nas últimas semanas, como o terapeuta norte-americano Kent Brantly.

Trata-se de uma enfermidade que começa com uma gripe e evoluiu para sintomas mais graves, como vômitos, erupções cutâneas e diarreia hemorrágica. Estas hemorragias internas tornam-se incontroláveis e os doentes perdem sangue pelos ouvidos e olhos. O vírus vai dissolvendo os órgãos internos de um enfermo até à morte.

O trabalho do virologista foi reconhecido pela ministra da Saúde da Serra Leoa, Miatta Kargbo, e chamou ao profissional “herói nacional” depois de vários meses a trabalhar 12 horas ininterruptas por dia para salvar pessoas que padeciam do vírus.

Ele era chefe dum centro de tratamento contra a febre hemorrágica em Kenema, no sudeste da Serra Leoa, uma das zonas mais afectada pelo vírus.

Aliás, em Junho passado, antes de ter sinais da doença, Sheik Khan confessou que tinha medo de ser infectado. “Tenho de admitir que temo pela minha vida, porque prezo-a. Os trabalhadores da Saúde estão mais sujeitos a apanhar a doença porque são os primeiros a serem contactados por alguém que a tem. Mesmo com todo o vestuário de protecção usado, estamos em risco.”

Desde o seu aparecimento, em 1976, em territórios do actual Sudão do Sul e da República Democrática do Congo, este é considerado o maior surto do vírus da ébola. A Organização Mundial da Saúde estima que nestes três países já tenham sido infectadas 1.201 pessoas, das quais 672 sucumbiram, dentre elas vários profissionais da Saúde.

A 27 de Julho, a Libéria ordenou o encerramento de quase todas as fronteiras do país para conter o surto de ébola, restringiu eventos públicos e colocou em quarentena todas as comunidades afectadas pelo vírus.

A 26 de Julho, a Nigéria decretado o estado de alerta nos portos e nas fronteiras, em virtude do aparecimento do primeiro caso fatal em Lagos, a cidade mais populosa do país e a segunda maior do continente africano.

Ficha Técnica

MAPUTO - Av. Mártires da Machava 905
NAMPULA - Av. 25 de Setembro 57 A
Telemóvel +258 86 75 81 784
Telemóvel +258 84 39 98 624
Telemóvel +258 82 30 56 466
Fax +258 21 490 329
E-mail: averdademz@gmail.com

Jornal registado no GABINFO, sob o número 014/GABINFO-DEC/2008; Propriedade: Charas Lda; Fundador: Erik Charas.

Director: Adérito Caldeira; Director-Adjunto: Sérgio Labistour; Chefe de Redacção: Emildo Sambo; Redacção: David Nhassengo, Inocência Albino, Alfredo Manjate, Coutinho Macanandze, Duarte Siteo, Reinaldo Nhalivilo, Reginaldo Mangue, Intasse Siteo; NAMPULA - Delegado: Hélder Xavier; Chefe de Redacção: Júlio Paulino, Sérgio Fernando, Sebastião Paulino; Colaboradores: Milton Maluleque (África do Sul), Alexandre Cháque (Inhambane), John Chékwa (Catandica), Fernando Domingos (Búzi); Director Gráfico: Nuno Teixeira; Paginação e Grafismo: Danúbio Mondlane, Hermenegildo Sadoque, Avelino Pedro; Revisor: Mussagy Mussagy; Director de Distribuição: Sérgio Labistour, Carlos Mavume (Sub Chefe); Administração: Sânia Tajú; Internet: Francisco Chuquela; Periodicidade: Semanal; Impressão: Lowveld Media, Stinkhoutsingel 12 Nelspruit 1200.



Os nossos leitores nomearam os Xiconhocas da semana. @Verdade traça em breves linhas as motivações.

Jeremias Tchamo

Os dirigentes que transformam as empresas públicas em suas propriedades privadas, com hortas que podem colher sempre que lhes apetece, são xicos. E assim chama-se Jeremias Tchamo, administrador financeiro das Linhas Aéreas de Moçambique (LAM), que, destituído de quaisquer princípios éticos, transformou esta empresa numa espécie de um quadrúpede com várias tetas para amamentar, de uma única vez, os seus familiares. Este xico é um autêntico promotor de nepotismo: sem olhar para os lados, ele indicou o seu irmão e outros parentes para viverem à custa das LAM. A falta de vergonha de Jeremias Tchamo foi de tal sorte que ele e o seu irmão criaram empresas para através delas delapidarem a companhia de bandeira. Será que ninguém deste Governo consegue travar o afilhadismo e o amiguismo protagonizados por Tchamo?, eis a pergunta dos nossos leitores.

Motorista que fugiu depois de "matar" uma pessoa em Maputo

Na amanhã de 24 de Julho, na cidade de Maputo, na zona baixa, no cruzamento entre as avenidas Mohamed Siad Barre e Fernão Magalhães, um motorista que conduzia uma camioneta com a matrícula MMM 87- 91 causou a morte de uma cidadã e fugiu sem prestar socorro à vítima. Consta que o tal xico seguia na direcção Mohamed Siad Barre/ Avenida 25 de Setembro, tendo embatido violentamente na viatura da senhora falecida, que que circulava pela Avenida Fernão Magalhães. Faminto, o xico devia estar a pensar nas batatas que transportava na sua camioneta e no dinheiro que iria colectar com o serviço que prestava à comerciante que viajava com ele. Nós não vimos, mas a Polícia diz que o visado está detido e o processo com vista a fazer com que o xico seja responsabilizado pelos seus actos já está em curso. Os nossos leitores consideram que se se provar que o dito cujo é culpado, ele deve apanhar uma pena máxima e ser interdito de conduzir por longos anos.

Yá-Qub Sibindy

Yá-Qub Sibindy, presidente do Partido Independente de Moçambique (PIMO), era um homem bastante feliz depois de formalizar a sua candidatura junto do Conselho Constitucional (CC) para as eleições presidenciais de 15 de Outubro próximo. Depois de advogar a paz, a democracia, a estabilidade social e a distribuição equitativa e justa da riqueza nacional como os principais pilares do seu manifesto eleitoral, bastou a sua candidatura ser recambiada pelo CC para destilar veneno contra a Frelimo cujo candidato ele próprio disse que apoiava. Yá-Qub Sibindy é mesmo um xico que quando a fome lhe soube à cabeça não sabe pensar, nem o que diz e tão-pouco sabe reter a língua no seu lugar para evitar proferir impropérios publicamente. Agora, ele inventou a ideia de pretender juntar-se ao "Movimento dos Abstencionistas de Moçambique", ou seja, daqueles xicos que não conhecem o valor do voto.

Por opção editorial, o exercício da liberdade de expressão é total, sem limitações, nesta secção. As escolhas dos leitores podem, por vezes, ter um conteúdo susceptível de ferir o código moral ou ético de algumas pessoas, pelo que o Jornal @Verdade não recomenda a sua leitura a menores ou a pessoas mais sensíveis.

As opiniões, informações, argumentações e linguagem utilizadas pelos participantes nesta secção não reflectem, de algum modo, a linha editorial ou o trabalho jornalístico do @Verdade. Os que se dignarem a colaborar são incentivados a respeitar a honra e o bom nome das pessoas. As injúrias, difamações, o apelo à violência, xenofobia e homofobia não serão tolerados.

Diga-nos quem é o Xiconhoca desta semana. Envie-nos um E-MAIL para averdademz@gmail.com, um SMS para 90440 (válido nas redes 82 e 84 ao custo de 2 Mt), uma MENSAGEM BLACKBERRY (pin 2ACBB9D9) ou ainda escreva no Mural defronte da nossa sede.

Xiconhoquices

da Semana

Os nossos leitores nomearam as seguintes Xiconhoquices da semana.

Jornalismo que só cobre pré-campanha do candidato da Frelimo

Desde que iniciou a campanha eleitoral fora do tempo previsto para o efeito, temos assistido a um jornalismo mau e desonesto, que não se compadece com certos princípios da área. Anda por aí na praça uma certa imprensa que está interessada em fazer a cobertura do periplo do candidato da Frelimo pelo território moçambicano e por alguns países do mundo. Os nossos leitores consideram esta situação uma tremenda xiconhoquice, alegadamente porque determinados assuntos que interessam ao povo, tais como a violação sexual, os acidentes de viação, os assaltos a residências, os assassinatos que tendem a ser um problema comum no país são pouco desenvolvidos. Este problema é visível nos órgãos de informação que funcionam com base em fundos provenientes dos impostos de cidadãos filhos desta pátria. Haja ordem e honestidade nas vossas acções, parem com estas xiconhoquices e dêem-nos informação diversificada, que não seja só constituída por pré-campanha.

Atletas do atletismo nos Jogos da Commonwealth sem treinador

Nas diferentes modalidades desportivas deste Moçambique há coisas que acontecem de uma maneira muito difícil de perceber. Depois de há dias termos ficado a saber que as duas duplas que formam a selecção nacional de voleibol na categoria de sub-21, feminina e masculina, não poderiam disputar, entre os dias 22 e 27 de Julho passado, no Chipre, o Campeonato Mundial de Voleibol daquele escalão, por causa da suposta falta de fundos para o efeito, esta semana somos colhidos por uma outra xiconhoquice que dá conta de que os compatriotas que lutam para desenvolver o atletismo foram aos Jogos da Commonwealth sem os seus treinadores. É a primeira vez que isto acontece. E para contornar a falta que os seus técnicos iriam fazer no certame, inventaram-se trinos através do Facebook. Não queremos negar que o mundo evoluiu de tal sorte que este tipo de coisas seja possível, mas é preciso haver respeito para com o desporto, sobretudo com aquelas modalidades cujos atletas ganham medalhas. É o nome do país que está em jogo...

Adeptos violentos do Costa do Sol

Depois de um empate a uma bola, entre as formações do Costa do Sol e da Liga Desportiva de Maputo, seguiu-se um momento de arruaça que culminou com a agressão a Sérgio Faife, treinador desta última equipa. Atitudes como estas protagonizadas pelos adeptos do Costa do Sol são deveras condenáveis e abomináveis e não passam de uma xiconhoquice que deve ser veementemente repelida dos nossos campos. Durante o jogo contestou-se o trabalho do árbitro alegadamente porque estava a fazer vista grossa em relação a alguns lances em benefício dos pupilos da Liga Desportiva de Maputo. A ser verdade, nada justifica arremessar pedras para o interior do rectângulo de jogo nem ameaçar acertar as contas com o árbitro. Há instituições próprias e competentes para ajuizar situações anómalas para um dado jogo ser considerado claro e justo. E de forma nenhuma essas entidades devem ser substituídas por gente que se dirige aos campos de futebol para perpetrar uma vergonha como a que fomos obrigados a assistir no domingo passado. O lugar dos adeptos avassalados pela fúria é nas suas casas. Não queremos este tipo de xiconhoquices.

Onze pessoas morrem num sinistro rodoviário em Inhambane

Pelo menos 11 pessoas morreram e mais de 30 contraíram ferimentos graves e ligeiros, em consequência de um acidente de viação ocorrido na tarde de terça-feira, 29 de Julho, na localidade de Nhacoongo, no distrito de Inharrime, na província de Inhambane, causado por um autocarro de transporte interprovincial de passageiros, ido de Chimoio e com destino à capital moçambicana.

Texto: Redacção

Desde aquele dia, vive-se um ambiente de abalo e consternação total em Nhacoongo, local que, para além de ser uma povoação, ostenta o nome de uma bazar bastante movimentado de venda de fruta e outros produtos. Instantes depois da desgraça, várias pessoas acorreram ao sítio com vista a prestar socorro e identificar os seus parentes, alguns dos quais estavam estatelados no chão e desmaiados e outros sem vida.

Consta que o autocarro em alusão – supostamente conduzido a alta velocidade – perdeu os freios e embateu violentamente contra um minibus imobilizado nas imediações e que, na altura, estava a desembarcar passageiros, o qual ficou totalmente “esmagado” e projectado para uma distância considerável donde se encontrava.

Para além das pessoas que viajavam no “chapa”, que se deslocava no trajecto da cidade de Inhambane para o distrito de Zavala, dezenas de comerciantes que se encontravam nas bermas da estrada e outras nas suas bancas foram colhidas brutalmente.

Sete pereceram no local e outras ainda no hospital, totalizando pelo menos 11 até ao fecho da presente edição. O levantamento dos danos prossegue havendo dados que indicam ter havido mais de 40 feridos.

O administrador do distrito de Inharrime, Daly Assumane Kumanda, confirmou ao “Notícias” que a maior parte das vítimas, entre mortos e feridos, “eram vendedores do movimentado mercado de Nhacoongo que foram colhidos de surpresa nas diferentes bancas quando o “chapa” que partiu da cidade de Inhambane com destino a Inharrime perdeu o controlo devido ao forte embate traseiro que sofreu, causado pelo autocarro da transportadora “Anita”. Os dois veículos circulavam na mesma direcção.

“Quando tomámos conhecimento do acidente que mergulhou no luto a localidade de Nhacoongo, porque a maior parte dos sinistrados é desta zona, alguns apanhados nas suas bancas, outros ainda a atravessar a estrada, mobilizámos todas as viaturas do governo para socorrer as vítimas. Infelizmente, para além dos sete mortos imediatos, registámos muitos feridos graves em número de 20”, disse Daly Kumanda ao mesmo órgão de



Conta-se que o camião transportava mercadoria de uma senhora comerciante, que regressava da vizinha África do Sul, onde fora comprar produtos tais como cebola e batata-reno para revender. O condutor alegou problemas mecânicos do carro como sendo a causa da tragédia.

Comboio descarrila na Matola

No fim da tarde de terça-feira, 29 de Julho, um comboio de transporte de passageiros da empresa pública Caminhos-de-Ferro de Moçambique (CFM), que fazia o trajecto Baixa/Matola-Gare, descarrilou no bairro da Machava, no município da Matola. Pelo menos três pessoas ficaram gravemente feridas e outras 17 contraíram traumas ligeiros.

Um passageiro que viajava no comboio em causa disse ao @Verdade que de uma composição com oito vagões, três descarrilaram em virtude de supostas pessoas de má-fé terem accionado o sistema de agulhas que regulam as linhas nas imediações da passagem de nível situada próximo à antiga fábrica Vidreira, o que originou o acidente. Outras testemunhas relataram que, por sorte, os restantes vagões não tombaram.

Uma equipa do Corpo de Salvação Pública esteve no local para socorrer as vítimas, bem como técnicos dos CFM, com vista a contornarem o engarrafamento que se criou na Avenida das Indústrias, via de acesso rodoviário para o bairros da Liberdade e de Tsalala e, também, apurar as causas do sinistro.

informação e à Rádio Moçambique. De referir que, a 06 de Março deste ano, três pessoas perderam a vida devido a um sinistro que aconteceu em Nhacoongo. Na altura, uma viatura que seguia o trajecto norte/sul saiu da sua faixa de rodagem e embateu frontalmente, de forma violenta, num camião de grande tonelagem, que fazia o sentido contrário.

Na sequência daquele acidente, o carro foi arrastado pelo asfalto pelo camião, facto que culminou com a morte instantânea de duas pessoas, que estavam entaladas no veículo. A outra vítima foi cuspidada da carrinha e, horas mais tarde, sucumbiu. Tratou-se de um sinistro que, alegadamente, também derivou do excesso de velocidade e do cansaço do motorista.

Enquanto isso, uma semana antes desta desgraça, 10 pessoas, seis das quais da mesma família, morreram no distrito de Massinga.

Segundo o Comando-Geral da Polícia da República de Moçambique (PRM), na semana finda, pelo menos 30 pessoas morreram devido a 49 acidentes de viação registados em diferentes estradas do país, dos quais 15 aconteceram na cidade de Maputo e 11 em Inhambane. A velocidade excessiva é apontada pelas autoridades como a principal causa desta desgraça.

Aliás, na amanhã de 24 de Julho na cidade de Maputo, na zona baixa, no cruzamento entre as avenidas Mohamed Siad Barre e Fernão Magalhães, um cidadão morreu e três pessoas ficaram lesionadas em virtude de uma colisão que envolveu uma camioneta (MMM 87- 91) e uma viatura ligeira (AAI 238 MC).

Segundo testemunhas, o primeiro veículo seguia a direcção Mohamed Siad Barre/Avenida 25 de Setembro, tendo embatido violentamente na segunda viatura que circulava pela Avenida Fernão Magalhães. A mesma ficou completamente danificada. Um casal viajava neste carro, tendo a senhora perecido no local e o seu companheiro ficado gravemente ferido.

Chineses escravizam trabalhadores moçambicanos em Nampula

Nos últimos dias, os trabalhadores moçambicanos do sector dos transportes no estaleiro do projecto ferroviário do Corredor de Nacala, secção 6 e 7 do CR20G, no distrito de Meconta, província de Nampula, vivem momentos difíceis. Tudo porque a empresa chinesa subcontratada pela multinacional Vale Moçambique tem vindo a violar sistematicamente os direitos laborais. O @Verdade apurou que, além de intimidações, baixos salários e falta de contratos de trabalho, os funcionários nacionais são frequentemente espancados pelos chineses.

Texto: Júlio Paulino • Foto: Leonardo Gasolina

No total são 34 trabalhadores moçambicanos afectos ao projecto da construção da segunda linha férrea que liga o município de Moatize, em Tete, à cidade de Nacala-Porto, em Nampula, que alegam estar submetidos a um cenário de escravatura pelos chineses.

Hitler José Ivala, representante da massa laboral naquele local, disse ao @Verdade que a falta de transparência nos contratos, descontos arbitrários nos salários sob a alegação de canalização de fundos ao Instituto Nacional de Segurança Social, injúrias, acusações de roubo de combustível e a imposição no consumo de alimentação chinesa que é fornecida ao estaleiro são algumas situações que desconfortam aquele grupo de operários.

Ivala denunciou, igualmente, que os salários auferidos variam entre três mil e quinhentos e seis mil meticais, mas nem sempre os trabalhadores chegam a beneficiar de todo valor, devido aos descontos a que têm sido submetidos frequentemente.

O @Verdade deslocou-se até ao acampamento da empresa localizada a aproximadamente 80 quilómetros da cidade de Nampula, tendo encontrado os trabalhadores amotinados nas instalações da firma, reivindicando melhores condições de trabalho. “Quando nos insurgimos contra os maus-tratos, somos intimidados e obrigados a assinar processos disciplinares sem nenhum motivo palpável, denunciou o representante dos trabalhadores.

Aquele grupo de operários conta que, num fim-de-semana, a direcção da empresa, sob o comando do chefe dos Recursos Humanos, criou um esquema que culminou com a vandalização das tampas de combustíveis, num total de sete camiões basculantes usados no transporte de pedra brita que é fornecida ao projecto, como forma de incriminar os trabalhadores. Já que somos acusados de roubo de combustível, o processo deve ser extensivo ao cidadão chinês, porque o veículo que ele conduzia também ficou sem a tampa do tanque do combustível”, disse Ivala.

Outra inquietação que tem sido apresentada pelos trabalhadores está relacionada com os documentos lavrados em mandarim. Quase todos os funcionários moçambicanos não percebem o idioma, razão pela qual estes exigem que os mesmos sejam traduzidos para a língua portuguesa ou inglesa.

Trabalhador espancado por cidadão chinês

Emerson Tinga é um dos trabalhadores do projecto ferroviário do Corredor de Nacala CR20G que já foi alvo de espancamento, com recurso a instrumentos contundentes, protagonizado por cidadãos chineses, por sinal os



que ocupam cargos de chefia na direcção daquela empresa subcontratada pela multinacional Vale Moçambique.

Tinga conta ainda que tudo começou quando ele recebeu o seu salário e, sentindo-se injustiçado pelos descontos sofridos, decidiu dirigir-se à direcção da firma para exigir o recibo de pagamento e a cópia do seu contrato de trabalho. Ao invés dos documentos, o trabalhador foi espancado alegadamente por ele ser um dos principais promotores da onda de agitação no seio da massa laboral.

Como consequência disso, Emerson Tinga contraiu uma fractura no joelho, tendo sido levado de imediato a uma clínica na cidade de Nampula.

Direcção da GR-20G reage

Contactada a direcção da empresa, na pessoa do respectivo director da área dos Transportes identificado pelo nome de Shen, este afirmou que na manhã de um dos sábados a firma foi surpreendida com as tampas dos tanques de combustíveis vandalizadas, tendo tratado de notificar os respectivos motoristas para o seu esclarecimento. “Notificámos os visados para darem alguma explicação sobre o sucedido, orientei o chefe dos Recursos Humanos para que pudesse elaborar uma nota de culpa, e exigimos aos acusados que assinassem o documento”, referiu Shen.

Segundo o representante da referida companhia, foi na sequência desta situação que os 34 trabalhadores decidiram paralisar as actividades. “Recentemente, surpreendi um motorista a tentar subtrair combustível, na companhia de um suposto cliente que trazia consigo dois galões de 20 litros cada. Quando ambos se aperceberam da minha presença, puseram-se em fuga”, disse.

De acordo com Shen, a intenção não é expulsar os trabalhadores, mas sim corrigir certas irregularidades que têm vindo a influenciar negativamente o curso das actividades.

Inspecção Provincial do Trabalho chamada a intervir

Na sequência do braço-de-ferro entre a Direcção e os trabalhadores do CR20G, a Inspecção Provincial do Trabalho em Nampula enviou uma equipa de inspec-



tores ao distrito de Meconta que constatou haver violação da lei laboral vigente no país.

“A inspecção do trabalho esteve sempre a par dos acontecimentos na CR20C, e do trabalho levado a cabo resultou a criação dum Comité Sindical. Foram separadas as cozinhas e criadas duas, nomeadamente a chinesa e a moçambicana, porque os nativos se queixavam da imposição do consumo de comida chinesa. Além disso, exigimos que a empresa contratasse uma gestora dos Recursos Humanos que fosse de nacionalidade moçambicana e que dominasse a língua chinesa, sublinhou um dos inspectores.

As nossas fontes referiram, igualmente, que foi distribuída aos directores da empresa a legislação laboral moçambicana traduzida em língua chinesa, como forma de facilitar a respectiva interpretação.

Repatriado o cidadão chinês que espancou um moçambicano

O @Verdade foi, igualmente, informado de que o cidadão chinês que se envolveu em pancadaria com o moçambicano foi, recentemente, repatriado, por se ter provado a sua culpa no caso. A medida, segundo a equipa dos inspectores do Trabalho em Nampula, tem em vista servir de exemplo para que outros indivíduos não se envolvam em agressões físicas.

Apesar do repatriamento do cidadão chinês, o caso já foi submetido ao Tribunal Distrital de Meconta onde está a seguir os seus trâmites legais.

Dados em poder do @Verdade referem que casos de género se registam, igualmente, no estaleiro da CR20C no distrito de Rapale, onde decorrem as obras de construção e reabilitação do troço Nampula/Ribáuê, na província de Nampula.

Malfeitores mutilam sexo de uma criança na Zambézia

Na província da Zambézia, três indivíduos são acusados de aliciar um menor de 12 anos de idade, identificado pelo nome de Ernesto João Nantica, para uma mata, no distrito de Mulumbo, onde lhe retiraram os órgãos genitais para fins não revelados, mas presume-se que se trata de um caso relacionado com o tráfico de seres humanos. A desgraça aconteceu no último sábado, 26 de Julho.

Ernesto narrou que dos três cidadãos, um deles, por sinal seu vizinho, aliciou-o para alegadamente juntos irem à caça e procurar lenha na referida mata, algures naquele distrito. Chegados ao local, duas pessoas, supostamente cúmplices do seu sedutor, apareceram, de repente, munidas duma faca e mutilaram o seu sexo, impiedosamente. El-sídia Filipe, porta-voz do comando da Polícia da República de Moçambique (PRM) na Zambézia, confirmou a ocorrência.

Consumado o acto, os três comparsas abandonaram o rapaz desmaiado no local do crime. Entretanto, volvido algum tempo, o menor recuperou os sentidos e, deveras ensanguentado, rastejou até à sua residência, tendo imediatamente sido encaminhado para o Hospital Rural de Milange, onde se encontra a receber cuidados médicos.

Na sua intervenção, a Polícia deteve dois meliantes e abateu o terceiro elemento quando supostamente tentava fugir. Segundo El-sídia Filipe, o adolescente colaborou bastante para a neutralização dos visados.

De referir que Zambézia tende a ser uma província onde se registam crimes hediondos. Há dias, três indivíduos identificados pelos nomes de Chabangue, Dzimba e Messias, com idades compreendidas entre 17 e 30 anos de idades, aparentemente lúcidos, esquartejaram um cidadão e extraíram-lhe os órgãos genitais e o coração alegadamente a mando de alguém residente na capital moçambicana, onde os assassinos, confessos, foram presos no bairro do Zimpeto quando pretendiam entregar a encomenda ao comprador. Em troca eles receberiam 400 mil meticais, segundo as suas declarações à Polícia.

Município de Monapo constrói primeira maternidade de raiz

A primeira maternidade de raiz, na história da municipalização da vila de Monapo, está a ser construída naquela circunscrição geográfica, em Nampula, à luz da extensão da rede sanitária naquele ponto do país. Com capacidade para 50 camas, a infra-estrutura conta com o apoio financeiro da Associação de Defesa do Património de Mértola, em Portugal, com a compartição do Conselho Municipal local, cujo investimento é estimado em três milhões de meticais.

Segundo João Luiz, edil de Monapo, a maternidade, em fase conclusiva de construção, para além de garantir o descongestionamento das duas unidades sanitárias em funcionamento na vila irá atender pacientes das comunidades de Napala, Tapuala, Namachaca, Nacuca, bem como do posto administrativo de Quixaxe, no vizinho distrito de Mogincual.

O edil de Monapo explicou que a Câmara portuguesa de Almodôvar está, igualmente, a financiar os projectos de construção de furos de água nos diferentes bairros do município de Monapo. Nos próximos dias, o governo local vai proceder à entrega de três furos construídos de raiz em igual número de zonas residenciais, como forma de minimizar a carência daquele líquido vital no seio das populações da vila.

Neste momento, prosseguem estudos com vista à construção de um tanque subterrâneo, com capacidade para 250 mil metros cúbicos de água, um projecto que ainda carece de financiamento.

Importa referir que a Vila Municipal de Monapo, localizada a cerca de 120 quilómetros da capital provincial de Nampula, contava, em 2007, com um universo populacional de 68 mil habitantes. O novo levantamento demográfico realizado no passado aponta para cerca de 82 mil habitantes, distribuídos por uma área de 245 quilómetros quadrados.

Anciã foi assassinada em Nhamatanda

Na vila municipal de Nhamatanda, na província de Sofala, uma idosa de nacionalidade portuguesa, identificada pelo nome de Emília Loureiro, de mais de 70 anos de idade, foi assassinada na sua residência, na madrugada do último sábado, 26 de Julho, no 1o bairro Samora Machel. Os protagonistas deste crime estão em parte incerta.

A vítima era viúva e comerciante. Ela vivia naquele ponto do território moçambicano há mais de 50 anos. O @Verdade apurou que um grupo de desconhecidos se introduziu na sua casa pelo tecto, exigiu dinheiro e ameaçou a anciã de morte.

Em seguida, não tendo alcançado os seus intentos, o malfeitores violentaram Emília Loureiro com recurso à força física até à morte. Daniel Macuácu, porta-voz da Polícia da República de Moçambique (PRM), confirmou-nos esta ocorrência.

O guarda que se encontrava na casa alegou não se ter apercebido de nenhum movimento estranho. Ele contou que descobriu que a sua patroa estava morta na manhã de sábado quando pretendia despegar do trabalho. Os supostos bandidos não roubaram nada no domicílio da vítima. Apurámos ainda que o marido de Emília, Acácio Loureiro, morreu de causas naturais, em 2012.

Enquanto isso, um cidadão que aparentava ter 20 anos de idade foi encontrado sem vida, na madrugada de domingo, 27 Julho, no bairro da Unidade de Produção II, vulgo “UP2”, na cidade de Gurúê, na província da Zambézia. Supõe-se que a vítima tenha sido violentada até a morte durante a noite do dia anterior, uma vez que o corpo apresentava sinas de agressão.

O cadáver foi removido do local do crime à tarde pela PRM alegadamente por falta de meio de transporte para o efeito. Marques Cumbaleza, comandante distrital da corporação naquele ponto do território moçambicano, confirmou o caso mas não avançou pormenores, supostamente por falta de dados.

Desconhecidos baleiam uma cidadã no Búzi

Na localidade de Bândua, no distrito do Búzi, província de Sofala, um grupo armado de presumíveis gatunos invadiu a residência de uma mulher, de pelo menos 40 anos de idade, que responde pelo nome de Sara Armando, instalou um ambiente de terror, baleou-a num dos membros inferiores e apoderou-se de 34 mil meticais, três bicicletas, dois rádios e uma mala contendo roupa diversa.

O episódio registou-se no domingo passado, 27 de Julho, na povoação de Inhamita. A Polícia da República de Moçambique (PRM) no Búzi disse que os meliantes, ora a monte, traziam uma pistola e a prova disso são as munições encontradas no local do crime. Eles agrediram também o marido da senhora, identificado pelo nome de Francisco Moiane, com instrumentos contundentes.

Victorino Fandique Muchenga, porta-voz da PRM no Búzi, relaciona o acto com o facto de o distrito ter produzido bastante gergelim na presente campanha agrícola, sobretudo na zona onde aconteceu o delito, pois os malfeitores procuram apoderar-se do dinheiro das vítimas.

Ladrões à mão armada detidos em Maputo e Nampula

Um grupo de assaltantes, considerado perigoso, caiu nas malhas da Polícia da República de Moçambique (PRM) depois de uma tentativa de roubo numa residência, na noite de segunda-feira, 28 de Julho, na cidade de Nampula. A gangue é também acusada de agredir cidadãos na via pública e de protagonizar assaltos em estabelecimentos comerciais.

A detenção dos supostos larápios aconteceu no mais antigo e populoso bairro de Namutequeliua, onde os gatunos se introduziram violentamente na residência de um cidadão estrangeiro, ameaçaram-no com uma arma de fogo e apoderaram-se de 115 quilogramas de pedras preciosas e duas motorizadas.

Instantes depois de os meliantes abandonarem o local do assalto, a vítima solicitou a ajuda da Polícia. Esta fez-se ao sítio imediatamente. Durante a perseguição, houve troca de tiros entre os gatunos e os agentes da Lei e Ordem, facto que culminou com a morte de dois malfeitores.

Em declarações à Imprensa, Carlos Artur, de 28 anos de idade, confessou a sua participação no crime, alegadamente a convite de um amigo. Segundo ele, o objectivo era roubar as pedras preciosas anteriormente referidas para serem revendidas a um cidadão também de origem estrangeira, cujo nome não foi revelado.

Momed Abdul, de 29 anos de idade, é outro suposto bandido. A Polícia acusa-o de ser um bandido reincidente e por diversas vezes foi preso por protagonizar assaltos a armazéns e vandalização de domicílios.

Ele disse que também participou no assalto a convite do seu sobrinho. Entretanto, este jovem feriu um dos seus comparsas quando tentava disparar contra um dos elementos da corporação. O cidadão lesionado encontra-se internado no Hospital Central de Nampula (HCN).

Miguel Bartolomeu, porta-voz do Comando Provincial da PRM em Nampula, fez saber que alguns integrantes do grupo estavam recentemente detidos e foram restituídos à liberdade por ordens da Justiça.

Nas mãos dos gatunos, a corporação recuperou duas armas de fogo do tipo pistola, as pedras preciosas e as motorizadas em alusão. Decorrem diligências com vista a neutralizar o presumível cabecilha da gangue e o suposto comprador dos bens que tinham sido roubados.

Ladrões fustigam Maputo

Na província de Maputo, uma dezena de indivíduos encontrase detida em diversas subunidades da Polícia da República de Moçambique (PRM) por roubo de viaturas e assalto a residências com recurso a armas de fogo.

Segundo as autoridades, deste grupo, seis pessoas estão encarceradas no Comando Provincial de Maputo por alegadamente se ter apoderado de carros com as matrículas ADP 866 MP; ABE 809 MC; ABS 426 MC; AAU 883 MC e ABE 124 MP.

Na província do Niassa, a corporação deteve um cidadão que responde pelo nome de Domingos, de 25 anos de idade, vigilante de uma empresa de segurança privada denominada “Só Protecção”, acusado de roubo de 546.604 meticais no seu local de trabalho.

A PRM recuperou também quatro armas de fogo de marca Mauser, que estavam abandonadas nas instalações da empresa Águas da Região de Maputo. E um indivíduo identificado pelo nome de Samson, de 26 anos de idade, está preso por roubo com recurso a uma arma de fogo.

No Comando Distrital de Chiúre, na província de Cabo de Delgado, encontram-se dois cidadãos a verem o sol aos quadradinhos supostamente por assalto a residências com recurso a armas de fogo.

Governo intensifica controlo sobre turismo infantil no país

O Governo diz que vai acelerar os mecanismos de controlo do acesso aos empreendimentos turístico, estâncias hoteleiras e de dança, por forma a fazer cumprir a Legislação sobre Turismo, em vigor no país.

Nos termos dos artigos 225 e 256 do Decreto 97/2013 de 31 de Dezembro, conjugados com a Lei 6/99 de 2 de Fevereiro e 4/2004 de 17 de Junho, o Governo interdita a entrada e permanência de menores de 18 anos de idade nos empreendimentos turísticos no território nacional.

Todavia, a conclusão a que se chega é a de que muitos operadores do ramo de hotelaria e turismo não cumprem os procedimentos normativos, supostamente movidos por interesses comerciais.

Num encontro havido na semana passada em Nampula, com o sector privado, ligado àquele ramo de actividade, Ndiça Massinga Jaime, chefe do Departamento Jurídico no Ministério do Turismo, explicou que a sua instituição vai apertar o cerco contra os prevaricadores.

O Governo aprovou, em finais do ano passado, o Decreto 97/2013, de 31 de Dezembro e o respectivo regulamento sobre empreendimentos turísticos, restauração e bebidas e salas de dança. Trata-se de um novo instrumento que revoga o anterior Decreto 18/2007, de 7 de Agosto e prevê pesadas penalizações aos infractores.

A jurista disse que o novo decreto, em processo de divulgação, estabelece um conjunto de normas que devem servir de guião para o desenvolvimento da actividade turística, com vantagens acrescidas, sobretudo, para o sector privado. Uma das questões

tem a ver com a necessidade de redução do tempo para o licenciamento da actividade, e a reorganização dos critérios de classificação dos hotéis, restaurantes e outros empreendimentos turísticos.

Entretanto, um dos maiores constrangimentos, neste momento, prende-se com a ausência de condições de segurança, agravada pela falta de meios de prevenção e combate aos incêndios em vários hotéis e restaurantes da cidade e província de Nampula.

Jorge Inquito, chefe do sector de combate ao incêndio no Comando Provincial do Corpo de Salvação Pública disse que existem hotéis de referência em Nampula que nem sequer possuem um extintor, facto que constitui um autêntico atentado à saúde pública.

Em representação do sector privado, Mahomed Asraf, director do City Hotel, disse ter acatado todas as orientações e prometeu colaborar com o governo para uma melhor implementação da lei.

O nosso interlocutor reconhece o que considerou de falta de controlo, por parte de algumas unidades hoteleiras, o que, de certo modo, impulsiona a frequência de menores àqueles locais. Em termos de segurança e higiene, Asraf prometeu trabalhar, junto dos seus parceiros económicos, para se ultrapassar este problema.

O encontro de divulgação do novo decreto de turismo contou ainda com os directores das actividades distritais das actividades económicas, profissionais de comunicação social, representantes dos municípios e outros convidados.

UniLúrio promove campanha sobre cuidados nutricionais em Nampula

A Universidade Lúrio (UniLúrio), em parceria com a Global Alliance for Improved Nutrition (GAIN), está a disseminar as melhores práticas nutricionais no seio dos produtores e revendedores de produtos alimentares, em Nampula. O projecto visa contribuir para a redução da problemática da cegueira, através da melhoria da qualidade e segurança de produtos de maior consumo nesta parcela do país. Leonora Assunção, nutricionista da UniLúrio, disse que muitas famílias moçambicanas, particularmente as que vivem na zona rural, sofrem de várias enfermidades, supostamente, devido à falta de vitamina no seu organismo.

Para a materialização dos objectivos, teve lugar na semana finda um encontro com os representantes de empresas produtoras e revendedoras de diversos produtos alimentares na cidade de Nampula, para a divulgação de mensagens sobre os melhores métodos de tratamento de alimentos. O coordenador do projecto de alimentos nutritivos na GAIN, Daniel Alberts,

entende que o problema de cegueira que afecta grande parte dos moçambicanos resulta nalguns dos casos de deficiências nutricionais.

Aquele responsável explicou que uma das maneiras de conseguir realizar o objectivo da sua instituição foi criar a Comunidade de Práticas (CP), uma rede de empreendedores e investidores locais, que operam no domínio da agricultura e nutrição. Para além da CP, foi também criado o acelerador de inovações que consiste em encorajar os membros a submeterem propostas para aumentarem a disponibilidade e diversidade de alimentos nutritivos para a população vulnerável.

Refira-se que o GAIN é uma empresa financiada pela Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (USAID) vocacionada para o combate ao fenómeno de desnutrição, sobretudo em crianças, em todo o mundo.

Na mesma sessão, o Executivo aprovou, entre outros documentos, uma resolução que ratifica o acordo de crédito celebrado entre o Governo da República de Moçambique e o Banco Islâmico de Desenvolvimento (BID), a 26 de Junho passado, em Jeddah – Reino da Arábia Saudita, cujo montante é de 17,39 milhões de dólares norte-americanos, para o financiamento do projecto de Aquacultura e Pesca Artesanal em águas interiores nas províncias de Manica, Tete e da Zambézia.

Governo isola gado infectado por febre aftosa em Maputo

O Governo moçambicano, reunido na 19ª sessão do Conselho de Ministros, na terça-feira, 29 de Julho, decretou o isolamento de animais infectados por febre aftosa, que assola o posto administrativo de Sábiè, como uma das medidas para mitigar a doença na província de Maputo.

A restrição de circulação do gado no posto administrativo de Sábiè, a vigilância epidemiológica, a sensibilização das comunidades sobre os cuidados a ter com os animais e a vacinação do gado são as medidas tomadas para o efeito.

Caros leitores

Pergunta à Tina... Será que estou fértil três dias antes e três dias depois do período?

Caros leitores,

Pais, mães, jovens e adolescentes: Esta semana em Moçambique foi lançada a Campanha Nacional Contra Casamentos Prematuros. Muitos pais e mães, parentes e líderes comunitários não estão conscientes dos riscos de saúde sexual e reprodutiva que estes casamentos prematuros podem causar às meninas. As raparigas casadas na puberdade tendem também a engravidar nessa altura, mas o seu corpo e o psíquico ainda estão em desenvolvimento. Uma gravidez pode trazer consequências adversas à sua saúde reprodutiva, já que os órgãos reprodutivos ainda não estão completamente desenvolvidos para suportar uma gravidez; ela terá iniciado ainda o ciclo menstrual, mas o útero ainda está em desenvolvimento, etc. Para além disso, as raparigas na adolescência não estão preparados emocionalmente e nem mesmo financeiramente, o que, muitas vezes, resulta em abortos clandestinos e abandono dos estudos. Mais ainda, uma rapariga que casa com um homem mais velho raramente é capaz de negociar o uso do preservativo para se proteger das ITS. Este assunto é polémico, mas importante. Por isso, se quiseres saber mais sobre ele, ou sobre a saúde sexual e reprodutiva no geral,

envia mensagem através de um

sms para **90441**

E-mail: **averdademz@gmail.com**

Por respeito à vossa confidencialidade, não usamos os nomes reais.

Sou um rapaz que sofre de ansiedade, seguido de depressão há oito anos e a tentar fugir dela. Os meus amigos levaram-me para um bordel. Chegado lá (...) fiz um acordo com ela (a menina) apenas para ela dançar nua, já com medo de transar. (...) Ela pediu-me que eu colocasse a camisinha, pois eu fiquei excitado e eu aceitei. Mas o que me deixa preocupado é que eu só lhe vi a pegar na camisinha e a rasgar com a boca (...) não houve penetração e ela não pegou em nada do meu corpo. (...) Depois de três semanas, uma pessoa que passou por uma pequena situação de risco já pode fazer o teste de VIH? Por favor, tire-me essa dúvida, pois moro num sítio na zona rural. Agradecido desde já, Manuel.

Olá meu querido leitor. Hás-de reparar que encurtei a tua pergunta para poder caber dentro dos parâmetros do espaço que são concedidos à coluna, deixando apenas as partes fundamentais da tua história, pois a tua pergunta é útil. Começo por explicar-te que o VIH é o Vírus de Imunodeficiência Humana, que é transmitido de uma pessoa seropositiva (que vive com o vírus) para outra seronegativa (que não vive com o vírus) através da prática do sexo sem uso do preservativo, ou do uso de objectos cortantes não esterilizados. O período de tempo entre a infecção e o início da produção de anticorpos é denominado “período de janela” e em que o teste de VIH pode dar um resultado negativo apesar da presença do VIH no corpo. Fazer o teste é um acto de prevenção e de protecção, porque, ao sabermos o nosso estado serológico, somos capazes de tomar decisões informadas sobre a nossa vida. Para realizar o teste, é necessário ir a qualquer Unidade Sanitária (mesmo nas zonas rurais) procurar Aconselhamento e Testagem de Saúde. Os conselheiros (que podem ser pessoas leigas ou enfermeiros) têm a capacidade de conversar e ajudar a compreender todos os factores de risco de transmissão de doenças e formas de preveni-las. Se tens dúvidas, é melhor que vás. Mais ainda, não coloques a tua vida em risco só para satisfazer os teus amigos.

Oi, tudo bem? Sou a Farida, de 19 anos. Pretendo esclarecer uma dúvida. Há alguns dias as minhas amigas disseram que nós as meninas estamos férteis somente nos três dias antes e depois do período, e depois disso já não corremos o risco de engravidar. Enfim, só desejo saber se é ou não verdade. Boa tarde.

Olá minha querida. A resposta à tua pergunta é: Não é verdade! Antes de mais, é preciso primeiro saberes que o ciclo menstrual regular tem uma duração de cerca de 21, podendo chegar a 28 ou 35 dias, dependendo de mulher para mulher. Durante este ciclo, todos os meses, o óvulo prepara-se para ser fecundado, e desce para o teu útero onde fica à espera do espermatozóide do homem. Quando tal acontece, a isto chamamos de período fértil, significa que estás pronta para ficar grávida. Quando o espermatozóide não vem, o óvulo desfaz-se completamente, e com ele também o “colchãozinho” que se formou no teu útero, e sai tudo em forma de sangue e coágulos, que chamamos menstruação. A menstruação pode durar entre quatro e sete dias, findos os quais ela entra numa fase de restauração até iniciar o novo período fértil. Este intervalo pode iniciar logo após ao período ou cinco dias depois do período menstrual e durar entre cinco e sete/oito dias. Embora a maioria das mulheres possua um ciclo menstrual regular, uma grande parte vive na incerteza, e a isso chama-se de ciclo irregular. É preciso conhecerem os vossos corpos, os vossos ciclos para melhor compreenderem o período fértil. Vai também a um SAAJ (Serviço Amigo do Adolescente e Jovem) ou uma unidade sanitária que disponha de Aconselhamento e Testagem de Saúde, para conversares com um profissional que te possa ajudar a conhecer melhor a tua saúde. Cuida-te.

Casal é isolado pelos parentes por ter filho deficiente em Nampula

Texto: Redacção Nampula
Foto: Leonardo Gasolina



Almeida Figueiredo Dias e Júlia Bernardo Fernando formavam um casal perfeito aos olhos dos parentes. Em 1990, quando eles tiveram o seu primeiro filho, a quem lhe foi dado o nome de Betânio, a alegria instalou-se no seio de todos. Mas a felicidade foi sol de pouca dura. Quando os familiares se aperceberam de que o petiz nasceu deficiente físico e mental, eles passaram a isolar os cônjuges.

Almeida e Júlia vêm-se abandonados pelos parentes mais próximos, após o nascimento do Betânio Dias. O casal vive há 24 anos numa mar de tristeza, porque os familiares afastaram-se dos cônjuges por serem progenitores de um rapaz incapaz de assegurar por si mesmo, totalmente, as necessidades de uma vida individual ou social normal, em decorrência de uma deficiência nas suas capacidades físicas e mentais.

“Ele nasceu deficiente, mas nos primeiros 20 anos tentava andar. Em 2010, a situação agravou-se quando os seus membros inferiores ficaram totalmente paralisados”, explicou Dias, acrescentando que “Betânio teve sempre dificuldades na fala e a última vez que o levámos ao hospital, em 1997, fomos colhidos por uma informação segundo a qual não seria possível desenvolver a fala porque o erro foi ele ter ingerido alimentos salgados, o que agravou a prisão da língua”.

Num outro desenvolvimento, Almeida Dias disse que o seu filho não aceita que alguém se comunique com ele por meio de gestos, porque ele possui uma audição saudável, não obstante as dificuldades imensas de articular as palavras.

Conformados com o estado físico do seu filho, o jovem casal trata Betânio à semelhança dos outros oito filhos que nasceram sem deficiência quer física, quer mental. Mas Almeida e Júlia mostram-se preocupados com o facto de serem discriminados pelos seus familiares. “Os nossos parentes distanciaram-se de nós devido à situação do nosso filho. Talvez eles quisessem que nós o

matássemos, mas não podemos porque ele também é pessoa e devemos tratá-lo assim como os outros”, desabafou a mãe do jovem.

O jovem casal disse que vive momentos extremamente difíceis, uma vez que Almeida Dias, chefe de família, é desempregado e sustenta o seu agregado familiar através de biscates. Júlia tem, por vezes, tentado trabalhar a terra com vista a produzir comida para o sustento diário. A sobrevivência do seu descendente, diga-se em abono da verdade, é garantida pelos crentes da igreja que eles frequentam. A congregação religiosa garante o vestuário e a assistência médica do jovem; para além disso, oferece 100 ou 200 meticais em dinheiro quinzenalmente.

Com o apoio do secretário do bairro onde reside, Betânio recebeu uma cadeira de rodas para a sua locomoção, mas esta não oferece condições, ou seja, não é compatível com a sua deficiência. Nesse sentido, os progenitores do jovem pedem ajuda a quem de direito para aliviarem o sofrimento do filho.

Refira-se que a Declaração dos Direitos das Pessoas Deficientes nos seus artigos sete, oito e nove declara à comunidade internacional que as pessoas deficientes têm direito à segurança económica e social e a um nível de vida decente e, de acordo com suas capacidades, a obter e manter um emprego ou desenvolver actividades úteis, produtivas e remuneradas e a participar nas actividades dos sindicatos.

As pessoas deficientes têm o direito de viver com as suas famílias ou com pais adoptivos e de participar em todas as actividades sociais, criativas e recreativas. Nenhuma pessoa deficiente será submetida, na sua residência, a tratamento diferencial, além daquele requerido pela sua condição ou necessidade de recuperação. Se a permanência de uma pessoa deficiente num estabelecimento especializado for indispensável, o ambiente e as condições de vida nesse lugar devem ser, tanto quanto possível, próximas da vida normal das pessoas da sua idade.

Previsão do Tempo
Sexta-feira 01 de Agosto
Zona NORTE
Céu pouco nublado localmente muito nublado. Possibilidade de ocorrência de chuvas fracas locais. Neblinas ou nevoeiros matinais. Vento de sueste a leste fraco a moderado.
Zona CENTRO
Céu pouco nublado localmente muito nublado. Neblinas ou nevoeiros locais. Vento de nordeste a leste a leste fraco.
Zona SUL
Céu pouco nublado localmente limpo. Neblinas ou nevoeiros matinais locais. Vento de nordeste fraco.

Sábado 02 de Agosto
Zona NORTE
Céu pouco nublado localmente muito nublado. Possibilidade de ocorrência de chuvas fracas locais. Neblinas ou nevoeiros matinais locais. Vento de sueste fraco a moderado.
Zona CENTRO
Céu pouco nublado localmente muito nublado. Neblinas ou nevoeiros locais. Vento de nordeste a leste fraco.
Zona SUL
Céu pouco nublado a limpo. Neblinas ou nevoeiros matinais locais. Vento de nordeste fraco.

Domingo 03 de Agosto
Zona NORTE
Céu pouco nublado localmente muito nublado. Neblinas ou nevoeiros matinais locais. Vento de sueste fraco a moderado.
Zona CENTRO
Céu pouco nublado localmente muito nublado. Possibilidade de chuvas fracas locais. Neblinas ou nevoeiros locais. Vento de sueste a leste fraco.
Zona SUL
Céu pouco nublado a limpo. Neblinas ou nevoeiros matinais locais. Vento de sueste a leste fraco a moderado.
Fonte: Instituto Nacional de Meteorologia

Diga-nos quem é o

XICONHOCA

Envie-nos um SMS para 90440

E-Mail para averdademz@gmail.com

ou escreva no Mural do Povo

Chuva destrói salas de aula e casas no Gurúè

Doze salas de aula construídas com base em material precário desabaram nos postos administrativos de Lioma e Mepuagia, no distrito de Gurúè, na província da Zambézia, em consequência de chuvas acompanhadas de ventos fortes que se fazem sentir nos últimos dias naquela parcela do país.

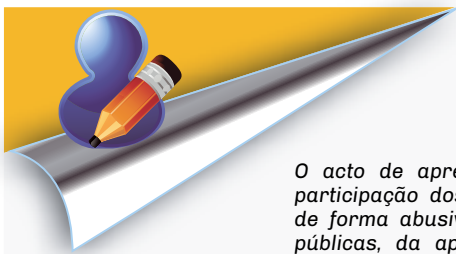
De acordo com Farias Noé, director dos Serviços Distritais

da Educação, Juventude e Tecnologia (SDEJT) no Gurúè, devido a este fenómeno, mais de 500 alunos estão sem aulas desde segunda-feira, 28 de Julho. Neste momento, não há alternativas para garantir a instrução dos petizes.

Aquele quadro distrital não descartou a possibilidade de esta situação influenciar negativamente o aproveitamento pedagógico dos alunos, uma vez que as aulas só poderão

ser retomadas quando as chuvas abrandarem.

Mesmo assim, a actividade de ensino e aprendizagem será realizada debaixo das árvores enquanto se criam condições para que as infra-estruturas destruídas sejam reconstruídas. De referir que, para além de salas de aula, oito casas de construção precária também ruíram por causa da chuva e de ventos fortes.



Livro de Reclamações d'Verdade

O acto de apresentar as suas inquietações no **Livro de Reclamações** constitui uma forma de participação dos cidadãos na defesa dos seus direitos de cidadania. Em Moçambique, assistimos de forma abusiva à recusa ou omissão, em muitos estabelecimentos comerciais e em instituições públicas, da apresentação do **LIVRO DE RECLAMAÇÕES** aos clientes, mesmo quando solicitado. Na ausência de uma autoridade fiscalizadora dos Direitos dos consumidores, tomámos a iniciativa de abrir um espaço para onde o povo possa enviar as suas preocupações e nós, o jornal @Verdade, tomámos a responsabilidade de acompanhar devidamente o tratamento que é dado às mesmas.

Reclamação

Saudações, Jornal @Verdade. Somos trabalhadores duma oficina de reparação de viaturas, sita na Praça de Touros, na cidade de Maputo, pertencente ao senhor Miguel Mbofana. Gostaríamos, através do vosso meio de comunicação, de expor algumas irregularidades perpetradas pelo nosso patrão, relacionadas com as precárias condições de trabalho a que somos sujeitos, a falta de consideração e de uniforme.

Para além de fornecermos serviços de bate-chapa, manuseamos produtos tais como óleos e combustíveis sem nenhum equipamento de protecção, o que tem ameaçado constantemente a nossa saúde. Estamos preocupados com esta situação porque, em parte, sofremos cortes nas mãos, sobretudo, sujamos bastante a nossa roupa e no nossos patrão não está interessado em resolver este problema, pese embora tenhamos falado com ele várias vezes.

O nosso chefe obriga-nos a trabalhar com nossa roupa mas não se preocupa com a nossa higiene individual e do próprio

lugar onde realizamos as tarefas que geram dinheiro para si e sua família. Ele não nos valoriza e os salários que auferimos não só não recompensam o trabalho que realizamos, como também não chegam para comprar sabão. Estamos agastados e a cada dia que passa ficamos sem forças para trabalhar.

Se não há condições para melhorar os nossos vencimentos, gostaríamos que o nosso patrão disponibilizasse ao menos material de trabalho, principalmente luvas e máscaras para a nossa protecção. Já tentámos conversar com ele sobre esta situação, mas tudo o que o senhor Miguel Mbofana diz não passa de promessas.

Já decorreram dois anos a trabalharmos num ambiente de insatisfação, sem meios de protecção, sem direitos a intervalo. Ele sempre promete mudar isto mas depois de encher o seu bolso com o dinheiro proveniente do nosso sacrifício esquece-se de que existimos e temos família. E gostaríamos, também, que o chefe nos tratasse como seres humanos e não como animais.

Resposta

Sobre este caso, o @Verdade contactou Miguel Mbofana, o proprietário da referida oficina. Ele reconheceu a inquietação dos seus funcionários e prometeu resolver o problema. Contudo, o nosso entrevistado avançou datas para o efeito. “A preocupação deles (os funcionários) é pertinente mas agora faltam recursos financeiros”.

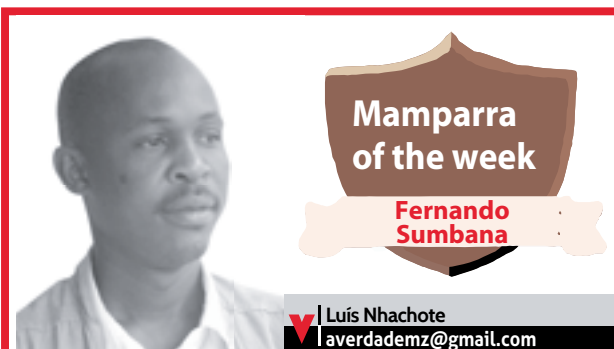
Num outro desenvolvimento, Miguel Mbofana garantiu que tem dado dinheiro, diariamente, para os seus trabalhadores cuidarem da higiene, principalmente para lavarem a roupa usada durante a reparação e manutenção de viaturas.

“O que falta é uniforme para o trabalho, mas tenho disponibilizado um valor para a compra de

sabão. Nisso não há razões de queixa”. Sobre os baixos ordenados de que os seus funcionários se queixam de auferir, o nosso interlocutor disse não está em condições de rever a situação mas, para minimizar o sofrimento do grupo em causa, há subvenções atribuídos pelo patrão em forma de trabalhos extras.

“Não há condições para aumentar os salários porque a oficina não tem rendido o suficiente para o efeito.

Tenho feito esforços, em coordenação com os funcionários, para trabalhar nos fins-de-semana para aumentar a renda de todos nós. E saímos a ganhar”, concluiu Mbofana.



Meninas e Meninos, Senhoras e Senhores, Avós e Avós

O mamparra desta semana é o ministro da Juventude e Desportos, Fernando Sumbana, que pura e simplesmente ignorou a selecção nacional de Tang Soo Do, chegada de fresco ao país com medalhas que elevaram bem alto o nome de Moçambique pelos quatro cantos do superfície terrestre.

Na bagagem da selecção nacional de karatecas, vieram quinze medalhas, sendo que destas cinco são de ouro. Sim, de ouro!

Foram essas medalhas de prata, bronze e ouro que fizeram com a que a nossa bandeira (vou agora plagiar o Presidente Guebuza - da “nossa pátria de heróis”) subisse no mastro do concerto das nações do Karate, sob a entoação do hino nacional, o Pátria Amada.

Mas lá está, para o ministro da Juventude e Desportos, o Tang Soo Do deve ser uma modalidade que não consta da propalada agenda de “combate à pobreza”.

De tão empobrecidos que são os enunciados desse “combate à pobreza”, ela mesmo (leia-se a pobreza) terá batido de forma retumbante no corpo e no espírito do mamparra desta semana!!!

Pobrememente Fernando Sumbana e os seus colegas do Ministério, votaram os atletas ao desprezo facto que pode ser comparável a uma mãe que abandona o filho depois de trabalho de parto!!!

Os nossos campeões mundiais, segundo soubemos, saíram do aeroporto como meros anónimos, orgulhosos pelas medalhas e tristes pelo pontapé na sua dignidade protagonizado pelo máximo descanso dos dirigentes da área. Um insulto ao esforço e a dedicação de quem transportou o país com fibras e garras. Sem direito a recepção e mensagem alguma de agradecimento!! Que barbaridade!!!

É o cúmulo da arrogância a passear, sem freios, a sua classe.

E porque é que toda a mamparrice do titular da pasta da Juventude e Desportos acontece?

Acontece porque a falta de consideração e respeito já não consegue ser escondido mesmo à luz do dia ao mais alto nível dos nossos dirigentes políticos, como agora foi demonstrado, sem pudor.

É o galopar da arrogância, a uma velocidade bastante assustadora, perante o silêncio cúmplice de todos nós.

Esse silêncio cúmplice deve ser imediatamente deitado no caixote de lixo da história, sob pena de muitos outros “Sumbanas”, cometerem um dia o adultério de chamarem o Tang Soo Do de “Pandza e Dzukuta” e nós, como patos domados, dizermos SIM!!!

Que raio de brincadeira é esta afinal? Que falta de consideração é esta? E já que perguntar não ofende: Senhor Ministro, o Senhor sabe o que é auto-estima? Se não sabe, procure-me, que gratuitamente lhe tirarei as dúvidas...

Alguém tem que pôr um travão neste tipo de mamparrices.

Mamparras, mamparras, mamparras.

Até para a semana, juizinho e bom fim-de-semana!

As reclamações apresentadas neste espaço são publicadas sem edição prévia, e da exclusiva responsabilidade dos seus autores. O Jornal @VERDADE não controla ou gere as informações, produtos ou serviços dos conteúdos fornecidos por terceiros, logo não pode ser responsabilizado por erros de qualquer natureza, ou dados incorrectos, provenientes dos leitores, incluindo as suas políticas e práticas de privacidade.

Escreva a sua **Reclamação** de forma legível, concisa e objectiva, descrevendo com pormenor os factos.
Envie: por carta - Av. Mártires da Machava 905 - Maputo; por Email - averdademz@gmail.com; por mensagem de texto SMS - para o número 90440.
A identificação correcta do remetente, assim como das partes envolvidas permitir-nos-á que possamos encaminhar melhor o assunto à entidade competente.

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

SMS: 90440
(válido nas redes 82 e 84 ao custo de 2 Mt)

Email: averdademz@gmail.com

WhatsApp: 84 399 8634

BBM Pin: 2ACBB9D9

twitter: @verdadeMZ

facebook: JornalVerdade



A verdade em cada palavra.



O Jornal mais lido em Moçambique.

Governo e Renamo ainda sem acordo definitivo

O Governo e a Renamo, o principal partido da oposição, ainda não alcançaram um acordo definitivo para o fim da tensão política no país, mesmo tendo concluído de forma consensual o “documento base” que estabelece os termos para a cessação dos confrontos, a reintegração nas Forças de Defesa e Segurança e reintegração social e económica dos homens da Renamo. É que no encontro da última quarta-feira (30) “um elemento adicional” foi colocado à mesa e levou ao adiamento do acordo final.

Texto: Alfredo Manjate • Foto: Eliseu Patife

Na ronda desta quarta-feira, quando se esperava que as delegações selassem, de uma vez por todas, o acordo na mesa das negociações, eis que um novo ponto é colocado em debate: a qualificação do que pode constituir mecanismos de garantias.

A Renamo levou à mesa do diálogo “elementos adicionais” sobre o mecanismo de garantias que as partes estavam por consensualizar. Este partido quer que fique claro de que forma estará acautelada a “amnistia” após a assinatura do acordo. Assim, o Governo vai analisar a proposta da Renamo sobre essa matéria.

“Tendo chegado ao consenso em torno dos mecanismos de garantia, a Renamo trouxe à mesa do diálogo alguns elementos adicionais às garantias e, perante esta apresentação, o Governo achou por bem receber e fazer uma avaliação sobre esses novos elementos”, anunciou o chefe da delegação do Governo, José Pacheco.

A Renamo, por sua vez, diz que não se trata de um aspecto novo, mas um elemento que ajuda, acima de tudo, a clarificar os mecanismos de garantia de que



não haverá responsabilização judicial após o acordo que será assinado.

“Entendemos que se tivermos esses instrumentos de garantias mais claros, disponíveis, mais credíveis, irão ajudar para que todo o processo seja, efetivamente, definitivo e duradouro e que vai trazer maior confiança entre as partes”, elucidou o chefe da equipa da Renamo, Saimone Macuine, quando questionado sobre tais elementos adicionais colocados à mesa do diálogo.

Diante dessa situação, a delegação governamental ficou de verificar se esses “elementos adicionais” trazidos pela contraparte não estão em desacordo com os termos de referência para os observadores militares internacionais e com os mecanismos de garantia. “Esse é um trabalho que deve ser feito para se fechar o processo”, disse Pacheco anunciando que mais rondas iam decorrer até ao acordo final.

Documentos “base e complementar” fechados

Na ronda desta quarta-feira (30), as delegações avançaram quanto ao documento sobre as garantias de que, neste processo, não haverá “caça às bruxas”, ninguém será penalizado por ter protagonizado ataques.

Este progresso verifica-se dois dias depois de se ter chegado a consenso sobre o “documento base” que estabelece os termos sobre a cessação dos ataques, reintegração dos homens da Renamo nas FDS e sua reinserção social e económica.

“Terminámos mais uma ronda, e mais uma vez com avanços pelo facto de termos fechado em definitivo as linhas de aproximação entre o Governo e a Renamo em torno dos termos de referência para os observadores militares internacionais”, disse Pacheco em conferência de imprensa.

Segundo o representante do Governo, foi também concluído “o pacote dos

mecanismos de garantia da implementação dos termos de referência para os observadores militares internacionais.

Assim, um novo encontro ficou marcado para segunda-feira e a expectativa das partes, mais uma vez, é que possam concluir os pontos em falta.

“Há toda a vontade, tanto da nossa parte e como de todos os envolvidos no processo com vista à conclusão do trabalho, em tempo útil e o mais rápido possível”, sublinhou Macuiane.

Quadro legal não fere acordo

Sobre o tratamento que será dado ao acordo final, Pacheco esclareceu que o quadro constitucional moçambicano “é suficientemente abrangente para acomodar o memorando de entendimento que está aqui a ser trabalhado”, e a cessação das hostilidades não viola a Constituição.

“A reintegração e a reinserção económica e social também não exigem lei específica porque o quadro legal moçambicano prevê estes actos e o princípio de os partidos políticos não serem detentoras de armas também é consubstanciado no quadro legal”, disse Pacheco.

O chefe da delegação do Governo explicou que um consenso sobre a cessação das hostilidades pressupõe que as pessoas que protagonizaram ataques não serão responsabilizados judicialmente.

Para esse o efeito, vai-se “trabalhar com os órgãos da justiça para haver esses elementos como garantia”.

Vinte e um membros da “Perdiz” definham nas celas do Comando Provincial da Polícia da República de Moçambique (PRM) em Nampula, na sequência das constantes torturas a que estão sujeitos, por parte da corporação.

Os visados fazem parte do grupo de ex-guerrilheiros do partido de Afonso Dhlakama encarcerados em Outubro do ano passado, indiciados de promoverem desmandos na localidade de Napome, distrito de Nampula-Rapale.

Dentre os detidos figuram José Cadeira, delegado político da Renamo, em Namaita, e um antigo comandante daquele movimento político, radicado em Mutivaze.

Segundo Pinoca Luxo, chefe da bancada da Renamo na Assembleia Provincial e chefe do gabinete eleitoral daquela formação política, a nível da cidade de Nampula, para além das constantes torturas, os membros da Renamo foram privados de todas as suas liberdades, facto que os impossibilita de manterem qualquer tipo de comunicação com as respectivas famílias.

Pinoca esteve detido cerca de dois meses e uma semana nas celas do Comando Provincial da PRM, em conexão com o mesmo caso, tendo sido solto a 31 de Dezembro passado. Durante o tempo em que esteve sob custódia policial, aquele dirigente político diz ter vivido situações dramáticas e atentatórias à vida humana, na

companhia dos colegas que ainda permanecem nas celas.

“Na minha vida nunca tenha vivido situações como aquelas por que passei nas celas da Polícia. Eu e os meus colegas que continuam detidos fomos sempre objecto de humilhação, perpetradas pelos agentes da Lei e Ordem. Alguns não resistiram e perderam a vida”, denunciou Pinoca.

A este grupo de indivíduos, de acordo com o nosso entrevistado, juntam-se outros seis que se encontram na Cadeia Civil de Nampula, transferidos das celas do Comando da Polícia naquela província. Pinoca Luxo conta que, desde que foram encarcerados, nunca foram ouvidos e nem sequer se conhece a data do seu provável julgamento.

Não obstante ter sido solto a 31 de Dezembro, o nosso entrevistado diz que continua a ser alvo de perseguições, por parte das autoridades policiais, ligadas à investigação criminal, depois de ter visto o seu processo devolvido do Ministério Público, supostamente, para mais depoimentos, tendo a última audição ocorrido na semana passada.

Em relação a esta matéria, a Polícia confirma a detenção de alguns membros da Renamo que supostamente desestabilizavam algumas regiões de Mutivaze e Gazuzo, nos distritos de Nampula/Rapale e Murrupula, mas escusa-se a entrar em detalhes.

As Forças de Defesa e Segurança (FDS) e os homens armados da Renamo confrontaram-se, na tarde do último domingo (27), na região de Mucodza, no distrito de Gorongosa, na província de Sofala. Na madrugada do mesmo dia, outro grupo das partes beligerantes protagonizou uma ofensiva no distrito de Mabote, na província de Inhambane.

Estes ataques aconteceram na véspera da 66ª ronda do diálogo político, entre o Governo e a Renamo, onde nesta segunda-feira (28) foram acordados os termos para a cessação das hostilidades, integração dos homens da Renamo nas FDS e a sua reinserção social e económica em diferentes sectores do país.

No centro de Moçambique, as FDS e os guerrilheiros da Renamo protagonizavam confrontos esporádicos desde 24 de Julho corrente, depois de semanas sem entrarem em choque, sobretudo no troço Muxún-guê/Save, considerado o corredor da carnificina.

Para além de Mucodza, os últimos tiros foram registados em Vundazi, Gravata e Phiro. Apurámos que os ataques resultaram numa emboscada montada pelos guerrilheiros do antigo movimento rebelde em Moçambique, em virtude de, supostamen-

te, as FDS disparem constantemente para o ar, deixando as comunidades em pânico, durante as suas incursões de reforço de posições em Gorongosa. Não há registo de óbitos, mas houve feridos.

Fontes do Hospital Central da Beira (HCB) asseguraram ao @Verdade que entre 24 e 27 de Julho em curso receberam 18 feridos devido a esses confrontos. Aliás, apurámos ainda que a 24 de Julho, as FDS caíram numa emboscada montada pelo guerrilheiros da Renamo na zona de Muculumazi, em Vunduzi, quando as mesmas forças governamentais protagonizaram disparos e assustaram as comunidades que se encontravam a fazer a colheita de mapira, facto que culminou com o incêndio de alguns celeiros.

Em Inhambane, os confrontos do último domingo aconteceram no povoado de Matleu, localidade de Papatane. Os disparos iniciaram-se por volta das duas horas de madrugada e prolongaram-se até às primeiras horas do mesmo dia, segundo o Mediafax. Citando uma fonte devidamente implantada no terreno da ofensiva, este diário informa ainda que um militar perdeu a vida no confronto. “Mas outros dados não chancelados pela Polícia em Inhambane sugerem a morte de cinco militares”.

Democracia

Falta de informação alimenta medo do ProSAVANA

Persiste o braço-de-ferro entre as Organizações da Sociedade Civil (OSC), sobretudo camponesas, e os Governos de Moçambique, Japão e Brasil, três países parceiros no ProSAVANA – programa de cooperação triangular para o desenvolvimento agrícola das savanas tropicais em Moçambique. Aquelas reclamam a falta de informação e defendem a interrupção imediata deste projecto e a redefinição, com o envolvimento de todos os interessados, das políticas agrárias que possam beneficiar o agricultor familiar.

Texto: Alfredo Manjate • Foto: Eliseu Patife

“Nós queremos sentar e redesenhar, desde a base, os programas de apoio aos camponeses. Nós não queremos o programa ProSAVANA no seu modelo actual”, afirmaram as OCS durante a II Conferência Triangular dos Povos – Moçambique, Japão e Brasil que juntou, na capital moçambicana, cerca de 250 pessoas oriundas dos três países.

No entanto, os três Governos, particularmente o de Moçambique, continuam a ignorar os protestos. Essencialmente, os camponeses contestam os moldes em que se pretende desenvolver o ProSAVANA, pois, no seu entender, o modelo previsto exclui os pequenos agricultores em benefício das grandes companhias que se dedicam ao agro-negócio.

Os camponeses receiam que os produtores industriais possam usurpar as suas terras, facto que pode gerar “comunidades sem terra.” Apesar de o Executivo moçambicano recusar a iminência desde fenómeno, não consegue apresentar argumentos suficientes para acalmar o temor dos homens e mulheres que dependem exclusivamente da terra para viver e, em contrapartida, os agricultores já falam de casos, embora isolados, de expropriação de terra por grandes companhias do sector agrícola.

Casos preocupantes ligados ao ProSAVANA

Como evidência de que o ProSAVANA é prejudicial, na província nortenha de Nampula, os camponeses apontam a empresa Mosaco que foi instalada, no distrito de Malema, à custa da retirada de dez famílias das suas casas e terras e a quem a empresa pagou uma compensação “insuficiente e injusta” no valor de nove mil meticais a cada uma delas.

A Mosaco é, efectivamente, uma empresa constituída por consórcios brasileiros e portugueses e está virada para a produção da soja, uma “monocultura” que, segundo especialistas, deve ser vista com “precaução” por ser susceptível de criar graves problemas ambientais, apesar do seu alto valor financeiro devido à demanda a nível mundial. Aliás, no seu plano estratégico, a Mosaco tem em vista alcançar os mercados europeu e dos Estados Unidos da América.

Já no distrito de Monapo, localidade de Nacololo, posto administrativo de Canacué, ainda naquela província, uma empresa sul-africana denominada JANI ocupou uma área de mil hectares, igualmente, para a produção de soja, estando, neste momento, a explorar 150 hectares. Do espaço ocupado pela empresa, dez hectares pertencem a um membro da União Distrital dos Camponeses de Monapo sobre o qual detinha o Direito de Uso e Aproveitamento de Terra (DUAT). Ainda no mesmo distrito, no posto administrativo de Itocolo, localidade de Meruto, a mesma empresa ocupou dois mil hectares pertencentes aos camponeses para a produção de soja.

Ora, diante destas evidências, o director provincial da Agricultura de Nampula, Pedro Dzucula, afirma que as empresas aqui citadas não estão envolvidas no ProSAVANA, mas noutros projectos agrícolas. Defende ainda que todo o processo de consulta antes da implantação das empresas foi seguido, existindo, inclusivamente, vídeos que comprovam esse facto.



Falta transparência

As OSC deixaram ficar, uma vez mais, a informação de que a sua grande preocupação resulta da falta de informação. Estas dizem que o Governo está a manter um ambiente de “secretismo” sobre um programa que diz respeito a uma grande parte da população moçambicana.

A interação com as OCS decorre de forma deficitária, apesar de os planos do Executivo fazerem referência à necessidade de diálogo inclusivo com todos os sectores interessados naquela matéria. Segundo os contestatários, esse facto acontece porque há uma clara intenção de se camuflar a verdade, pois nos encontros solicitados pelo Governo nenhum documento é disponibilizado para análise e, por vezes, mesmo a agenda só é divulgada no momento do encontro.

“Das vezes que nos convidaram para sentarmos à mesma mesa, fizeram-no faltando pouco tempo como se estivessem mais preocupados em cumprir formalismos que com a nossa presença. E mais do que isso, nunca disponibilizam os documentos para debate,” disse uma representante do Justiça Ambiental.

No entanto, o Governo e desta vez através do coordenador do ProSavana, Carlitos Dias, diz que o diálogo ocorre e o único desafio é alargá-lo até o nível das localidades. Por seu turno, o director nacional dos Serviços Agrários, Mohamed Valá, insiste em afirmar que o ProSAVANA contribuirá para a melhoria da vida das populações.

Ainda não há plano director

Um facto estranho, pelo menos para as OSC, é que oficialmente ainda não existe um plano director para a implementação do ProSAVANA apesar de já terem sido iniciadas as experimentações no terreno. Em 2013, o Governo prometeu que o referido plano estaria pronto até o mês Outubro daquele ano, depois prorrogou o prazo para Novembro. Mais tarde o Executivo estabeleceu o mês Fevereiro do ano em curso para a conclusão do plano director, mas até hoje não existe.

O coordenador do ProSavana ensaiou uma justificação que não convenceu os camponeses. Disse que a demora deve-se ao facto de se estar à espera das contribuições das OSC, pois o plano deve reflectir também as sensibilidades destas.

Queremos soberania alimentar

Enquanto o Governo insiste na garantia da segurança alimentar e nutricional, as OSC exigem soberania alimentar, ou seja, o direito de poder decidir sobre o que produzem, como o

fazem e o que comem. É que com o ProSAVANA pretende-se introduzir na produção agrícola moçambicana culturas que não são tradicionalmente produzidas no país, tal é o caso da soja e do gergelim.

Essa intenção é contestada, principalmente, pelo facto de estes serem produtos que se destinam à exportação para alimentar as indústrias internacionais, enquanto os moçambicanos continuam a passar fome. As OSC entendem que a soberania alimentar é a única forma que se deve adoptar para se evitar o fracasso na luta contra a fome.

Brasil e Japão atiram culpa a Moçambique

Os Governos de Brasil e Japão, também presentes na II Conferência Triangular dos Povos, alegam que os seus países estão envolvidos no ProSAVANA porque o Governo de Moçambique os solicitou e que, apesar de as políticas de implementação estarem a ser desenhadas em conjunto, eles obedecem ao que o país receptor do programa desenha.

O representante do Governo brasileiro, o secretário da embaixada daquele país da América do Sul em Maputo, Matheus Carvalho, disse que o seu país contribui para o desenvolvimento agrícola na área de pesquisa e tecnologia, bem como no melhoramento de sementes locais. Por outro lado, assegurou que fará diligências para que se alargue o espaço do diálogo e para que se responda à “Carta Aberta” escrita pelas OCS.

Por seu turno, o conselheiro adjunto da Embaixada do Japão, Jiro Maruhashi, referiu que o objectivo do ProSAVANA é garantir segurança e soberania alimentar nos pequenos agricultores e que irá respeitar as particularidades deste país. Este reconheceu que o programa baseia-se numa experiência brasileira que teve muitas falhas, mas defende que há coisas boas a serem tidas em conta.

O ProSAVANA será desenvolvido em 19 distritos, de três províncias, nomeadamente Nampula, Zambézia e Niassa e deverá ocupar uma área de 14 milhões de hectares.

Posição do Governo

Governo diz que o principal objectivo do ProSAVANA é contribuir para o aumento da produção e produtividade, segurança e diversificação alimentar em Moçambique e promover o desenvolvimento humano do país. Fundamenta que este programa é parte do Plano Estratégico de Desenvolvimento do Sector Agrário (PEDSA), cuja implementação toma em consideração todas as actividades ligadas à geração e transferência de tecnologias, provisão de insumos agrícolas; produção agrícola; actividades de processamento e comercialização que acrescentam valor aos produtos agrícolas, pecuários, florestais e faunísticos; e gestão sustentável dos recursos naturais.

“É, portanto, no contexto deste Plano que se situa o ProSAVANA, estando assente nos cinco pilares do PEDSA”, refere o documento sobre o posição do

Executivo em relação ao projecto.

O Governo defende que o ProSavana promove o desenvolvimento sustentável, integrado e inclusivo e reconhece a importância do sector familiar e o papel que os pequenos e médios agricultores desempenham na região do Corredor de Nacala no contexto da segurança alimentar do país. No actual momento, todas as actividades do Pro-SAVANA estão a ser realizadas no âmbito de um estudo nas áreas designadas no Instituto de Investigação Agrária de Moçambique e nas próprias machambas dos camponeses.

“Portanto, da sua implementação não decorrem impactos, directos ou indirectos, no que concerne à deslocação involuntária de pessoas, reassentamentos, devastação ou degradação do meio

ambiente ao longo daquele corredor”.

O Executivo sustenta que estão a ser tidos em conta, ainda, mecanismos de fortalecimento da capacidade de gestão em termos de regulação e orientação para o investimento agrícola responsável, promoção do registo de títulos de terras e a observância dos resultados do zoneamento agrícola realizado pelo Governo de Moçambique.

“As tecnologias desenvolvidas pela componente de investigação do ProSAVANA buscam alternativas sustentáveis de produção visando maximizar o uso dos recursos naturais. Nesse contexto, o Programa promove boas práticas agrícolas que incluem a agricultura de conservação, a consociação e o manejo integrado da fertilidade do solo, de pragas e doenças, e da gestão pós-colheita”.

Governo “recusa” auditoria no sector extractivo

O Governo moçambicano opõe-se à criação de uma entidade que se possa encarregar de auditar e fiscalizar as actividades relacionadas com as receitas e os recursos financeiros no sector extractivo.

Texto: Redacção

A proposta para a criação da supracitada entidade, que deveria designar-se “Alta Autoridade da Indústria Extractiva”, foi apresentada pela Comissão dos Assuntos Constitucionais, Direitos Humanos e de Legalidade (Primeira Comissão) da Assembleia da República (AR), em sede do Parlamento, durante a sessão na qual foi aprovada, na generalidade, a nova Lei de Minas.

Na ocasião, a ministra dos Recursos Minerais, Esperança Bias, opôs-se à ideia, sem, no entanto, apresentar um argumento claro que justificasse a sua posição.

Nos moldes em que foi apresentada, a entidade em causa seria uma pessoa colectiva de direito público, com autonomia administrativa e financeira, tutelada pelo Conselho de Ministros que, por sua vez, aprovaria o seu estatuto, poderes, a composição, as incompatibilidades, as competências, o funcionamento e a estrutura orgânica. Ela encarregar-se-ia de inspecionar os contratos e verificar a produção das empresas.

No entanto, a posição tomada pelo Governo levou a que a decisão sobre essa matéria fosse remetida à fase do debate desta lei na especialidade (artigo por artigo).

Para além daquela, foi apresentada, na mesma sessão, uma outra proposta pela Comissão de Agricultura, Economia e Ambiente (Quinta Comissão) sobre a criação de um Instituto Nacional de Minas, que se possa responsabilizar pelas directrizes para a participação dos sectores público e privado na pesquisa, na exploração, no tratamento e na exportação e importação de produtos mineiros e seus derivados, bem como na inspecção e fiscalização.

A Quinta Comissão explica que caberia a este instituto, entre outras actividades, elaborar e propor políticas de desenvolvimento do sector mineiro, bem como acompanhar a sua execução. Iria, igualmente, promover, apoiar e controlar, em coordenação com outras instituições, as actividades de reconhecimento, prospecção, pesquisa e extracção, uso e aproveitamento de recursos minerais, excluindo os hidrocarbonetos.

Esta proposta colheu o consenso dos parlamentares e do Governo. Todavia, a postura do Executivo face à proposta de Primeira Comissão, no entender da bancada parlamentar da Renam



mo, contraria o princípio de transparência que se pretende que seja observado em todos os processos inerentes aos recursos minerais.

Aprovada nova Lei de Minas

Com os votos das bancadas parlamentares da Frelimo e do Movimento Democrático de Moçambique (MDM), a Assembleia da República aprovou, na generalidade, a proposta da nova Lei de Minas que vem substituir a que está em vigor, desde 2002, e que já se mostrava desajustada da actual realidade do país. A bancada da Renamo absteve-se de votar.

Assim, com a nova lei pretende-se ajustar a legislação nacional à regional e internacional sobre a actividade mineira. Na fundamentação, o Executivo diz que o objectivo da revisão é adequar a lei em vigor às dinâmicas da actividade mineira, respondendo às demandas resultantes da necessidade de atracção de investimento para a produção e processamento interno dos produtos minerais.

A revisão visa, igualmente, para além de outros aspectos, “introduzir outros termos e condições para a transmissão de direitos mineiros, como forma de permitir que o Estado possa arrecadar uma receita justa, em virtude de transmissão destes direitos”.

Aspectos novos na lei

A nova Lei de Minas reserva aos cidadãos nacionais, o Certificado Mineiro para a realização da actividade mineira de pequena escala. No seu artigo 18, capítulo três, estabelece que “o Certificado Mineiro é atribuído à pessoa nacional, singular ou colectiva, com capacidade técnica e financeira para realizar operações mineiras de pequena escala”.

A mesma norma, ainda em debate no Parlamento, propõe que os contratos mineiros sejam publicados no Boletim da República (BR), antecedidos do visto do Tribunal Administrativo, num prazo de 30 dias. Este dispositivo retira, por outro lado, a questão da confidencialidade da informação comercial nos contratos e reforça a obrigatoriedade de consultas prévias aos habitantes, para efeitos de autorização do exercício da actividade mineira.

As operações mineiras, exceptuando as senhas mineiras, serão exercidas mediante um contrato de concessão resultante de concurso público simultâneo ou de negociação directa.

“Justa indemnização” às comunidades

Durante os debates ao nível da Quinta Comissão, um dos aspectos levantados pelos parlamentares está relacionado com a indemnização e os benefícios das comunidades locais onde decorre a actividade de exploração dos recursos minerais.

As propostas de Leis de Minas e de Petróleo – esta última ainda não foi submetida a debate em sede do Parlamento – não definem de forma específica os benefícios das comunidades que se encontram nas zonas de exploração dos recursos, limitando-se a apontar para que haja uma “justa indemnização”.

Essa forma genérica de determinar os benefícios não protege de forma clara os interesses das populações, daí que aquela Comissão entende que esse artigo devia determinar a percentagem destinada à população.

Sobre essa questão a ministra dos Recursos Minerais, na qualidade de representante do Governo, disse, em audiência com aquela equipa de trabalho, ser difícil fixar tal percentagem, alegadamente porque o país possui vários tipos de minérios de valor diversificado. “Pôr de forma expressiva e clara (a percentagem) é complicado”, afirmou.

Acrescentou, no entanto, que existe um regulamento de reassentamento aprovado pelo Governo no qual estão calculadas as formas de indemnização para cada caso que se verificar. Este instrumento, sustentou, aponta de forma muito detalhada como deve ser feita a indemnização.

“Antes deste regulamento as comunidades eram reassentadas em espaços pequenos e apertados, por isso, nós especificámos até o tamanho mínimo de terreno bem como da casa que deve ser dada aos reassentados. A casa deve ser do tipo três”, apontou a governante.

De acordo com a lei ora aprovada, “os direitos pré-existent de uso e aproveitamento da terra ficam extintos após o pagamento de uma indemnização justa aos utentes da terra e revogação nos termos da legislação aplicável”.

Segundo o mesmo dispositivo, os detentores de títulos mineiros devem assegurar postos de trabalho e formação técnica aos cidadãos nacionais, preferencialmente aos que residem nas áreas de concessão, bem como realizar actividades de desenvolvimento social, económico e sustentável naquelas zonas.

Cartoon

feminista Duroa

Guião: WLSA Moçambique/Desenhador: Terry



Democracia

Moçambique está no “TOP-10” dos países mais pobres do mundo

Moçambique é o décimo país mais pobre do mundo, de acordo com o relatório sobre o Índice do Desenvolvimento Humano (IDH) publicado recentemente na capital moçambicana no qual ocupa a posição 178 de um total de 187 países analisados.

Texto: Redacção

O documento do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) evidencia que Moçambique continua mergulhado na pobreza, não obstante os discursos optimistas dos governantes. Na classificação global que tem Noruega no topo da lista, Moçambique registou uma subida de sete lugares na pontuação global, passando da 185ª posição para a 178ª. Ainda assim, mantém-se no fundo da escala, ou seja, encontra-se entre as 10 nações mais pobres do mundo, a seguir a países considerados “falhados” como é o caso da Guiné-Bissau.

Entre os avaliados, Moçambique está em melhor situação que a República Centro-Africana, o Chade, a Serra Leoa, a Eritreia, o Burquina Faso, o Burundi, a Guiné-Conacri, o Níger e a República Democrática de Congo.

A presente qualificação explica-se pelo facto de os níveis de escolaridade, a esperança de vida e a riqueza do país continuarem a ser baixos.

O estudo da PNUD aponta que o valor do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) para o Moçambique subiu de 0.389, em 2012, para 0.393, em 2013. O IDH avalia o progresso do desenvolvimento humano a longo prazo, tendo como itens o acesso ao conhecimento e um padrão de vida decente e saudável. Assim, são tidos em conta factores como a esperança média de vida, os anos de escolaridade de cada cidadão e o Produto Interno Bruto (PIB) per capita expresso em dólares.

Nesta senda, a esperança de vida de um moçambicano é de 50 anos e a expectativa de permanecer na escola é de 9 anos. Na prática, os progressos que o país registou e que permitiram a sua subida na tabela classificativa são anulados quando se olha para a realidade em que vive a maioria dos moçambicanos e que o próprio relatório ilustra: sete em cada 100 crianças morrem antes de atingirem os cinco anos de vida, há falta de alimentação adequada ou básica, e um deficiente sistema de saneamento que aumenta o risco de infeções que impedem o crescimento das crianças.

A pesquisa revela ainda que mais de 70 por cento da população continuam “multidimensionalmente pobre” e o resto encontra-se igualmente perto da pobreza multidimensional, isto é, vive com pouco mais de 1 dólar por dia.

De acordo com o documento, o IDH de Moçambique é inferior ao IDH médio dos países do grupo de Desenvolvimento Humano Baixo, que é de 0.493.

Ao nível de grupos regionais e blocos económicos/linguísticos, o nosso país está igualmente na cauda. É que os índices de crescimento económico que o país regista não se reflectem, ainda, na vida da esmagadora maioria da população. A pobreza ainda desfila no seio da grande família moçambicana. E ao nível do continente africano, a lista é liderada pela Tunísia na posição 90, seguida da Argélia (93), o Botsuana (109), Egipto (110) e a África do Sul (118).

Áreas vulneráveis

Em Moçambique, os sectores da educação, saúde, género, gravidez precoce, acesso ao emprego, desastres naturais, entre outros, são os apontados como os mais vulneráveis.

“Moçambique deve diminuir a vulnerabilidade permitindo maior acesso à saúde e educação e investir atempadamente no desenvolvimento das capacidades dos cidadãos, desde a infância, por forma a criar melhores perspectivas para o indivíduo ao longo da vida. Acções concretas para lidar com as fragilidades de modo a preservar e garantir os ganhos realizados no progresso humano são urgentes”, diz o relatório.

O documento recomenda que haja provisão universal de serviços de “protecção social robusta” e políticas de emprego para a juventude.

“Em Moçambique para cada 100 mil nascimentos, 490 mulheres morrem de causas relacionadas com a gravidez e a taxa de natalidade em adolescentes é de 138 nascimentos por cada mil crianças nascidas vivas e a participação feminina no mercado do trabalho é inferior em comparação com os homens, sagrando-se numa diferença de 26 por cento para mulheres e 75 por cento para homens, respectivamente”.

Segundo a representante da Organização das Nações Unidas em Moçambique, Jennifer Topping, as ameaças tais como a crise financeira, a inflação dos preços dos alimentos e os conflitos violentos fazem com que se percam vidas e fontes de sustento e desenvolvimento, por isso é fundamental que se procurem meios de se superar tais situações, “pois os obstáculos que aparecem nos primeiros três anos de vida de uma pessoa são difíceis de ultrapassar e podem ter repercussões mais graves ao longo do tempo”.

Topping realçou a necessidade e a importância de se ampliar programas como Acção Social do Género, da Pessoa Idosa com Deficiência, da Criança e os sistemas

produtivos de protecção social.

O Índice de Desigualdade de Género é interpretado pelo relatório como a perda no desenvolvimento humano devido à desigualdade entre as realizações femininas e masculinas, em três dimensões: saúde reprodutiva, empoderamento e em actividades económicas. Lembre-se que o empoderamento é medido pela proporção de assentos parlamentares ocupados por mulheres. No nosso país essa taxa é de 39 por cento.

Défice orçamental fragiliza Assembleia Provincial de Nampula



Texto & Foto: Redacção

O desempenho da Assembleia Provincial de Nampula (APEN), órgão fiscalizador das actividades do governo provincial e de pressão sobre o cumprimento dos respectivos planos, está condicionado ao reforço da sua capacidade orçamental, por parte do executivo. Para este ano, a APEN tem um défice de cerca de 30 milhões de meticais, facto que dificulta a execução das suas actividades.

A APEN está mergulhada num mar de dificuldades que vão desde a falta de materiais de trabalho, passando pelos meios de locomoção até aos subsídios para os seus membros. Devido a estas e outras situações de índole administrativa e financeira, algumas actividades previstas para o presente ano ficarão de fora e com reflexos negativos na vida das populações.

Para este ano, aquela instituição recebeu do sector do Plano e Finanças, uma verba de 32 milhões de meticais, contra pouco mais de 60 milhões necessários. O director do Secretariado Técnico da APEN, Amisse Cololo António, já anunciou o esgotamento da rubrica destinada à prestação de serviços internos, ou seja, o chamado fundo de maneo. A partir do próximo mês de Outubro, os deputados que se “atreverem” a viajar para os distritos para missões de fiscalização do Plano Económico e Social (PES) fã-lo-ão por meios próprios.

Além disso, o subsídio de representação que, normalmente, é pago aos deputados que participam das sessões de trabalho só será desembolsado durante a X sessão ordinária daquele órgão, a decorrer de 4 a 8 de Agosto corrente.

Membros da Assembleia Provincial preocupados

Reagindo a esta notícia, a chefe da bancada da Frelimo, Helena Aliante, mostrou-se preocupada com a fraca capacidade financeira da Assembleia Provincial de Nampula. A nossa interlocutora diz que o assunto já foi submetido ao governo provincial.

A nossa entrevistada considera haver muitos desafios para os membros daquele órgão, quando restam ainda poucos meses para o término do mandato. Apesar dos resultados que estão a ser alcançados, sobretudo, nos domínios da agricultura e pecuária e no incremento da economia da província, existe ainda um longo caminho a percorrer, rumo ao combate à pobreza.

Pinoca Luxo, chefe da bancada da Renamo, considera a falta de meios algo propositado, como forma de dificultar o processo de fiscalização das actividades do governo provincial. Os membros daquela formação política, segundo a nossa fonte, têm vindo a pressionar o executivo no sentido de este honrar algumas das suas promessas, mas estas mensagens não são acatadas.

Criada ao abrigo da Lei 5/2007, de 9 de Fevereiro, a Assembleia Provincial é uma entidade representativa dos interesses populares e com poderes deliberativos sobre os vários projectos da vida política, social, económica de cada uma das províncias, incluindo a cidade de Maputo.

Em Nampula, aquele órgão conta com 91 membros, distribuídos pelos partidos Frelimo (77), Renamo (12) e Movimento Democrático de Moçambique (dois). Em termos de composição, a APEN congrega cinco comissões de trabalho, designadamente, Comissão para Assuntos da Legalidade, Ordem, Segurança Pública, Assuntos Económicos e Desenvolvimento Local, Assuntos Sociais e Ambiente, Governação Local e Administração Pública, e de Plano e Finanças.



Cidade criminosa!

Para se sentir cidadão, o homem contemporâneo precisa de dispor de infra-estruturas sociais que lhe garantam a dignidade, devendo, ao mesmo tempo, assegurar o equilíbrio no sistema ecológico. Estimado leitor, compreenda, a seguir, os sintomas que tornam a capital moçambicana, Maputo, numa cidade criminosa.

Texto & Foto: Inocêncio Albino



Em 2007, segundo as estatísticas oficiais, a cidade de Maputo possuía 1.094.315 de habitantes, sob a direcção do presidente do Conselho Municipal Eneas Comiche. De forma clara e pública, o sociólogo moçambicano, Carlos Serra, fez a seguinte denúncia: “O aquecimento global de que tanto se fala fez aumentar, na última década, alguns centímetros ao nível do mar”.

E argumentou: “Há anos, antes de existir a barragem dos Pequenos Libombos, todas as semanas, a draga da capitania dragava o canal do porto de Maputo. A barragem terá sido construída sem uma eventual análise do impacto no ambiente. Desde a sua edificação que não há dragagem, logo não há reposição das areias de aluvião do rio na baía. Devido às suas correntes, o mar retira areias, quer da baía quer das margens que são a marginal”.

Embora a sua carta-denúncia, emitida ao governante e por extensão ao Governo, tenha sido profundamente fundamentada, a sua mensagem – como, provavelmente, acontecerá com esta matéria – não foi acatada.

Mais do que expressão de algum tipo de nostalgia ou de saudosismo, constatar que, antigamente, “atrás da marginal existia um pântano de mangal costeiro onde, na maré cheia, o mar se espalhava” – e chamar a atenção para o problema que, devido à sua degradação, surgiria –, revela uma consciência ambientalista de que a maior parte dos moçambicanos ainda carece. Entretanto, em contra-senso, ignorando-se que “o peso dos edifícios impede o lençol freático de trabalhar segundo as suas próprias regras, esse mangal/pântano foi ocupado, roubado ao mar” para dar lugar à criação de prédios.

Porque “a duna costeira – formada por um ecossistema equilibrado de areias, plantas que a suportavam e árvores – rapidamente foi destruída pela intervenção humana”, naturalmente, como consequência, “deixa de haver ponto de quebra da força do mar”, gerando-se uma “incapacidade de infiltração da água na duna costeira”.

Primeira atrocidade ecológica

Embora o crime ambiental seja um conceito lato e, por isso, de difícil definição, muitas vezes, torna-se complicado ignorar uma sucessão de atrocidades ecológicas que (desde o tempo colonial até aos dias actuais) continuam a ocorrer no centro de Maputo, quase sempre, contra planos aprovados pelo Governo.

O primeiro acto que tornou Maputo nesta cidade criminosa, como testemunha o célebre arquitecto moçambicano, José

Forjaz, sucedeu ao longo da década de 1960, “quando naquela região que pertencia à Administração de Marracuene, se permitiu a destruição do mangal com a construção do bairro do Triunfo. Na altura, a Administração de Lourenço Marques, o antigo topónimo desta urbe, tinha negado autorizar a realização de construções naquele espaço”.

Esse foi o primeiro erro ecológico (diga-se, grave), porque se violou o princípio da protecção das terras baixas e dos mangais. No entanto, os homens não se redimiram da sua falha. Os seus desvios agravaram-se com o curso do tempo de tal sorte que, diz o arquitecto, “se gerou uma posição tacitamente aceite por todas as pessoas, sobretudo pelas autoridades administrativas, como natural”. É que da forma como o assunto está a ser tratado, edificando-se empreendimentos económicos na frente marítima – muitas vezes sem se acautelar dos seus impactos ambientais – compreende-se que está a ser autorizada a destruição progressiva e intensiva do mangal.

Toda esta loucura social, e mais alguma coisa, vista a olho nu, manifesta-se perante uma gritante incapacidade de resposta para controlar o trauma diário que causa à maioria dos (seus) habitantes em condição miserável.



Embora haja, na referida região, um aglomerado de residências que historicamente se chamam Triunfo, tal bairro não existe. “Esse nome tem a ver com o triunfo sobre a natureza. Pensa-se que nós triunfamos porque conseguimos colocar um assentamento humano numa área completamente inóspita, que é o mangal que ali há”, esclarece o jurista-ambientalista moçambicano, Carlos Serra, reiterando que o bairro chama-se Costa do Sol.

Portanto, aquelas casas foram erigidas à custa de assentamentos de areia e da primeira perda da cobertura do mangal que exercia um papel muito importante no equilíbrio ecológico. Um crime ambiental.

A própria construção da Avenida Marginal demasiado próxima à linha praia-mar foi um erro, porque a circulação constante na praia produziu uma degradação imediata da vegetação que ali se tinha. “A perda da vegetação nativa – que ocorre desde o período colonial – conduziu à degradação das dunas, o que acelerou a erosão costeira, porque a vegetação autóctone exclui qualquer tipo de árvores que se possam recolocar”.

Já naquela época, para corrigir os erros cometidos, plantou-se ao longo da marginal um conjunto de eucaliptos e casuarinas. O problema é que – de acordo com estudos especializados – essas espécies aceleram a erosão costeira. Desta experiência, a praia da Costa do Sol, cujas terras estão completamente erodidas, é uma prova.

Presentemente, decorre em Maputo o projecto da recuperação da orla marítima, uma iniciativa espectacular, que seria muito melhor se, desde logo, se reconstituíssem as dunas e, com elas, se introduzisse a vegetação nativa para retê-las. O problema é que, com a edificação do Mercado do Peixe, parece que se vai cometer um novo erro.

O ambientalista explica que “ainda que digam que o fizeram, nenhum estudo de impacto ambiental poderia concluir que existe viabilidade para se implantar um mercado na última zona dunar de que dispomos em Maputo”.

Destaque

Maputo está doente

Embora se dissemine que Maputo é uma cidade próspera, bela, limpa, segura e solidária – discurso constructo que faz com que os (demais) moçambicanos visualizem nesta uma espécie de Meca para a qual devem peregrinar todos os seus problemas – a verdade é que a nossa urbe-mãe padece de inúmeros problemas.

No ano 2007, tínhamos o já referido índice demográfico e um parque automóvel constituído por 240 mil carros. Segundo o Instituto Nacional de Transportes Terrestres, esse número duplicou. No final de 2013, em Maputo havia 408,618 viaturas que – como aconteceu em 2007 – nunca conseguem satisfazer as necessidades de transporte dos munícipes. Se por um lado, a densidade populacional tenha evoluído, por outro, a capacidade de resposta às suas demandas sociais regrediu.

No mesmo intervalo de tempo, também há um 5 de Fevereiro de 2008 em que populares se manifestaram contra a crise de transportes, na verdade, uma espécie de pretexto para se contestar o custo de vida que, há bastante tempo, se fazia sentir. Pelos mesmos motivos, porém, desta vez, com impactos catastróficos – houve roubos, sabotagem e destruição de infra-estruturas sociais, incluindo o ferimento e mortes de civis vítimas de balas perdidas – fenómeno similar replicou-se entre 1 e 2 de Setembro de 2010.

Em 2011, a Empresa dos Transportes Públicos de Maputo anunciou que, para fazer face ao problema dos transportes, precisava de adquirir mais 180 autocarros para adicioná-los à frota de 198 de que dispunha. Por sua vez, a Federação Moçambicana dos Transportes Rodoviários necessitava de 1.500 autocarros com uma capacidade superior a 30 lugares para estancar o drama.

Falou-se e escreveu-se bastante acerca desta realidade, mas nada foi resolvido. Muito recentemente, em 2013, mais uma crise – resultante do custo de vida e de alguma injustiça social – rebentou no seio de quem tem a missão de salvar a vida humana. Durante cerca de um mês, os médicos protagonizaram uma greve nacional cujo epicentro se verificou em Maputo. Eles reivindicavam a melhoria da situação salarial e das condições laborais, entre outros problemas. Acabaram por abortar a sua contestação.

Em resultado desta situação, neste segundo decénio do século XXI – em jeito de desaforo, afirma certo peão – “continuamos a ser uma cidade capital completamente desprovida de um sistema de transportes. Em consequência disso, a grande maioria dos cidadãos maputenses circula em condições desumanas”.

Todos estes tópicos de que, de forma esparsa, nos lembramos aqui, provavelmente, não são crimes ambientais no sentido jurídico da palavra, mas configuram a dimensão mais dura da realidade porque os seus efeitos se fazem sentir no homem, componente essencial do/no sistema ecológico.

Situação revoltante

No bairro suburbano de Hulene, onde se encontra a maior urna da imundície urbana, há moçambicanos que coabitam com o lixo em montão. Mas o problema da sujidade não é exclusivo das zonas suburbanas. Como atesta uma pesquisa recente, realizada pela Associação Internacional de Voluntários Leigos, diariamente, a cidade de Maputo produz 1.100 toneladas de resíduos sólidos, 900 das quais são depositadas na lixeira de Hulene.

Três mil toneladas de resíduos, produzidos anualmente, são compostas por material plástico. A má gestão desse tipo de lixo é um atentado grosseiro ao sistema ecológico, incluindo a vida humana.

O arquitecto José Forjaz é mais incisivo na sua análise à situação. Diz ele que “99,9 por cento dos nossos concidadãos não têm a noção clara do que é um território ecologicamente sustentável. Neste número incluo as autoridades administrativas, em geral”.

Por sua vez, Carlos Serra, o jurista-ambientalista, corrobora com essa sentença e argumenta que a inconsciência ambiental é generalizada e tem a ver com a dominante insensibilidade da nossa população em assuntos ecológicos.

Estas situações reforçam a crença de que, muitas vezes, estes crimes não se devem a algum tipo de instinto criminoso. Eles têm a ver com a ignorância existente em relação à cultura

ecologista. É evidente que uma urbe que possuísse uma população mais esclarecida – e para isso era necessário que todo o povo moçambicano tivesse outro nível cultural que ainda não atingimos – haveria uma reacção popular mais forte. Talvez, poder-se-ia lutar contra estes desvios urbanísticos.

Por exemplo, a recente autorização para a construção de um banco no Parque dos Continuadores e a destruição parcial de um jardim, na Avenida 24 de Julho, para dar lugar à implantação de um edifício, não só atestam uma série de atentados contra os espaços verdes de Maputo, como também revelam a profunda ignorância de quem está na posição de tomada de decisão em relação à relevância de se manter o equilíbrio ecológico.

“Julgam que todos estes pequenos favores que fazem aos seus correligionários políticos não geram impactos ambientais. A verdade é que produzem consequências ecológicas muito graves. As gerações futuras vão pagar um preço muito alto pelo que está a acontecer agora”, alerta Forjaz.

Continuamos a ser uma cidade capital completamente desprovida de um sistema de transportes. Em consequência disso, a grande maioria dos cidadãos maputenses circula em condições impróprias.

2008 5 de Fevereiro		Populares manifestam-se contra a crise de transportes e o custo de vida.
2010 1 e 2 de Setembro		Greve contra a falta de transportes e o custo de vida. Ocorreu a destruição de infra-estruturas sociais, o ferimento e mortes de civis vítimas de balas perdidas.
2013 Maio		Pessoal médico revolta-se contra o custo de vida e a injustiça social, protagonizando uma greve nacional em que reivindica a melhoria das condições salariais e laborais.

Por isso, o que nós precisamos – com alguma urgência a nível do município – é de uma forte abordagem ambiental para a cidade. Ou seja, é importante que a componente ecológica seja considerada uma prioridade no desenvolvimento urbano. “O problema é que os políticos não entendem que quem defende o ambiente, automaticamente, oferece uma vida melhor à humanidade”.

Todos os dias, em Maputo, indivíduos de todas as idades disputam um assento nos “my love”, como se chamam as carrinhas de caixa aberta em que, neste Moçambique contemporâneo, agindo contra a própria vontade, forçados pela realidade, eles atentam contra a própria integridade física a fim de se deslocarem de e para qualquer ponto da cidade.

A mendicidade e a abundância de meninos de rua, além de homens e mulheres que – dado o custo de vida com que se debatem – se prostituem para garantirem a sua própria sobrevivência, são alguns fenómenos revoltantes que chocam com o nosso olhar socialmente indiferente. Toda esta loucura social, e mais alguma coisa, vista a olho nu, manifesta-se perante uma gritante incapacidade de resposta para controlar o trauma diário que causa à maioria dos (seus) habitantes em condição miserável.

Maputo não está a conseguir fazer jus ao discurso constructo com o qual as nossas administrações a vendem aos turistas, afinal – na verdade, como comenta o jornalista Alexandre Chauque – a cidade era bela quando “não havia tantos carros a que-

rerem passar todos de uma só vez. (...) Outra vergonha são os ‘chapas’ que circulam... sem obedecerem à conduta estabelecida pelo código de estrada”. E desabafa: “Fico com a impressão de que os ‘chapeiros’ mandam mais que o Presidente da República”.

“Como compreender, por exemplo, que um semáforo activado não cumpra a sua função porque o cidadão não respeita o sinal, ou o desmantelamento do comércio na via pública sob o pretexto de saneamento, se tal comércio informal proporciona boa percentagem das receitas fiscais urbanas?” Esta é a questão de Rafael Bernardo Mouzinho que, em Maputo, vê uma espécie de “praga de pessoas como de viaturas”.

Diante de tudo isto, o antigo Primeiro-Ministro moçambicano, Aires Ali, rebela-se e defende que a cidade de Maputo “não se quer fora do verde que vivifica, não se quer longe da geografia do seu nascimento. Ela quer ser limpa, elegante, bela e cosmopolita”.

Paradoxos e incertezas

Conforme o discurso oficial, Maputo está a observar um processo de modernização. Os constantes edifícios que se erguem, diz-se, atestam essa transformação. Mas enquanto proliferam as iniciativas de criação de habitações – como, por exemplo, os projectos Intaka, Casa Jovem e a Vila Olímpica –, a capacidade socioeconómica para os jovens adquiri-los contrai-se. Por essa razão, a maior parte de nós os jovens tem sérias dificuldades para obter uma habitação digna.

O consultor Inácio Noa enfatiza que para a camada juvenil o problema de habitação é sentido numa forma clara e é explicado pela dificuldade no acesso à terra e pela falta de condições financeiras para construir moradias.

O crescimento demográfico (estima-se que em 2025 seremos 33.2 milhões de habitantes, 34.9 por cento dos quais viverão nas cidades) é também um assunto ecológico porque, além de implicar um aumento da pressão quanto ao emprego, à segurança alimentar e ao crescimento urbano acelerado, contribui para a degradação do ambiente e no crescimento do sector informal.

De todos os modos, é animador saber que o aumento da população urbana, como explica o economista moçambicano Prakash Ratilal, acrescenta novos desafios e oportunidades na criação de emprego, de transportes públicos, habitação, saneamento, salubridade, na produção e consumo de alimentos e na segurança dos cidadãos. Outro factor tranquilizador ainda é que, se estas oportunidades se concretizarem, haverá impactos directos no crescimento económico. No entanto, em sentido contrário, a situação será desoladora: “A taxa aliada de crescimento da população poderá assim tornar-se uma séria ameaça de estabilidade social, económica e também política”.

Destaque

Por essa razão, se construir edifícios novos é modernizar o país, esse pressuposto deve perpassar esta simples especulação desenfreada do solo urbano, para benefício de entidades privadas e administrativas, cujo objectivo primário, único e último é render muito dinheiro em pouco tempo, em prejuízo da ecologia.

A nossa experiência citadina mostra-nos que a disfunção do sistema de esgotos e saneamento do meio, os passeios diariamente maltratados e nunca repostos em ordem, atentando contra a circulação de qualquer mortal, a falta de um sistema de transportes públicos adequados, a invasão das viaturas – em resultado da insuficiência de parques de estacionamento – ao espaço do peão, a não disponibilização da energia eléctrica em quantidade e qualidade suficientes, a superprodução e a má gestão do lixo poluindo o ar, entre outras ocorrências com que todos nós nos confrontamos, nesta Maputo contemporânea, são factos que nos recusam o estatuto de capital de um país e de uma cidade moderna.

Precisamos de compreender que a modernidade tem a ver com a habilidade de se garantir a disponibilização e o funcionamento de todas as condições infra-estruturais suficientes para se manter a dignidade humana. A densificação da nossa cidade deve ser acompanhada de uma capacidade proporcional de infra-estruturas sociais.

Inundamos a praia com lixo

No porto com o mesmo topónimo da cidade, nas proximidades da Fortaleza de Maputo, na Avenida 10 de Novembro, o impacto económico do mar é imediatamente exibido pela feira de mariscos ali estabelecida. Vendem-se produtos diversificados como, por exemplo, peixe na sua variada forma e tipo, camarão, lulas, caranguejos e ameijoas. Moçambicanos e moçambicanas de idades diferentes protagonizam esta actividade comercial a partir da qual não só se garante a subsistência diária das famílias, como também a estabilidade económica e a formação, em termos de ensino, dos seus filhos.

Um pouco depois do Shopping de Maputo, o maior centro comercial do país, sobretudo nas noites de Verão, ocorre uma feira gastronómica complementada com diversas bebidas alcoólicas. Por se encontrar na referida avenida, os jovens, os seus principais utentes, chamam-na “Na 10”. Ali, mais uma vez, homens e mulheres de negócio instalam pequenos stands comerciais (móveis e imóveis) e preparam refeições para comerciar.

A Avenida 10 de Novembro é um verdadeiro espaço de diversão e lazer nocturno a céu aberto. Parqueiam-se viaturas, toca-se música a um volume ensurdecedor, diverte-se, durante toda a noite, criando-se uma espécie de submundo na cidade de todos nós em que quase tudo – incluindo actos que atentam contra o pudor e a postura municipal como, por exemplo, cenas de sexo – acontece ao relento.

Alcoolizados, alguns quase inconscientes, os utentes daquela zona de diversão desferem duros golpes e ofensas ambientais no mar, transformando-o numa espécie de urna em que depositam garrafas de cerveja e preservativos recém-utilizados. Vale a pena recordar-se de que, em 2013, o Governo moçambicano criou um regulamento que disciplina os moçambicanos em relação à absorção do álcool. No entanto, apesar dos 2.5 milhões de pessoas que morrem



por ano em sinistros originados por excesso do consumo de álcool, a constatar pela realidade, a boa intenção da regra soou mal aos ouvidos dos visados.

Entretanto, se, como ilustram as fotografias, o lixo que se deposita na praia da Katembe – para onde vamos, a partir do centro da cidade – é naturalmente expelido na costa, pouco se pode dizer dos impactos que causa na saúde do mar e dos seres aquáticos.

O jurista-ambientalista Carlos Serra, a par dos seus colegas, também teve uma experiência lamentável na Avenida 10 de Novembro. Recorda-se ele de que, “muito recentemente, a fazer filmagens na cidade, encontrámos pessoas – as mesmas que cozinham e vendem refeições – que haviam pernoitado ali. Algumas estavam deitadas, junto das suas panelas e comidas, num lugar com um odor nauseabundo de vómitos, urina e lixo”.

Nas primeiras horas do dia, antes de os zeladores da limpeza fazerem a recolha da imundície resultante da diversão, sempre voluptuosa da noite anterior, é possível ver-se na estrada um monte de lixo constituído por garrafas partidas, restos de comida, material plástico como, por exemplo, copos e pratos descartáveis ao longo do troço onde se encontra o edifício em que, semanalmente, o Governo se reúne em Conselho de Ministros. Aqui não há respeito pelas autoridades.

O mar está a ‘comer’ a terra...

Vista daqui, praia da Katembe, a cidade de Maputo está a densificar-se com um monte de pedra e betão – em forma de edifícios. É como se na capital moçambicana, onde a quantidade de viaturas (quase) supera a de pessoas, não existisse nenhuma forma de vida. Mas aqui, onde nos encontramos, fica-se com a impressão de que reagindo aos crimes ambientais, o mar está a ‘comer’ a terra, ao mesmo tempo que, em sentido contrário, a terra, através das residências que se edificam na frente marítima estivesse a aproximar-se mais do mar. O fenómeno é intrigante.

Conforme afirmámos nos primeiros parágrafos desta matéria, por várias razões – mas definitivamente, por não existir uma tipificação penal, o que implicaria uma sanção e uma pena para o infractor – sob o ponto de vista jurídico, em Moçambique não existe nenhum tipo de crime ambiental. E aqui, vale a pena, a explicação do jurista Carlos Serra: “Embora tenhamos todas estas infracções a acontecerem, juridicamente, neste momento não podemos falar de crimes ambientais porque um desvio só se torna criminoso quando uma lei

Eu não visito nenhuma praia em Maputo, porque todas são superlotadas de banhistas e têm o problema do lixo e das águas sujas. As pessoas compram comidas e bebidas e – depois consumidas – atiram a sujidade ao mar. Não há nenhum trabalho de educação cívica. Por isso, a situação em que nos encontramos é terrível.



Destaque



Muito Lixo e perigo à espreita

Entre os restos de barcos que, há anos, se encontram nas águas da Katembe encardindo-as, o lixo que se deita a partir da Avenida 10 de Novembro e que é, naturalmente, expelido para a praia e os resíduos que cada cidadão, indelicadamente, deposita no mar, ficamos sem saber o que é menos grave. A verdade é que a praia da Katembe está a ficar imunda.

Por outro lado, os resíduos que se produzem a partir da Avenida 10 de Novembro são deslocados para um lugar inimaginável, a costa do Lígamo. Naquela mangal existem toneladas de lixo plástico que chegam lá seguindo o efeito das marés e infiltram-se acumulando-se com tempo. Neste momento é difícil definir, entre todos estes, o principal perigo grande e real, porque a praia da Costa do Sol, por exemplo, se debate com o problema da inquinação desde o tempo colonial.

O progressivo inquinamento, por falta de tratamento dos esgotos e por não se restringir o descarregamento de afluentes nocivos industriais na baía, cria uma situação sanitariamente grave, sobretudo, quando as praias são muito usadas, como acontece no Verão.

José Forjaz classifica a inquinação marinha como um crime ambiental muito grave e preocupante, porque gera um “perigo iminente e profundo para centenas de milhares de banhistas”. Nesse sentido, refuta o facto de não haver nenhum programa – da parte do Governo – para consciencializar e prevenir as pessoas, pese embora se conheça a situação.

Enfim, até o músico e escritor moçambicano, Hortêncio Langa – que na década de 1990 criou a mais célebre ode à cidade de Maputo – tem imensas dificuldades em reconhecer a beleza da urbe. “Eu não visito nenhuma praia em Maputo, porque todas são superlotadas de banhistas e têm o problema do lixo e das águas sujas. As pessoas compram comidas e bebidas e – depois de consumi-las – atiram a sujidade ao mar. Não há nenhum trabalho de educação cívica. Por isso, a situação em que nos encontramos é terrível”.

A educação ambiental está a ser considerada um apêndice, um complemento, e não algo prioritário que devia fazer parte do plano curricular. O problema é que os políticos não entendem que quem defende o ambiente, automaticamente, oferece uma vida melhor à humanidade.

penal o tipifica como tal, o que se considera uma ofensa grave em termos jurídicos, e estabelece-se uma pena”.

Em 2006, o Conselho de Ministros aprovou um regulamento – referente à proteção do ambiente marinho e costeiro – que, entre muitos aspectos, “os torna dignos de proteção especial, porque prevê uma proibição de se poluírem as praias, definindo, nesse sentido, uma infração e uma sanção”.

A postura municipal de Maputo antevê que, quando infringida, o ofensor incorre numa sanção de multa de 100 meticais. No entanto, se essa mesma infração for cometida na praia, a sanção agrava-se para 2 mil meticais. O drama é que nada funciona, porque não existe nenhuma fiscalização. Além do mais, de uma forma geral, o nosso sistema de educação – formal e informal – nunca considerou as questões ambientais uma prioridade. “A educação ambiental está a ser considerada um apêndice, um complemento, e não algo prioritário que devia fazer parte do plano curricular”, lamenta Carlos Serra.

Relativamente à questão de a distância entre o mar e a terra-firme estar a tornar-se ínfima – o que significa que a praia pode estar a desaparecer – o arquitecto moçambicano, José Forjaz, atribui a responsabilidade às dinâmicas marinhas, um fenómeno global cujas causas, para si, ainda são desconhecidas. “Não se tem a noção exacta do que está

a acontecer. Trata-se de fenómenos imprevisíveis, mesmo para os mais altos níveis de conhecimento científico, porque são universais. Não são inerentes exclusivamente à costa moçambicana”.

E não lhe faltam argumentos: “Há muitos locais no mundo onde a praia está a ser ‘comida’ e outros onde ela está a ser aumentada. Quando pequeno, eu costumava ir tomar banho na praia da Figueira da Foz, em Portugal, que era uma prainha de 50 metros. Agora possui 500. Mas há outra praia, no sul de Lisboa, que está a desaparecer. Portanto, estamos diante de fenómenos muito complexos que não podem ser atribuídos a uma má gestão urbana das zonas ribeirinhas”.

Carlos Serra generaliza a situação. Para si, em toda a faixa moçambicana está-se a verificar uma redução significativa da componente territorial, por causa da deslocação da linha praia-mar para o continente. Dada a grande familiaridade com que nos relacionamos com o local, em Maputo, a situação é assustadora. “Tenho memórias desses fenómenos ao longo dos últimos 40 anos. Por exemplo, na Ilha da Xefina fala-se de um intervalo dentre 800 metros no mínimo até um quilómetro que perdemos na contracosta”.

Em tudo isto, conforme José Forjaz, vezes há em que intervenções humanas agravam a situação, enquanto outras melhoram-na durante algum tempo, “porque contra o mar não há forças artificiais capazes de salvaguardar um status quo permanente”.

De uma ou de outra forma, em relação à Katembe, Carlos Serra assegura que “é possível, a não ser que coloquemos areia, ficarmos sem a praia. Portanto, estamos diante de um problema que só não vê quem não quer”.



O Governo moçambicano criou um regulamento que disciplina as pessoas em relação à absorção do álcool. No entanto, apesar dos 2.5 milhões de pessoas que morrem por ano em sinistros originados por excesso do consumo de álcool, a constatar pela realidade, a boa intenção da regra soou mal aos ouvidos dos visados.

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

SMS: 90440 (válido nas redes 82 e 84 ao custo de 2 Mt) Email: averdademz@gmail.com

WhatsApp: 84 399 8634 BBM Pin: 2ACBB9D9

twitter: @verdadeMZ facebook: JornalVerdade

NEGLIGENCIA

A verdade em cada palavra.

@Verdade
O Jornal mais lido em Moçambique.

Petróleo abre as portas da comunidade de língua portuguesa à Guiné Equatorial

O petróleo falou mais alto na cimeira dos chefes de Estado e de Governo que decorreu em Díli, capital de Timor Leste. Por resolução unânime, a Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP) aceitou, na passada quarta-feira (23), a Guiné Equatorial como membro de pleno direito, apesar de a organização condenar os regimes ditatoriais e os que mantêm a pena de morte na sua jurisdição.

Texto: Mário Queiroz - Envolverde/IPS • Foto: Reuters

Entre a independência em 1968 e o início da exploração de petróleo, a Guiné Equatorial era rotulada de feroz ditadura. Mas, quando a companhia norte-americana Mobil iniciou a extracção petrolífera, em 1996, a ditadura do Presidente Teodoro Obiang, no poder desde 1979, começou a beneficiar do “olhar para o outro lado” dos países poderosos.

Gradualmente, o peso do petróleo impôs-se sobre o dos direitos humanos e países com poder de decisão na região e no mundo foram-se mostrando interessados em participar na sua exploração. A produção aumentou dez vezes nos últimos anos e já é a terceira da África subsaariana, a seguir a Angola e Nigéria.

“A oligarquia da Guiné Equatorial converte-se numa das dinastias mais ricas do mundo. O país começa a ser conhecido como o ‘Kuwait de África’ e as principais empresas de petróleo do mundo (ExxonMobil, Total, Repsol) ali instalaram-se”, segundo o semanário lisboeta Visão. A publicação recordou que a ex-colónia espanhola tem um produto interno bruto por pessoa de 24.035 dólares, enquanto 78% dos seus 1,8 milhão de habitantes vivem com menos de um dólar por dia.

Para parte da comunidade internacional, “desde 1968 existiram duas Guínés Equatorial, a de antes e a de depois do petróleo”, disse à IPS o advogado guinéu-equatoriano, Ponciano Nvó, destacado defensor dos direitos humanos no seu país, durante uma visita de três dias a Portugal, a convite da Amnistia Internacional. Apesar das taxas de crescimento médias de 33% na última década, a enorme riqueza da Guiné Equatorial não significou melhores condições económicas para a sua população, mas, ao contrário, deu certa “legitimidade” internacional ao regime, coroada agora pela entrada na CPLP.

Desde a primeira candidatura, em 2006, a CPLP manteve uma postura ambígua, restringindo a incorporação da Guiné Equatorial como Estado associado e colocando os requisitos da eliminação da pena de morte e a introdução do português como idioma oficial no país para conseguir participação plena.

“Portugal não deve aceitar dentro da comunidade um regime que viola os direitos huma-



nos, seria um erro político”, também da CPLP, declarou, no dia 22, Andrés Eso Ondo, líder da Convergência para a Democracia Social, único partido de oposição permitido, que conta com uma cadeira no parlamento. As outras 99 pertencem ao Partido Democrático da Guiné Equatorial no Governo.

Em Portugal as reacções foram de indignação. O Presidente, o conservador Aníbal Cavaco Silva, permaneceu impassível na sua cadeira em Díli e não participou na ovação a Obiang por parte dos demais chefes de Estado como boas-vindas à CPLP. Enquanto isso, em Lisboa, destacados políticos não pouparam adjetivos críticos pela atitude complacente do Governo.

O deputado socialista João Soares afirmou que a adesão da Guiné Equatorial à CPLP é “uma vergonha para Portugal e um erro monumental”, enquanto a eurodeputada Ana Gomes, do mesmo partido, qualificou de inaceitável receber na comunidade “um regime ditatorial e criminoso, que tem processos nos Estados Unidos e na França por delinquência económica e financeira”.

“Os mortos não são apenas os que foram condenados à pena de morte num tribunal, cerca de 50 pessoas fuziladas em virtude de sentenças, pois esse número pode-se multiplicar por cem, pelos desaparecimentos de pessoas”, ressaltou Nvó à IPS sobre as vítimas da repressão.

Nos 46 anos de independência, “no primeiro Governo, de Francisco Macias Nguema, foram mortos todos os dirigentes opositores nas prisões, sem julgamento, acusados de atentado contra o Presidente, “trabalho” realizado pelo actual mandatário, que era o director da prisão, que fez uma limpeza, antes de derrubar o seu tio”, acrescentou Nvó. O advogado lamentou que, antes de encontrar petróleo, “Obiang nunca vira a possibilidade de entrar para a CPLP, mas na Guiné Equatorial do petróleo todos os objectivos do Presidente são possíveis”.

Nvó considera esta entrada “como um passo a mais na estratégia de Obiang, que quer pertencer a todos os organismos internacionais possíveis para limpar a sua imagem. Já pertenceu à comunidade hispânica de nações, mas depois convenceu-se de que com a Espanha nunca conseguiria nada. Em seguida, voltou-se para a França, mas não durou devido aos conflitos do seu filho com a justiça francesa”. Agora, a CPLP conformou-se com uma moratória da pena de morte, que continua na lei. A sua aplicação depende apenas do Chefe de Estado. “É uma fraude intelectual”, ressaltou Nvó.

O chanceler da Guiné Equatorial, Agapito Mbo Mokuy, recordou no dia 22 à agência portuguesa Lusa que o seu país “foi colonizado mais tempo por Portugal do que pela Espanha (307 anos de domínio luso contra 190 do espanhol), por isso os laços com a língua portuguesa são muito fortes, históricos. “Integrar a CPLP é simplesmente voltar para casa”, afirmou.

Por telefone, o ex-Presidente de Timor Leste, José Ramos-Horta, disse à IPS que “estou de acordo com as contundentes críticas à pena de morte e às graves violações dos direitos humanos que

se cometem nesse país”, e deu crédito às denúncias de organizações internacionais sobre o regime. Porém, Ramos-Horta acredita que “a acção concertada, inteligente, prudente e persistente da CPLP diante do regime da Guiné Equatorial conseguirá as primeiras melhorias depois de algum tempo”.

Em troca da admissão desse país, Ramos-Horta recomendou à CPLP que estabeleça uma agenda para forçar Obiang a eliminar a pena de morte, a tortura, as detenções arbitrárias e os desaparecimentos forçados. Também devem ser incluídos a melhoria das instalações e do tratamento dos presos, o acesso às prisões pela Cruz Vermelha Internacional e, numa fase seguinte, a abertura em Malabo, a capital, de uma missão do Alto Comissariado para os Direitos Humanos, acrescentou.

Uma das vozes mais críticas em Díli foi a do catedrático em Ciências Políticas, José Filipe Pinto, que garantiu que ali venceu uma espécie de “diplomacia do cheque”, na qual Malabo põe sobre a mesa a possibilidade de investir nos países da CPLP graças à riqueza dos seus recursos naturais. “Uma organização deve ter interesses e princípios”, acrescentou, e deplorou que “algumas elites e a crise se encarregaram de eximir os segundos”.

A CPLP reúne Angola, Brasil, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, Portugal, São Tomé e Príncipe, Timor Leste, e a recém-admitida Guiné Equatorial.

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

SMS: 90440 (válido nas redes 82 e 84 ao custo de 2 Mt) Email: averdademz@gmail.com

WhatsApp: 84 399 8634 BBM Pin: 2ACBB9D9

twitter: @verdadeMZ facebook: JornalVerdade

NEGLIGENCIA

A verdade em cada palavra.

@Verdade
O Jornal mais lido em Moçambique.

Mundo

Inédita preocupação com o casamento infantil e a mutilação genital

A Cimeira das Meninas realizada em Londres e uma conferência paralela em Washington ressaltaram a necessidade de se enfrentar o casamento infantil e a mutilação genital feminina (MGF), enquanto o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) informava que 130 milhões de mulheres sofreram essa ablação e 700 milhões foram obrigadas a casar-se ainda meninas.

Texto: Julia Hotz - Envolverde/IPS • Foto: Rosie Thompson/Save the Children

O problema é maior na África e no Médio Oriente, segundo o documento do UNICEF, que analisou as consequências de longo prazo da MGF e do casamento infantil em 29 países.

O documento, apresentado no passado dia 22, vincula a MGF a “hemorragias prolongadas, infecções, infertilidade e morte”, e assinala que o casamento infantil pode predispor as envolvidas à violência de género e ao abandono dos estudos. “Os números dizem-nos que devemos acelerar o esforço. E não nos esqueçamos de que essas cifras representam vidas reais”, afirmou o director-executivo do UNICEF, Anthony Lake, num comunicado divulgado naquele dia.

“Embora esses problemas sejam à escala mundial, as soluções devem ser locais, impulsionadas pelas comunidades, famílias e pelas próprias meninas para se mudar as mentalidades e romper-se os ciclos que perpetuam a MGF e o casamento infantil”, acrescentou Lake.

A Cimeira das Meninas aconteceu no dia 22, em Londres, organizada pela Grã-Bretanha e pelo UNICEF, enquanto os problemas das adolescentes, e em especial a MGF, recebem uma crescente atenção de determinados sectores. Naquele dia, o Primeiro-Ministro britânico, David Cameron, anunciou uma mudança legislativa que obrigará legalmente os pais a impedirem a MGF.

“Chegámos a um pico histórico tanto na consciência política como na vontade política para mudar as vidas das mulheres em todo o mundo”, disse Ann Warner, especialista em género do Centro Internacional para a Pesquisa sobre as Mulheres (ICRW), com sede em Washington. Warner divulgou recentemente um informe recomendando que as meninas tenham acesso a uma educação de qualidade e redes de apoio, e que as comunidades ofereçam incentivos económicos, campanhas informativas e fixem uma idade legal mínima para o casamento.



Numa conferência realizada em Washington, com actividade paralela à Cimeira das Meninas em Londres, Warner acrescentou que existem numerosas “iniciativas promissoras, iniciadas por ONGs, ministros de alguns governos e grupos da sociedade civil de todo o mundo, que conseguiram mudar o rumo da temática e modificar atitudes, conhecimentos e práticas.

Os activistas podem aprender especialmente sobre os avanços da Índia na prevenção do casamento infantil, acrescentou Warner. Porém, acredita que falta uma resposta mundial. “O que faz falta seriamente é um esforço mundial coordenado de acordo com a escala e o tamanho do problema” da MGF e do casamento infantil, ressaltou. “Como 14 milhões de meninas casam-se todos os anos, um punhado de projectos individuais em todo o mundo, simplesmente, não basta para arranhar o problema”, enfatizou.

A necessidade de melhorar a coordenação foi partilhada por Lyric Thompson, co-presidente da Meninas, Não Noivas, uma fundação dos Estados Unidos que co-patrocinou a conferência de Washington. “Se vamos acabar com o casamento infantil, isso implica um esforço muito mais sólido do que o actual. Uns poucos projectos, não importa o quanto sejam efectivos, não acabarão com a prática”, acrescentou a especialista.

Thompson pediu ao Governo dos Estados Unidos que adopte uma postura mais activa contra as práticas que prejudicam as mulheres no mundo, em coerência com a Lei de Violência contra a Mulher que este país aprovou em 2013. “Se os Estados Unidos falam a sério em acabar com essa prática numa geração, isso implica também o árduo trabalho de garantir que os diplomatas norte-americanos negoceiem com as suas contrapartes nos países onde a prática está muito difundida”, apontou.

“Também implica a participação directa em árduas negociações da ONU, como as que determinarão a agenda de desenvolvimento posterior a 2015, para se garantir que a meta de acabar com o casamento infantil, precoce e forçado seja incluída no objectivo da igualdade de género”, pontuou.

No dia 22, Washington anunciou quase cinco milhões de dólares para combater o casamento infantil e pela força em sete países em desenvolvimento durante 2014, e comprometeu-

-se a redigir uma nova lei sobre a matéria em 2015. “Sabemos que a luta contra o casamento infantil é a luta contra a pobreza extrema”, disse nesse dia Rajiv Shah, director da Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (USAID).

A chave para a mudança social com relação a esses problemas, seguramente qua a têm os actores da sociedade civil. “Os organismos em condições de responder aos casos de casamentos forçados devem trabalhar juntos, com a comunidade e as ONGs para garantirem o desenvolvimento de políticas”, afirmou Archi Pyati, directora de políticas públicas do Centro de Justiça Tahirih, uma organização de defesa jurídica com sede em Washington.

“Professoras, conselheiros, médicos, enfermeiras e outros intervenientes em condições de ajudar uma menina ou uma mulher a evitar um casamento forçado devem estar informados e preparados para agir”, detalhou Pyati. Uma campanha de sensibilização em torno dos casamentos pela força fará uma visita aos Estados Unidos a partir de Setembro, acrescentou.

Shelby Quast, directora de políticas da Igualdade Já, uma organização humanitária internacional com sede em Nairobi, reiterou a importância da luta contra a MGF e o casamento infantil em diversos âmbitos. “A estratégia que melhor funciona é a multisectorial, incluindo o direito à educação, à protecção infantil e a outros elementos, como o apoio às sobreviventes da MGF e as estratégias de promoção nos *media*”, afirmou.

“Estamos num ponto de inflexão a nível mundial, por isso vamos manter o impulso para assegurar que todas as meninas em situação de risco estejam protegidas”, destacou Quast.

África do Sul: Numsa aceita oferta de 10% e termina greve

A greve que durou um mês do sector da engenharia e dos metais chegou ao fim, com a assinatura na segunda-feira de um acordo entre o patronato e o Sindicato dos Trabalhadores do Ramo dos Metais (Numsa, sigla em inglês). O acordo, válido por três anos, estipula um aumento salarial na ordem dos 10%, a ser implementado a partir deste ano.

Texto: Milton Maluleque • Foto: Reuters

O secretário-geral do Numsa, Irvin Jim, anunciou em conferência de imprensa que a greve, iniciada no dia 1 de Julho, chegou ao fim e apelou aos seus seguidores para se apresentarem ao trabalho já na terça-feira.

“A oferta patronal foi bem recebida e aclamada pelos nossos membros. Estamos felizes por informar ao público e ao país que a última oferta patronal é produto do suor e da luta dos nossos grevistas. É produto de quatro semanas de luta contra a opressão salarial do regime do apartheid no sector da engenharia e do metal,” afirmou Jim.

Minutos depois do anúncio do Numsa, o Sindicato Solidariedade, o minoritário no ramo da engenharia e dos metais, que não participou na greve, veio a público anunciar que também aceitaria a oferta patronal.

O acordo de aumento salarial, válido por três anos, compreende um aumento salarial de 8% a 10% no primeiro ano; 7.5% a 10% no segundo ano; e 7% a 10% no terceiro ano, defendeu o Sindicato Solidariedade.



“O acordo estipula que à luz da secção 37 dos regulamentos da Indústria da Engenharia e dos Metais este não será alterado e que cria uma provisão do cumprimento do acordo existente nesta indústria,” lê-se do comunicado da Solidariedade.

Este entendimento poderá não beneficiar todos os trabalhadores do ramo, visto que algumas companhias vieram a público afirmar que não possuíam capital suficiente para a implementação dos aumentos salariais.

“A não implementação significará a violação deste acordo por parte do patronato. No caso de existência de companhias que não poderão implementar os aumentos salariais, eles devem submeter pedidos de excepção e em seguida publicarem os seus livros de receitas,” defendeu Irvin Jim.

De momento, o Numsa aguarda pela celeridade na promulgação e extensão do acordo em todo sector da engenharia e dos metais, por parte do ministro sul-africano do Trabalho.

Mundo

Desastres naturais arrasarão os benefícios do desenvolvimento

Será impossível acabar com a pobreza extrema e a fome com o rápido aquecimento do planeta, repleto de secas, inundações catastróficas e um clima cada vez mais instável, segundo activistas que participaram das negociações dos Objectivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS). A Organização das Nações Unidas (ONU) divulgou, no dia 19, o rascunho dos 17 ODS após um ano e meio de discussão entre mais de 60 países participantes no processo voluntário.

Texto: Thelma Mejia - Envolverde/IPS • Foto: Reuters



Os ODS são um conjunto de metas e objectivos destinados a eliminar a pobreza extrema e a conseguir o desenvolvimento sustentável. Quando estiverem definidos em 2015, ao término dos oito Objectivos de Desenvolvimento do Milénio (ODM), os ODS deverão converter-se no itinerário a ser seguido pelos países para elaborarem as suas políticas e decisões ambientais e socioeconómicas.

“Os desastres naturais são um motivo importante do descumprimento de muitas das metas dos ODM”, afirmou Singh Harjeet, coordenador internacional de mitigação de riscos de desastres na ActionAid International, uma organização de desenvolvimento internacional com sede em Johannesburg. “Uma inundação grande ou um tufão podem atrasar o desenvolvimento de uma região em 20 anos”, apontou. Os tufões são ciclones tropicais caracterizados por ventos superiores a 118 quilómetros por hora.

Singh recordou que o tufão Haiyan matou mais de seis mil pessoas e deixou quase dois milhões de vítimas nas Filipinas em Novembro de 2013. Menos de um ano antes, em Dezembro de 2012, o país sofreu com a passagem do tufão Bopha, que causou mais de mil mortes e cerca de 350 milhões de dólares norte-americanos em danos. Nas duas últimas semanas dois tufões atingiram aquele país, que pode sofrer mais 20 tormentas antes de terminar a temporada desses fenómenos climáticos em Outubro.

“Os desastres naturais repercutem em tudo: na segurança alimentar, saúde, educação, nas infra-estruturas, etc. Você não pode sair da pobreza se precisa de reconstruir a sua casa de dois em dois anos”, afirmou Singh. Os objectivos de eliminação da pobreza ou quase qualquer coisa proposta pelos ODS

“não têm sentido sem a redução das emissões de carbono”, assegurou.

As emissões de carbono produzidas pela queima de petróleo, carvão e gás prendem o calor do sol. Esta energia calórica adicional equivale à explosão diária de 400 mil bombas atómicas, semelhantes à que destruiu a cidade japonesa de Hiroxima em 1945, nos 365 dias do ano, segundo James Hansen, especialista em clima e ex-director do Instituto Goddard de Estudos Espaciais da Administração Nacional da Aeronáutica e do Espaço (NASA), dos Estados Unidos. Em consequência disso, agora o planeta está 0,8 grau mais quente.

“A mudança climática repercute em todos os fenómenos meteorológicos porque a área onde ocorrem está mais quente e húmido do que costumava ser”, explicou à IPS Kevin Trenberth, especialista em fenómenos extremos e cientista do Centro Nacional de Pesquisa Atmosférica, dos Estados Unidos. A mudança climática não provoca necessariamente os desastres naturais, mas não há dúvidas de que os agrava, afirmou.

Os ODS devem incorporar questões do clima e vias para o desenvolvimento baixo em emissão de carbono, disse Bernadette Fischler, co-presidente da britânica Beyond 2015, uma aliança de mais de mil organizações da sociedade civil que trabalham pela solidez e eficácia dos ODS. “A mudança climática é um problema urgente e tem de estar muito visível nos ODS”, opinou à IPS.

No rascunho actual dos ODS, o clima é o objectivo 13, que pede aos países que “adaptem medidas urgentes para combater a mudança climática e as suas consequências”. Não há metas de redução das emissões, e na sua maioria referem-se apenas à adaptação frente aos próximos fenómenos do clima. “Os países não querem adiantar as suas posições nas negociações da ONU sobre mudança climática”, ressaltou Lina Dabbagh da Climate Action Network, uma rede mundial de organizações ambientalistas.

A Convenção Marco das Nações Unidas sobre a Mudança Climática (CMNUCC) habilita a negociação para se adoptar um novo tratado sobre o clima mundial em 2015.

Após cinco anos de conversações, não houve progressos em temas fundamentais. “Os ODS são uma grande oportunidade para avançar no clima, mas o objectivo climático é débil e não há um programa de acção”, apontou Dabbagh à IPS.

A redacção final do rascunho dos ODS foi um processo extremamente politizado, o que gerou um texto muito cauteloso. As alianças e divisões entre os países foram muito semelhantes às existentes nas negociações da CMNUCC, incluindo a divisão entre o Sul em desenvolvimento e o Norte industrial, destacou Dabbagh. Segundo Fischler, os Governos estão preocupados com a mudança climática e as suas consequências, mas existe uma forte discordância sobre com reflecti-las nos ODS, e alguns pretendem que sejam mencionadas apenas no preâmbulo do projecto final.

Países como a Grã-Bretanha acreditam que 17 objectivos são muitos e é possível que alguns sejam eliminados no último ano das negociações, que começarão quando os ODS forem apresentados formalmente à Assembleia Geral da ONU, no dia 24 de Setembro. Um dia antes, o secretário-geral das Nações Unidas, Ban Ki-moon, organizará uma cimeira climática com os Chefes de Governo de muitos países, com a intenção de colocar em andamento o processo para um ambicioso tratado internacional sobre o clima no próximo ano.

“A sociedade civil pressionará fortemente durante a cimeira para que o clima seja uma parte integral dos ODS”, afirmou Dabbagh. Porém, acrescentou, ainda há muito a ser feito para que os responsáveis políticos e as pessoas compreendam que a acção climática é a chave para se eliminar a pobreza extrema e alcançar-se o desenvolvimento sustentável.

China consagra a sua campanha anticorrupção com investigação a Zhou Yongkang

A China anunciou na terça-feira uma investigação por corrupção contra o ex-ministro de Segurança Zhou Yongkang, a figura de maior peso político a ser investigada pelo Partido Comunista desde 1949, o que consagra o poder de Xi Jinping e a sua extensa campanha contra os crimes financeiros.

Texto: Redacção/Agências

Várias publicações não oficiais têm comentado que a investigação contra Zhou dura há mais de um ano, mas só agora o Comité Central do Partido Comunista (PCCh) informou que investiga o ex-ministro por “sérias violações de disciplina”, o eufemismo com o qual se refere à corrupção.

De 71 anos e com uma fulgurante carreira desde que se tornou no director-geral da China National Petroleum Corporation entre 1996 e 1998, a sua ascensão no PCCh levou-o a ser duas vezes ministro (Terra e Recursos e Segurança Pública). Também o conduziu a governar a rica província de Sichuan (oeste) e a ocupar um posto no Comité Permanente do partido, no qual se tomam as principais decisões do país. Este último cargo, que ocupou entre 2007 e 2012, quando o Comité contava com nove membros (agora são sete), transforma-o na figura de maior peso político a ser investigada pelo Partido Comunista desde que chegou ao poder e ter constituído a República Popular da China em 1949.

Apesar de ainda se desconhecer se este irá acabar por ir ao banco dos réus, o outrora chamado “czar de Segu-

rança” chinês é o último de uma longa lista de dezenas de pessoas, muitas delas aliadas e familiares seus, que foram detidos ou investigados pelas autoridades devido à sua participação numa suposta corrupção de alto nível.

Os últimos de que se têm conhecimento são Yu Gang e Ji Wenlin, que tinham trabalhado como secretários pessoais do ex-político chinês, Tan Hong, um dos seus seguranças, todos a enfrentar acusações judiciais por aceitarem subornos.

O escândalo também atingiu figuras do tamanho do ex-presidente da Conferência Consultiva Política de Sichuan Li Chongxi e o antigo vice-ministro de Segurança Pública Li Dongsheng, assim como Jiang Jiemin, ex-responsável da regulação das empresas estatais, e inclusive o seu filho Zhou Bin, de 41 anos, supostamente detido, embora este caso não tenha sido oficialmente confirmado.

Precisamente é a alta categoria de Zhou que consagra a campanha anticorrupção contra “tigres e moscas” que empreendeu Xi Jinping após ocupar a presidência em 2013, momento desde o qual alguns analistas consideram que pôs o ex-ministro na sua mira.

“Isto demonstra que Xi Jinping tem o poder para fazê-lo”, diz à agência de notícias Efe Willy Lam, professor de Política na Universidade de Hong Kong, que observa que no passado existia uma lei não escrita que impedia incriminar outro membro do partido. O caso saiu agora à luz, opina o especialista, “porque (o Governo) teve

que lidar com a oposição de outros membros do Partido, entre eles o ex-Presidente Jiang Zemin”.

A investigação contra Zhou devolve à memória o caso do seu protegido Bo Xilai, ex-dirigente de Chongqing (centro) e um dos políticos mais carismáticos da China, até que foi impugnado e condenado a prisão perpétua por corrupção e abuso de poder em Setembro do ano passado.

Lam considera que, ao realizar-se um julgamento de Zhou, este poderia ser parecido ao de Bo, cujos crimes financeiros somavam um número ao redor de três milhões de euros. Segundo comenta um diplomata ocidental em Pequim que prefere manter o anonimato, o tratamento que Zhou irá receber dependerá da realização da anunciada reforma judicial para “criar organismos ao nível local mais eficazes e menos manipulados”.

Sem instituições judiciais independentes, a sorte de Zhou está nas mãos do Governo e há expectativas para se ver se a sua intenção é fazer do seu um caso público como o de Bo Xilai e da sua esposa, acusada de assassinato, ou levá-lo de forma mais discreta e dirimi-lo em reuniões internas.

Por enquanto, o anúncio público oficial por parte do partido e o facto de que alguns meios de Imprensa chineses lembrassem já escabrosos detalhes da vida de Zhou, como, por exemplo, o da sua primeira esposa, que morreu num misterioso acidente de trânsito, parecem sugerir que este não será o último capítulo público da queda em desgraça do “tigre” chinês.

Poderio militar israelita “made in USA” esmaga palestinos

O esmagador poder de fogo israelita despejado sobre o movimento armado palestino Hamas no conflito actual em Gaza recorda a guerra pela independência da Argélia (1954-1962), quando a França, a potência colonizadora, utilizou a sua superioridade militar para atacar a revolta. Enquanto a força aérea francesa lançava napalm sobre a população civil no campo, os argelinos recorriam a bombas artesanais escondidas nas bolsas das mulheres que eram deixadas em cafés, restaurantes e lugares públicos frequentados pelos franceses.

Texto: Mario Osava - Envolverde/IPS • Foto: Reuters



Numa das cenas memoráveis do clássico filme de 1967, A Batalha de Argel, o líder da Frente de Libertação Nacional, Ben M'Hidi, é interrogado por um grupo de jornalistas franceses extremamente parciais. “Não considera que é um pouco cobarde usar bolsas e cestos de mulheres para levar os artefactos explosivos que matam tanta gente inocente?”, perguntavam ao líder argelino algemado. “E não lhe parece ainda mais cobarde atirar bombas de napalm sobre gente indefesa, que causam mil vezes mais vítimas inocentes?”, respondeu M'Hidi, acrescentando: “Naturalmente, se tivéssemos os seus aviões de combate seria muito mais fácil para nós. Dêem-nos os seus bombardeiros e fiquem com as nossas bolsas e cestos”.

No actual conflito em Gaza, uma inversão de papéis encontraria o movimento islâmico Hamas armado com aviões de combate, mísseis ar-ar e tanques, enquanto Israel responderia apenas com foguetes de fabrico caseiro. Mas, na realidade, o Hamas está totalmente superado na sua luta contra um dos poderes militares mais formidáveis e sofisticados do mundo, cujos equipamentos de última geração chegam gratuitamente dos Estados Unidos, mediante o chamado financiamento militar estrangeiro (FMF).

Segundo os últimos dados, o conflito que começou no dia 8 custou a vida de mais de 620 palestinos, na sua maioria civis, entre eles pelo menos 230 mulheres e crianças, e deixou mais de 3.700 feridos. Do lado israelita houve 27 soldados e dois civis mortos.

“É impossível imaginar a desproporção absoluta de poderes neste conflito, salvo para quem esteve na rua diante das tropas israelitas em Gaza, ou tenha dormido no chão sob um ataque aéreo, como o fiz várias vezes, enquanto entregava ajuda em 1989, 2000 e 2009”, afirmou James E. Jennings, presidente da Consciência Internacional e director da organização Académicos dos Estados Unidos pela Paz.

“Vi jovens que simplesmente fugiam baleados

pelas costas por soldados israelitas equipados com subfuzis Uzi e uniformes blindados, e em 2009 e 2012 fui testemunha em Rafha da superioridade tecnológica de Israel na coordenação de sofisticados computadores, aviões não tripulados e caças F-15”, acrescentou Jennings. Os reiterados bombardeamentos apontam para os jovens que utilizam túneis para levar alimentos e remédios à população presa pelo embargo em Gaza, mas também atacam civis indefesos que fogem das hostilidades, destacou.

“No meu trabalho visitei mulheres e crianças feridas nos hospitais de Rafah e na cidade de Gaza e ajudei a transportar cadáveres para o seu enterro”, acrescentou Jennings. “É como disparar em peixes num barril”, prosseguiu, numa analogia para esta situação de capacidades militares tão assimétricas.

Os dados estatísticos evidenciam a ineficácia dos foguetes Qassam de fabricação caseira que o Hamas dispara, já que após mais de dois mil lançamentos apenas dois civis morreram do lado israelita. “É muito menos do que os oito norte-americanos mortos acidentalmente em 2013 vítimas de fogo-de-artifício nas comemorações do 4 de Julho”, dia da independência dos Estados Unidos, destacou Jennings.

As armas norte-americanas no valor de milhares de milhões de dólares em poder de Israel foram adquiridas com subvenções não reintegráveis do FMF, segundo especialistas em defesa. Israel receberá um total de 30 biliões de dólares norte-americanos em ajuda militar de Washington nos dez anos transcorridos entre 2009 e 2018. O Serviço de Investigação do Congresso norte-americano indica que Israel é o maior receptor da FMF dos Estados Unidos, já que em 2015 receberá 55% do desembolso total dos subsídios de Washington no mundo. Essa quantia representa entre 23% e 25% do orçamento militar anual israelita.

Nicole Auger, analista militar que cobre o Oriente Médio e África para a Forecast International, consultoria em assuntos de defesa, apontou à IPS que Israel importa quase todo o seu arsenal dos Estados Unidos. Segundo ela, a prioridade de Israel é manter a superioridade aérea diante dos vizinhos da região, acima do poderio terrestre. Israel fez um pedido adicional de caças F-15I que se somarão aos 25 F-15Is (Ra'ams) de longo alcance que a Força Aérea israelita já possui, a par dos 102 F-16I (Soufas) de combate polivalente, acrescentou a especialista.

O arsenal militar de Israel também inclui dezenas de helicópteros de ataque, como o Sikorsky CH-53, recentemente equipado com o sistema de protecção IAI Elta Systems EL/M-2160, que detecta mísseis com radar e activa medidas para desviá-los. Também actualizou a sua frota de helicópteros de ataque Cobra AH-1E/F/G/S da Bell e

Apache AH-64A da Boeing. Para a sua defesa conta com a última versão do sistema antimísseis Patriot, PAC 3, e também possui bombas guiadas por laser Paveway, bombas de penetração BLU-109 e munições anti-bunker GBU-28.

Jennings explicou à IPS os factos que os meios de comunicação não costumam recordar ao cobrir a guerra entre Israel e Gaza. O direito à legítima defesa, defendido por Israel e os seus aliados em Washington, nunca é mencionado com relação ao ocorrido em 1948, quando centenas de milhares de palestinos foram expulsos das suas casas e do seu território para serem trancados na maior prisão do mundo que é Gaza.

Em segundo lugar, o mundo mantém-se em silêncio enquanto Israel, com a cumplicidade dos Estados Unidos e do Egipto, sufoca os 1,7 milhão de habitantes de Gaza com um cordão sanitário brutalmente efectivo, e o embargo quase total de bens e serviços, que em grande parte limita a existência de alimentos e medicamentos. “Estes são crimes de guerra, violações contínuas do direito internacional humanitário perpetuados durante os últimos sete anos, enquanto o mundo desvia o olhar”, enfatizou Jennings.

VERDADE
todos os dias
A verdade em cada palavra.

www.verdade.co.mz

facebook.com/JornalVerdade

twitter.com/verdademz

SMS: 90440
(válido nas redes 82 e 84 ao custo de 2 Mt)

Email: averdademz@gmail.com

WhatsApp: 84 399 8634

BBM Pin: 2ACBB9D9

Desporto

Moçambola: Ferroviário de Maputo perde e está na zona de despromoção; líder travado no “ninho” do canário

Num dos dois dérbis que marcaram a 16ª jornada do Campeonato Nacional de Futebol, o Moçambola, o Ferroviário de Maputo voltou a não vencer, perdeu em casa com o Maxaquene, e está agora com os mesmos pontos que o Têxtil na zona de despromoção. Para a mesma jornada, o Costa do Sol recebeu, neste domingo (27), e travou o líder da prova, a Liga Muçulmana, numa partida que foi marcada por actos de violência protagonizados pelos adeptos da equipa da casa.

Texto: Duarte Siteo • Foto: Eliseu Patife

Os “canarinhos” tomaram as rédeas de jogo assim que soou o apito inicial perante uma Liga Muçulmana que não conseguiu implantar o seu modelo de jogo, particularmente porque Manuelito II e Alvarito não davam espaços a Liberty e Muandro para criarem jogadas ofensivas.

O primeiro lance digno de realce surgiu no minuto 4, quando Manuelito II, na sequência de um livre, a castigar uma carga de Mustafá sobre Paulo, à entrada da área, rematou para a barra, com o guarda-redes Milagre já batido.

Com alguma naturalidade, a equipa de Nelson Santos inaugurou o marcador. Minuto 12, Gildo e Chico atralharam-se com a bola e Parkim aproveitou o brinde e isolou-se e na cara de Milagre chutou para o ângulo superior.

Em desvantagem, a Liga Muçulmana cresceu no jogo, ganhando as disputas de bola no meio-campo, e começando a criar algumas jogadas de perigo. Imo fez o primeiro aviso, rematando em arco com a bola a passar a poucos centímetros do poste direito de Gervásio.

No minuto 21, Nando, que havia entrado no lugar de Mustafá, percorreu todo o corredor direito e cruzou para a marca de penalidade onde estava Jerry que cabeceou fraco para defesa fácil de Gervásio.

Antes da meia hora de jogo, o Costa do Sol voltou a criar perigo na baliza de Milagre. João Mazive, lateral direito dos “canarinhos”, do meio da rua desferiu um forte remate que passou a poucos centímetros da barra transversal da baliza dos muçulmanos.

Um pouco contra a corrente do jogo, o empate aconteceu no minuto 32. Muandro foi derrubado à entrada da área e, na sequência do livre, Manuelito I interceptou a bola com a mão. O Luís Jumisse assinalou o castigo máximo, para o desespero dos adeptos do Costa do Sol. Kito, chamado a marcar o penálti, restabeleceu a igualdade.

Os “canarinhos” podiam ter voltado a adiantar-se no placar, mas Parkim cabeceou para fora após um bom trabalho de Manuelito II pelo flanco esquerdo.

Após o intervalo, os anfitriões continuaram a procura do golo. No minuto 50 gritou-se golo no campo dos “canarinhos” quando Dário Khan, do meio da rua, desferiu um portentoso remate que saiu a poucos centímetros do poste direito de Milagre.



Sérgio Faife pedia contenção e circulação de bola aos seus jogadores mas o Costa do Sol dominava o jogo e estava perto do segundo golo. Aso 65 minutos, Dito ganhou um ressalto à entrada da área e rematou forte para uma excelente intervenção de Milagre, com uma palmada.

Na resposta, Kito galgou o corredor direito e cruzou para a grande área onde estava Muandro que, sem marcação, rematou ao lado da baliza de Gervásio, perdendo aquela que foi a melhor oportunidade dos muçulmanos nesta etapa.

No minuto 74 o Costa do Sol ficou reduzido a dez unidades. Parkim simulou uma falta na área de rigor e viu o segundo amarelo.

Mesmo em desvantagem numérica, a equipa de Nelson Santos não tremeu e dominava o jogo na zona intermediária. Alvarito e Manuelito II continuavam impecáveis.

Nos minutos finais ainda se viu bom futebol dos “canarinhos” cujos adeptos, ávidos de vitórias, culpavam o trio de arbitragem pelo empate a uma bola e arremessaram alguns objectos para o relvado que atingiram o treinador da Liga Muçulmana, Sérgio Faife e o árbitro assistente, João Paulo.

Nelson Santos, o treinador do Costa do Sol, vê a sua equipa “crescer jogo após jogo, hoje fizemos uma grande exibição, pecámos apenas no capítulo da finalização. Nesta partida obrigámos a Liga Muçulmana a correr atrás da bola, o que poucas equipas conseguem fazer neste Moçambola.”

Por seu turno, Sérgio Faife reconheceu que o seu rival esteve melhor na partida e que a Liga não conseguiu implantar o seu modelo de jogo. “Os nossos médios não conseguiam criar jogadas ofensivas. Sofremos um golo nos primeiros quinze minutos mas antes do intervalo conseguimos empatar por uma grande penalidade que, quanto a mim, foi claríssima. Na segunda parte voltámos a entrar mal no jogo e o Costa do Sol soube tirar proveito da apatia dos meus jogadores e merecia ganhar o jogo pelas oportunidades de golo que teve.”

Quadro de resultados - 16ª JORNADA				
Têxtil Pungué	1	O	E. Vermelha	
Fer. de Pemba	1	O	Fer. Nampula	
C. de Chibuto	1	1	Desportivo	
Fer. de Maputo	0	1	Desp. Maxaquene	
Costa do Sol	1	1	Liga Muçulmana	
Desp. Nacala	2	1	Fer. Beira	
Fer. Quelimane	2	1	HCB Songo	

Próxima jornada			
Desp. Maputo	×	Fer. Maputo	
L. Muçulmana	×	Desp. Nacala	
HCB	×	Têxtil	
E. Vermelha	×	Fer. Pemba	
Fer. Nampula	×	C. Chibuto	
Fer. Pemba	×	Fer. Quelimane	
Maxaquene	×	Costa do Sol	

	CLUBES	J	V	E	D	BM	BS	P
1º	L. Muçulmana	15	10	05	00	25	07	35
2º	Fer. Nampula	16	08	04	04	14	09	28
3º	HCB do Songo	16	08	03	05	21	17	27
4º	Maxaquene	16	07	04	05	14	10	25
5º	Desp. Maputo	16	06	05	05	23	19	23
6º	Costa do Sol	15	06	04	05	16	12	22
7º	Desp. Nacala	16	06	04	06	13	18	22
8º	C. Chibuto	16	05	06	05	17	15	21
9º	Fer. Quelimane	16	06	03	07	14	21	21
10º	Fer. Beira	15	05	05	05	16	13	20
11º	Fer. Maputo	15	03	05	07	12	16	14
12º	Têxtil	16	03	05	08	06	15	14
13º	Fer. Pemba	16	03	04	09	12	22	13
14º	E. Vermelha	16	02	07	07	06	16	13

Adeptos exigem a demissão de Vítor Pontes

Ainda no passado domingo (27), no estádio da Machava, o Ferroviário de Maputo voltou a desiludir ao ser derrotado pelo Maxaquene de Chiquinho Conde. O golo da vitória dos “tricolores” foi marcado por Betinho no minuto 37, que respondeu a um cruzamento de belo efeito de Isac.

O número 10 do Maxaquene saiu da Machava transportado numa ambulância, após ser agredido por Jeitoso, defesa central locomotiva.

Com este resultado, a equipa de Vítor Pontes foi alcançada na tabela classificativa pelo Têxtil de Púnguê que nesta ronda recebeu e derrotou o Estrela Vermelha da Beira pela mesma marca.

Depois de mais um desaire, os adeptos do Ferroviário de Maputo, os “Vata Xanisseka”, pediram a demissão de Vítor Pontes pois esta é a primeira vez que vêm a sua equipa na zona de despromoção, onde está em igualdade pontual com o Têxtil de Púnguê - que nesta ronda recebeu e derrotou o Estrela Vermelha da Beira.

Para a mesma jornada, o Ferroviário de Quelimane recebeu e venceu a formação do HCB de Songo por 2 a 1, isolando-se na 9ª posição com 21 pontos, mais sete que a dupla Ferroviário de Maputo e Têxtil de Púnguê na 10ª e 11ª primeira posições, respectivamente.

Em Nacala, o Desportivo local derrotou o Ferroviário da Beira, por 2 a 1, com golos de Carvalho e Betão. Cufa marcou o único golo dos visitantes.

Já em Gaza, o Clube de Chibuto e o Desportivo de Maputo empataram. Lanito inaugurou o marcador no minuto 50 e, dez minutos depois, Cristophe estabeleceria o resultado final.

A jornada abriu no sábado (26) com o Ferroviário de Pemba a receber e vencer o seu homónimo de Nampula pela margem mínima.

Melhores marcadores	Golos
MÁRIO (Fer. Beira) e COSME (Fer. Quelimane)	7
JAIR (Desportivo de Maputo)	6
DÁRIO KHAN (C. Sol), DONDO (Fer. Nampula), JOJÓ (Desp. Maputo) e LIBERTY (L. Muçulmana)	5
SONITO (L. Muçulmana) e BINÓ (E. Vermelha)	4

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

NEGLIGENCIA

A verdade em cada palavra.

SMS: 90440
(válido nas redes 82 e 84 ao custo de 2 Mt)

Email: averdademz@gmail.com

WhatsApp: 84 399 8634

BBM Pin: 2ACBB9D9

twitter: @verdadeMZ

facebook: JornalVerdade


O Jornal mais lido em Moçambique.

Desporto

Jogos da Commonwealth: Maria brilha a prata

A corredora Maria Muchavo foi a estrela mais cintilante da delegação de 15 atletas moçambicanos que competiram na 20ª edição dos Jogos dos Commonwealth, na Escócia. Outra Maria, Machongua de apelido, destacou-se nos ringues de boxe enquanto nas piscinas Igor Mogne estabeleceu alguns novos recordes... moçambicanos.

Texto: Redacção • Foto: Commonwealth

Na prova dos 100 metros paralímpicos, categoria T12 (para deficientes visuais), Maria começou por dominar a sua série de apuramento e, na final, correu a pista 6 do estádio Hampden Park, em Glasgow, em 13 segundos e 33 décimos, conquistando a segunda posição e a medalha de Prata.

Ainda no atletismo, Sílvia Panguana não foi além da oitava e última posição na prova dos 100 metros barreiras. Pior esteve Kurt Couto que, mais uma vez, voltou a desiludir na prova dos 400 metros barreiras; o experiente corredor foi desqualificado.

Melhor esteve o meio fundista Alberto Mamba que estreou-se com um terceiro lugar, que lhe valeu o apuramento para a meia final da prova dos 800 metros. O jovem corredor moçambicano, que ainda deverá competir na prova dos 1500 metros, foi 6º classificado a pouco mais de um segundo do apuramento para a final.



Igor melhora marcas pessoais

Nas piscinas de Glasgow, Igor Mogne destacou-se dos compatriotas, primeiro por haver competido em sete provas diferentes e depois por ter melhorado as suas marcas pessoais, o seu objectivo maior nestes Jogos.

Primeiro nadou, na quinta-feira (24), os 100 metros costas prova em que terminou na 2ª posição mas que não contou para a classificação às meias-finais pois o seu tempo não foi suficiente. Mas o tempo de 1 minuto e 74 décimos é um novo recorde nacional absoluto.

Na prova dos 200 metros livres, o nadador dos Golfinhos de Maputo bateu outro recorde nacional absoluto ao ocupar a 4ª posição com o tempo de 1 minuto, 59 segundos e 85 décimos, tornando-se no primeiro moçambicano a nadar nesta categoria abaixo dos 2 minutos.

Depois, Igor venceu a sua série dos 50 metros costas, porém fez novamente um tempo insuficiente para se apurar-se às meias-finais. Os 29 segundos e 19 décimos constituem, no entanto, um novo recorde pessoal.



O nadador, de 17 anos, voltou a estabelecer um novo recorde nacional absoluto na prova dos 100 metros livres, em que ficou na 4ª posição, com a marca de 54 segundos e 10 décimos.

Igor Mogne estabeleceu outro recorde nacional absoluto nos 100 metros borboleta prova que fez em 58 segundos e 56 décimos. Contudo, o tempo que lhe valeu a 2ª posição voltou a ser insuficiente para se apurar-se às meias-finais.

O nadador venceu a sua série dos 50 metros livres, fixou outro novo recorde nacional absoluto, 24 segundos e 87 décimos, mas novamente não foi qualificado.

Igor venceu outra série, a dos 200 metros estilos, fixou um novo recorde nacional em 2 minutos, 19 segundos e 86 décimos mas, mais uma vez, não

foi suficiente para o apuramento às meias-finais.

Igor Mogne, apesar de ter alguns dos melhores tempos da natação moçambicana, ainda está longe dos melhores nadadores da Comunidade de Países que foram colónias inglesas.

Competiram também nas piscinas de Glasgow Jannan Sonnesnchein, Shakil Fakir e Edmilson Cuna. Shakil melhorou o seu recorde pessoal

nos 50 metros livres enquanto Emídio Cuna superou a sua marca nos 50 metros mariposa.

Judo sem medalhas

Neuso Sigauque foi o melhor dos três judocas que representaram o nosso país nestes Jogos. O judoca venceu dois dos quatro combates, na categoria de -60 kg, em que participou, num dos quais lutou pela medalha de bronze.

Edson Madeira, na categoria dos -73 kg, até venceu o primeiro combate, mas acabou por ser eliminado pelo ganhês Emanuel Nartey. Bruno Luzia competiu na categoria dos -66 kg e não passou do primeiro combate.

Outra Maria salva a honra dos pugilistas

Juliano Máquina, Augusto Mathuli e Bernardo Marri-me, os três pugilistas que representaram Moçambique nos Jogos da Commonwealth, chegaram à capital escocesa, combateram e foram eliminados.

Máquina, que era tido como favorito a conquistar uma medalha, foi eliminado pelo pugilista do País de Gales, Ashley Williams, de 19 anos, por 3 a 0, na categoria dos -49 kg. Mathuli foi derrotado pela mesma marca pelo indiano Mandeed Jangra, na categoria dos -69 kg e Marri-me lutou e perdeu na categoria dos -64 kg contra o zambiano Charles Lumbwe.

A honra de Moçambique foi salva pela pugilista Maria Machongua que venceu dois combates: primeiro derrotou Nthabeleng Mathaha, do Lesotho, e depois derrotou Keneilwe Rakhudu, do Botswana.

À hora do fecho desta edição Maria preparava-se para disputar a semi-final, na quinta-feira (01), na categoria dos -60 kg, frente à indiana Laishram Devi.



Desporto

Dirigentes suspensos do Nampulense exigem anulação das penalizações

As direcções dos clubes Sporting e Benfica, da cidade de Nampula, distanciam-se das decisões tomadas pelo Conselho de Disciplina (CD) da Associação Provincial de Futebol (APFN) por as considerarem ilegais e exigem que as penalizações sejam anuladas de imediato.

Texto: Redacção • Foto: Arquivo

O Acórdão nº03/CD/APFN/2014, mencionado no comunicado da APFN com a referência nº 029/2014, suspende os presidentes dos clubes Sporting e Benfica de Nampula, Vítor Sousa e Abdul Hanane, respectivamente, com as penas de seis meses e um ano e meio, além do pagamento de multas que variam entre 15 mil e 30 mil meticais.

Como parte da decisão, o campo de Namutequeliua, propriedade do Sporting de Nampula, o palco das últimas escaramuças no Campeonato Provincial de Futebol, Nampulense, edição 2014, foi interdito à prática do futebol durante quatro jogos consecutivos.

O referido acórdão penaliza o clube Benfica de Nampula com uma multa de 25 mil meticais por alegadamente ter confiado o controlo e organização do jogo da penúltima jornada do Nampulense a uma outra colectividade, contrariando às regras da APFN.

Por não concordarem com as penalizações, sobretudo devido à falta de assinaturas dos participantes na suposta reunião do órgão que vela pelo futebol em Nampula, os dois clubes teriam remetido, no passado dia 14 de Julho, uma carta solicitando alegações ao presidente Conselho de Disciplina (CD) da APFN, Ezequiel Herculano.

Duas semanas depois, o representante máximo do CD emitiu um documento, recusando ter dirigido o referido encontro que produziu o conteúdo do acórdão que suspende os dois líderes desportivos.

A carta, datada de 15 de Julho do ano em curso, refere que o documento em alusão ainda não foi assinado por nenhum dos três membros que compõem o Conselho de Disciplina. Face a



esta situação, as direcções das duas formações desportivas suspensas consideram nulas as decisões e pedem a invalidação das penas que pesam sobre os seus dirigentes máximos.

“Nestes termos, consideramos nulo e sem efeito o referido acórdão, pelos factos descritos na declaração, o que nos leva a pensar que o mesmo foi feito por alguém da APFN com o intuito de denigrir a imagem dos presidentes do Sporting e do Benfica”, lê-se numa passagem do documento conjunto daquelas direcções desportivas.

“Sempre fomos perseguidos”

O presidente do Clube Benfica de Nampula, Abdul Hanane, diz que a decisão é uma perseguição por parte da Associação Provincial de Futebol de Nampula. Mesmo sem mencionar nomes, Hanane afirma que tais pessoas lutam para manchar a sua imagem e a do seu clube no panorama desportivo provincial, assim como nacional.

“Desde que iniciou o campeonato, há pessoas que não querem ver bem o Benfica, e são os mesmos indivíduos que estragam a associação”, diz.

“Querem sujar a nossa imagem no desporto”

Vítor Sousa, ex-presidente do Conselho de Direcção do Sporting Clube de Nampula, actualmente suspenso, diz estar inconformado com a decisão, pois considera-a improcedente.

O nosso entrevistado refere que, devido a esse facto, poderá abandonar a arena desportiva como forma de salvaguardar a sua imagem no desporto moçambicano, sobretudo o futebol, modalidade que vem praticando desde a sua adolescência.

“Não gosto de problemas, muito menos no futebol, razão pela qual prefiro não praticar esta modalidade desportiva”, disse Sousa.

“A penalização tinha de ser mais pesada”

O presidente do Sporting Clube Recreativo de Monapo, Abdul Amide, louva a decisão tomada pela APFN. O líder dos leoninos de Monapo diz que a associação tomou a melhor posição ao suspender aqueles dois dirigentes desportivos, uma vez que os mesmos vinham já há bastante tempo a estragar a competitividade do campeonato.

Amide recordou o caso mais recente que se deu no penúltimo jogo do Campeonato Provincial de Futebol de Nampula realizado na considerada capital do norte, no qual o líder dos “encarnados” de Nampula teria protagonizado desmandos.

O @Verdade contactou, telefonicamente, o presidente do Conselho de Disciplina da Associação Provincial de Futebol de Nampula, Ezequiel Herculano, a fim de este se debruçasse sobre a situação. Herculano não forneceu detalhes, mas confirmou não ter participado em nenhum encontro do CD que penaliza os dois temoneiros desportivos.

De salientar que a decisão da suspensão dos presidentes do Benfica de Nampula e Sporting é aplaudida no seio dos desportistas a nível da cidade e um pouco por toda a província de Nampula por estes considerarem que os mesmos foram, durante o Nampulense, nomes sonantes em matérias de desmandos e atropelos às leis desportivas em vigor no território moçambicano.

Karate: Moçambique em grande nos “Mundiais” de Kimura Shikokay

A selecção moçambicana de karate no estilo Kimura Shikokay esteve em grande no Campeonato Mundial da modalidade que foi disputado na cidade sul-africana de Sun City, entre os dias 21 e 24 de Julho. O combinado nacional conquistou no total sete medalhas, das quais uma de ouro, quatro de prata e três de bronze.

Texto: Redacção • Foto: Arquivo

Nos “Mundiais” de karate na especialidade de Kimura Shikokay, realizados na vizinha África do Sul, a delegação moçambicana era composta por 31 elementos, sendo 26 atletas e os restantes dirigentes e treinadores. Moçambique voltou a estar em grande, repetindo a façanha de 2012 nos Estados Unidos da América.

A karateka Muquilina Soares foi a única do conjunto moçambicano que conquistou a medalha de ouro, sagrando-se campeã mundial na prova de kumite, também conhecida por combate.

Ainda na mesma especialidade, o actual presidente da Federação Moçambicana de Karate, Carlos Dias, conquistou a medalha de bronze, o mesmo feito conseguido em femininos por Acia Luana e Marize Macie.

No que a provas de exibição, kata, diz respeito, o combinado nacional conquistou quatro medalhas de prata. Os detentores deste êxito foram Carlos Dias e Acia Luana que somaram a segunda medalha na competição; ainda nesta especialidade, os irmãos António e Rogério Wong conquistaram a medalha de bronze.

De lembrar que, em 2012, no “Mundial” realizado nos Estados Unidos, Moçambique ocupou a quarta posição na classificação geral.

A Caminho da Turquia: “Samurais” averbam derrotas no Japão

A selecção nacional de basquetebol sénior feminino, as “Samurais”, somou em derrotas as três partidas realizadas até ao momento no estágio pré-competitivo que observa no Japão. A equipa de Nazir Salé foi derrotada pelas selecções A e B do país anfitrião.

Texto: Redacção • Foto: Arquivo



Na primeira partida que o combinado nacional efetuou no país do sol nascente foi derrotado por 40 pontos de diferença, ou seja, 96 a 56, pela equipa secundária do Japão, o que, decerto, provou que Moçambique ainda não atingiu os índices físicos e técnicos necessários para participar numa prova mundial. No segundo confronto, as “Samurais” foram derrotadas pela equipa principal do país anfitrião que também se prepara para o “Mundial” da modalidade que terá lugar na Turquia entre os dias 27 e 05 de Outubro. 86 a 48 foi o resultado final.

Na terceira jornada do Torneio que tem o intuito de preparar as selecções do Japão, Moçambique e Austrália para o Campeonato Mundial da modalidade, a equipa de Nazir Salé voltou a desiludir, perdendo mais uma vez diante da segunda equipa nipónica, o Japão B, por 67 a 48, somando a terceira derrota consecutiva naquela competição.

Volvidas três jornadas deste certame, Moçambique ocupa a última posição com três pontos; a Austrália lidera a prova com seis pontos, mais um que o Japão B na segunda posição, enquanto a formação secundária do Japão ocupa a terceira e penúltima posição com quatro pontos. Na quarta e quinta jornada, as “Samurais” medirão forças com as selecções do Japão A e da Austrália, respectivamente.

Importa referir que, depois do estágio no país do sol nascente, a selecção nacional segue para a China, onde fará parte de um torneio cujo objectivo é preparar a equipa local para o “Mundial” da Turquia.

Desporto

Futebol: quando La Masia não basta, os cofres culé podem dar uma ajuda

Tempos houve em que o Barcelona se apresentou em campo com 11 jogadores da cantera. Agora, o fracasso da última época impõe uma política mais gastadora: são já 143 os milhões investidos em reforços, um novo recorde no clube.

Texto: **jornal Público**

A noite de 25 de Novembro de 2012 ficará para sempre guardada na memória colectiva dos adeptos do Barcelona: não tanto pela vitória gorda sobre o Levante (4-0), mas porque, nesse encontro, se cumpriu da forma mais perfeita um ideal antigo – a partir dos 14’, o minuto em que Montoya rendeu Daniel Alves, lesionado, estiveram em campo nada mais do que onze jogadores formados na La Masia. Menos de dois anos depois, não se pode dizer que esta lógica tenha sido abandonada, mas é incontestável que o fracasso desportivo da época passada, aliado a um fim de ciclo anunciado (que tem na possível saída de Xavi o seu expoente), tem feito o presidente culé, Josep Maria Bartolomeu, pensar além da prata da casa.

A prova está lá, nos muitos milhões que o emblema catalão já investiu para garantir que annus horribilis como o que passou não se repetem. É certo que os 81 milhões de euros desembolsados para garantir os serviços do uruguaí Luis Suárez preenchem

grande parte da quantia gasta pelo clube, mas não será por acaso que o valor despendido na aquisição de jogadores alheios à cantera constitui recorde absoluto no conjunto blaugrana (e, a avaliar pelos ecos da imprensa espanhola, novos reforços poderão estar a caminho, entre os quais Juan Cuadrado, da Fiorentina). Seja como for, o montante gasto já vai nuns impressionantes 143 milhões de euros, que incluem a contratação de cinco novos atletas – além de Suárez, os catalães garantiram Jérémy Mathieu (defesa central do Valência), por 20 milhões, Ivan Rakitic (médio do Sevilha), por 18, e os guardiões Claudio Bravo (R. Sociedad) e ter Stegen (Bor. M’gladbach), por 12 milhões cada.

Os números não asseguram títulos, mas, até ver, conferem ao Barcelona o estatuto de emblema mais gastador do mundo nesta pré-temporada. Isto, apesar de, em Espanha, a equipa de Luis Enrique concorrência de peso – com a contratação de James Rodríguez e Toni Kroos, os “merengues” já investiram 110 milhões de euros, ao passo que o campeão em título espanhol, o Atlético de Madrid, também está bem lançado na contenda, com 88 milhões investidos em contratações até ao momento (a chegada do francês Antoine Griezmann, da R. Sociedad, por 30 milhões de euros, foi até agora a mais dispendiosa, seguida de Mandzukic, do Bayern, por 22 milhões).

No Camp Nou, a época em que mais se tinha investido, até agora, tinha sido a de 2009/2010, quando o clube gastou 113 milhões de euros, muito por culpa da aquisição do sueco Zlatan Ibrahimovic, por 69,5 milhões. No outro oposto, o arranque da temporada 2005/2006 constituiu a mais perfeita antítese do que tem acontecido esta época, na medida em que, nesse Verão, os catalães não gastaram nem um cêntimo para reforçar o plantel (chegaram Van Bommel e Ezquerro, mas a custo zero) e, curiosamente, isso não impediu que a equipa festejasse o campeonato no final da temporada.

Na verdade, este parece ser o ano dos recordes no Barcelona, visto que não é só o montante investido em novos jogadores que já superou todos os registos anteriores – o mesmo aconteceu com a venda de atletas. A transferência de Alexis Sánchez para o Arsenal (a segunda maior de sempre do clube, só superada pela saída de Figo para o Real, por 60 milhões), por um valor que ronda os 38 milhões de euros e a mudança de Cesc Fàbregas para o Chelsea, por 33, às quais se juntam a cedência de Bojan Krkic ao Stoke City, por cinco milhões, e de Jonathan dos Santos ao Villarreal por dois milhões, asseguram um novo recorde (78 milhões) no que às vendas diz respeito.

A estas saídas, somam-se a de Carles Puyol, que acabou a carreira no final da época passada, a de Valdés, a de Tello (emprestado ao FC Porto), a de Cuenca (ingressou no Deportivo

da Corunha, a custo zero) e possível saída de Xavi (ontem, em Espanha, voltaram a surgir notícias que asseguram que o El-Jaish, do Qatar, continua a oferecer 7,5 milhões/ano ao médio). O resultado de tudo isto parece lógico – ainda que os jogadores formados no clube continuem a estar em maioria no plantel (até ver, são 13 atletas da casa “contra” 11 vindos de fora), a realidade é que se tentarmos estabelecer um “onze” provável para a nova temporada, Piqué, Jordi Alba, Busquets, Iniesta e Messi são os únicos jogadores da “La Masia” que sobram, ao passo que Claudio Bravo, Mathieu, Dani Alves, Rakitic, Neymar e Suárez não cresceram com a filosofia culé.

Dirão os defensores da cantera que com Luis Enrique, que foi treinador do Barcelona B durante três épocas, como técnico principal, haverá razões para continuar sonhar com uma equipa made in catalunha – e as inclusões de Deloufeu, Rafinha Alcântara, Jordi Masip, Pedro Rodríguez, Sergi Roberto, Marc Bartra e Martín Montoya no plantel para a nova época conferem legitimidade ao argumento. Mas não será menos verdade que com um tridente ofensivo formado por Messi, Suárez e Neymar, dificilmente nomes como Pedro ou Deloufeu terão o espaço desejado.

Ciclismo: Italiano Nibali iguala feito de Pantani e vence a Volta à França

Vincenzo Nibali tornou-se no primeiro italiano desde Marco Pantani a vencer a Volta à França neste domingo, dominando os adversários em todos os terrenos e aproveitando-se da eliminação dos principais rivais durante a famosa prova com duração de três semanas.

Texto: **Redacção/Agências** • Foto: **Reuters**



Enquanto a Itália celebrava o seu sétimo título, a França também comemorava a sua primeira dobradinha no pódio em 30 anos, com o veterano Jean-Christophe Péraud e o novato Thibaut Pinot a terminarem na segunda e na terceira posições, respectivamente.

“Estamos muito felizes, é uma vitória linda. A equipa toda está de parabéns”, disse o treinador de Nibali, Alexandre Vinokourov.

Nibali superou Péraud em 7m37s e Pinot em 8m15s tornando-se no sexto ciclista a vencer as três principais Voltas, a par do belga Eddy Merckx, dos franceses Jacques Anquetil e Bernard Hinault, do italiano Felice Gimondi e do espanhol Alberto Contador.

O italiano consolidou o título com facilidade, enquanto outros ciclistas ainda disputavam os estágios finais da competição de três semanas.

Nibali tornou-se, assim, no primeiro italiano, desde Marco Pantani, campeão em 1998, a levantar o troféu.

Com uma arrancada final na avenida Champs Elysees, o alemão Marcel Kittel venceu a última etapa da Volta à França, a sua quarta vitória durante esta volta e uma repetição da sua vitória diante do cartão postal parisiense em 2013.

Nibali começou o dia com uma liderança de cerca de oito minutos e só precisava de evitar uma eliminação na etapa derradeira para consolidar o título. Contador, que perseguiu o seu terceiro título, foi eliminado na décima etapa, após pedalar 15 quilómetros com a tibia fracturada e abandonar a competição.

O campeão de 2013, Chris Froome, também fez as malas de volta para casa depois de sofrer um acidente num trecho de pedras na quinta etapa, no mesmo dia em que Nibali estabeleceu uma enorme distância sobre os principais adversários com uma performance notável por entre as ruas traiçoeiras do norte da França. “Eu estava pronto para enfrentá-los. Os abandonos fazem parte da prova”, respondeu Nibali, ao ser questionado sobre se as saídas prematuras de Contador e Froome poderiam ofuscar o seu título.

Fórmula 1: Australiano Ricciardo vence GP da Hungria de forma dramática

O australiano Daniel Ricciardo, da Red Bull, venceu o Grande Prémio da Hungria de Fórmula 1 no passado domingo, enquanto Lewis Hamilton fez uma grande prova de recuperação após largar das boxes e terminar no pódio, em mais uma espectacular performance do piloto da Mercedes. Fernando Alonso, da Ferrari, foi o segundo e o líder do campeonato, Nico Rosberg, que fez a pole position com o seu Mercedes, acabou na quarta posição, além de ver a distância para o vice-líder na tabela Hamilton cair de 14 para 11 pontos.

Texto: **Redacção/Agências** • Foto: **Reuters**



Não foi o dia de Rosberg e da Mercedes – na Hungria, a marca saiu derrotada pela segunda vez em 11 Grandes Prémios. Ricciardo, revelação da categoria no seu primeiro ano com a Red Bull, esvaziou os pulmões ao gritar euforicamente após receber a bandeira quadriculada 5,2 segundos à frente de Alonso.

Foi a segunda vitória do australiano na temporada e na carreira. “Sinto-me tão bem como na primeira vitória”, disparou Ricciardo, que havia vencido pela primeira vez no Canadá.

A corrida do domingo ficou marcada por vários incidentes, que motivaram a entrada de dois safety cars. “O primeiro safety car realmente jogou a nosso favor, mas o segundo não ajudou. Mas chegámos lá e no fim tive que fazer a ultrapassagem, o que foi bem divertido.”

Todos os quatro primeiros classificados chegaram em algum momento a liderar a prova que foi interrompida por dois grandes acidentes, prosseguiu com uma constante ameaça de chuva e terminou com os pilotos no limite.

Aposta nos pneus

Ricciardo, que já havia liderado a prova e tinha

pneus mais novos, deixou Hamilton para trás faltando três voltas para o fim e ainda ultrapassou um determinado Alonso retomando a liderança de uma vez por todos a duas voltas da bandeirada.

“Nós fizemos uma aposta arriscada para tentar sair com a vitória e estivemos bem perto dela”, disse Alonso a respeito do seu segundo pódio na temporada. “Nós precisamos de algumas corridas bem malucas para obter um lugar no pódio e tivemos oportunidades hoje.”

Em quarto, Rosberg – que fez três paradas contra duas de Hamilton e Alonso – estava a diminuir a diferença para o terceiro classificado e companheiro de equipa Hamilton e, por pouco, não o ultrapassou no final da prova.

Hamilton ainda forçou para se manter no terceiro posto, depois de repetidas chamadas da equipa pedindo que ele deixasse Rosberg passar, uma vez que o alemão ainda tinha um pitstop para fazer. Assim, o inglês conquistou um lugar no pódio que parecia improvável depois dos treinos de sábado. “Eu estava a esforçar-me o máximo que pude para ver o quão longe poderia chegar”, disse Hamilton, que havia vencido na Hungria nos últimos dois anos e terminado em terceiro na Alemanha depois de largar em 20°.

Ali Faque: A figura de superação

Em alguns países africanos os albinos vivem dias meramente difíceis. O terror que caracteriza o dia-a-dia desta gente é, supostamente, devido à influência da prática de magia negra com recurso aos órgãos de pessoas com falta de pigmentação. Para além de perseguições, mutilações e mortes a que são sujeitos, os albinos são igualmente rejeitados pelos seus pais. Ali Faque, um músico de mão-cheia, conhecido pela sua famosa obra intitulada “Kinachukuru”, passou pelos mesmos problemas, em virtude de ele e a sua mãe terem sido rejeitados pelo seu progenitor, pura e simplesmente por ter falta de pigmento na pele.

Texto: Reinaldo Luís • Foto: Eliseu Patife

Acreditar em milagres da força divina – Deus – pode parecer um contra-senso a alguns ateus. “Graças a Deus tenho uma mãe que desde o primeiro dia da minha vida, embora albino, entendeu a minha situação”, disse Ali Faque, ao @Verdade, e admite a existência do Todo-Poderoso.

O nosso entrevistado disse que escapou à morte por ser albino e na altura em que foi rejeitado pelo pai sugeriu à sua mãe que lhe tirasse a vida, tendo a senhora manifestado a sua total oposição em relação ao pedido do seu filho. Ela preferiu perder o lar para proteger o menino. Devido a essa falta de harmonia familiar, para além da separação do casal, o músico cresceu longe do seu progenitor.

Apesar de ele e a sua mãe terem ficado longe do pai, as dificuldades relacionadas também com o estigma ainda acompanhavam a vida do músico. Este, quando frequentava a 4ª classe, ingressou na Escola de Música da Casa da Cultura, em Nampula, onde aprendeu a tocar guitarra e outros instrumentos.

“O que aprendi na escola de música foi fruto do meu esforço e, talvez, da esperança de um dia ser alguém. Acredito que seja mais uma obra de Deus”, afirmou o artista.

Devido aos obstáculos pelos quais tem passado, Ali Faque considera que a sua vida tem sido marcado por momentos difíceis mas nunca desesperou. “Quando eu ainda estudava música, fazia de tudo para ser o mais inteligente e esforçado da turma. Queria aprender mais e saber o verdadeiro sentido dos ritmos”.

O nosso interlocutor contou que depois de longos anos de aprendizagem na Escola de Música da Casa da Cultura em Nampula, ficou magoado em resultado de o estabelecimento de ensino ter encerrado as portas devido à falta de alunos. Nessa altura, numa província onde já não se ensinava música, Ali tinha o espinhoso desafio de ser autodidacta e quebrar as barreiras que se acentuavam na área em que pretendia prosperar.

“Depois de me aperceber de que a música me completava, fiz de tudo para continuar com o ofício. Na vida passei por quase todas as dificuldades... já fui vendedor de peixe seco, em Nampula”, contou o músico acrescentando que foi no comércio onde começou a batalhar pela sobrevivência até que um dia decidiu ser artista.

Nesse contexto, em 1988, Ali juntou-se a um agrupamento de música pertencente à Escola Militar em Nampula. Volvidos alguns anos, passou a fazer parte de um grupo formado por Rock Jamal, que se chamava “Por Amplitude”. A partir dessa altura, a sua carreira profissional começou a ser notável, aplaudida e, conseqüentemente, acompanhada por todos aqueles que se identificavam com a sua obra.

Em 1995, o músico viajou, pela primeira vez, para a ci-



dade de Maputo, com o objectivo de aprimorar a sua forma de trabalhar a música e de ser e estar na sociedade. Na capital do país, o nosso entrevistado trabalhou com alguns conceituados músicos, tais como Zena Bacar, Stewart Sukuma e Mr. Arsen.

Em virtude dessa troca de experiência, em 1991, Ali publica a música “Kinachukuru”, um hino de louvor e gratidão ao Onnipotente. “Com essa melodia agradeço a Deus por me ter dado a mãe que tenho. Depois de ter sido abandonada pelo meu pai, ela deu-me carinho e, além do mais, preferiu perder o lar por minha causa”, reconheceu o artista.

“Kinachukuru” é uma obra de sucesso que se estende ao longo dos tempos. A mensagem contida na música, para além de ter uma biografia triste do intérprete a que nos referimos, leva-nos à luta contra a discriminação racial, em particular dos albinos.

“Quando ainda compunha a música “Kinachukuru”, coincidentemente, num dos dias a minha mãe veio visitar-me. Quando a toquei ela escutou com atenção e começou a deixar cair lágrimas”, recorda Ali.

As dificuldades em Maputo

O músico a que nos referimos é natural de Nampula, mas reside em Maputo desde a década de 1995. A saída da sua terra natal deve-se, segundo ele, à procura de melhores condições de vida.

“A base de todas as actividades artístico-culturais está na capital do país. Pensei que se eu continuasse na minha província ficaria distante dos empresários, jornalistas e de outros meios que nos fazem ter sucesso”.

Na verdade, para o nosso interlocutor, Maputo era um eldorado e a sua carreira podia prosperar sem dificuldades, o que não passou de utopia. Na capital do país, ele foi recebido com bastante carinho e admirado por muita gente, mas em pouco tempo veio o “esquecimento”. A partir de uma certa altura, a vida de Ali mergulhou novamente num mar de obstáculos.

“Por várias vezes fui burlado pelos promotores de eventos. Certos seres humanos avaliam os indivíduos pelo aspecto físico para lhes remunerar quando prestam determinados serviços”, disse o artista.

“Quando cheguei a Maputo, trabalhei com diversas firmas que usam a minha imagem. Depois de vários anos com esses empresários, como, por exemplo, a Gringo, mudei-me para a VIDISCO. Aqui vivi o maior martírio. Eu era uma das pessoas menos pagas na empresa. Com o andar do tempo, soube que alguns dos

meus colegas auferiam 200 mil meticais e com algumas subvenções. A mim apenas pagavam cinco mil meticais e sem direito a mais nada”, desabafou o músico que considera que estava a ser discriminado e explorado.

Além das alegadas e constantes burlas que ele sofreu ao longo da sua carreira, em Maputo, Ali sente-se, agora, rejeitado pelo seu próprio país na medida em que através da música promoveu a imagem de Moçambique e do povo mas, hoje, a sua vida é crítica e ninguém lhe valoriza. Por exemplo, o artista contou que realizou campanhas políticas a favor do partido no poder, a Frelimo, mas continua miserável e não tem as recompensas que esperava receber.

De sorrisos à desgraça

Ali é um talento que se deve apreciar, pese embora as dificuldades em que está mergulhado. Para além de ser um artista bastante conhecido dentro e fora do país, é difícil falar da música moçambicana e tentar contornar o seu nome. Segundo ele, é com essa arte (de cantar) que por longos anos alegrou os seus compatriotas e, hoje, mesmo sem fundos para continuar no ofício, luta para não ser dado como musicalmente falido. Ali percorre as artérias da cidade de Maputo a vender os CD's produzidos durante a sua carreira.

Encontrámo-lo na Rua Joaquim Lapa, na zona baixa da urbe, com mais de uma dúzia de discos nas mãos. Quisemos saber dele a razão de comercializar pessoalmente a sua obra. A resposta, metafórica, foi: “Nós (os músicos moçambicanos) estamos como se estivéssemos a viver na água, onde não se afoga quem sabe nadar”.

Em Moçambique, o artista só serve para fazer publicidade, mas para espectáculos de grande envergadura sempre chamam os músicos estrangeiros, disse o nosso entrevistado, para quem “somos usados como papel higiénico que só usam para limpar a sua vergonha nas campanhas eleitorais e depois deitam-nos fora”.

Para manifestar ainda a sua indignação, Ali referiu que quando as crianças vivem na rua, às vezes, não é por falta de quem cuide deles, mas sim de paz e apoio, o que garante a estabilidade de uma criança. “E nós os músicos também somos como esses peixes que vivem nas ruas, mas não porque não temos uma casa, mas, sim, porque não temos condições. Aliás, eles (as autoridades) não nos dão condições”.

Contudo, para contornar o alarmante cenário de contrafacção discográfica, o músico pretende, nos próximos dias, criar uma página Web para, a partir dela, divulgar o seu trabalho. Segundo explicou, a referida plataforma não seria a melhor para combater a pirataria, mas “mais vale um pássaro na mão do que dois a voar”.

A dura vida do cineasta moçambicano

Cineastas de várias gerações – amadores e profissionais – juntaram-se, no fim do mês de Julho, no Centro Cultural Franco Moçambicano (CCFM), em Maputo, em mesa redonda, para falarem de si, da sua arte e das dificuldades que enfrentam na sociedade e no mundo artístico-cultural. Com pompa e circunstância, num painel composto por realizadores, jornalistas culturais e titulares da cultura no país, notou-se que há, de facto, diversas “doenças” que enfermam a produção e a divulgação da sétima arte em Moçambique.

Texto: Reinaldo Luís • Foto: Inocêncio Albino

Sob o ponto de vista de desenvolvimento, a sétima arte no país está mais do que atrasada. Guiados pelo espírito do inconformismo, alguns fazedores das artes e dirigentes da área, em particular do cinema, explicam o estágio crítico em que se encontra mergulhado o cinema moçambicano. E este sintoma não é de hoje.

Foi, no entanto, devido à indignação que reina no seio dos cineastas, supostamente derivado de alguma insensibilidade por parte dos promotores em relação à arte, caracterizada ainda por um cenário de estranheza e exclusão, que o Fórum de Cinema de Curta-Metragem, comumente designado KUGOMA, organizou, em Maputo, uma mesa-redonda, na qual participou também Otilia Equino, representante do Fundo Para o Desenvolvimento Artístico e Cultural (FUNDAC). O encontro tinha como propósito discutir a desorientação do cinema em Moçambique e encontrar possíveis soluções para o problema.

Para além desse ponto, considerado importante no debate, discutiu-se, ainda, o hábito, já preterido, de assistir a filmes – por parte dos moçambicanos –, agravado pelo facto de todas as salas de cinema terem sido “vendidas” às igrejas, e outras abandonadas, complicando ainda mais a vida do criador.

Contrariamente a alguns países africanos como Nigéria e Angola – onde os seus Governos apoiam (financiando) a realização e disseminação do cinema, – em Moçambique depois de uma aborrecida e, invariavelmente, malsucedida procura do patrocínio para a produção, os criadores enfrentam outro dilema maior ainda – a falta de salas de cinema para a exibição das obras.

Estes aspectos, diga-se, negligenciados por quem de



direito, inibem a criatividade e o desenvolvimento das actividades artístico-culturais no país. E, em virtude disso, segundo Licínio Azevedo, “em Moçambique corre-se o risco de, no futuro, não se ter cineastas”.

As vozes dos indignados

O cineasta e arquitecto moçambicano Nildo Essá, nomeado, recentemente, ao concorrer com o filme de animação “Os pestinhas e o ladrão de brinquedos”, produzido pela FX, Lda., para o prémio Melhor Animação Africana de 2014, sente-se abandonado e, por sua vez, nunca teve apoio para produzir o seu trabalho.

Segundo conta, o cinema, particularmente o de animação, marca-o a cada instante. Nele apreende a criar e a superar diversos obstáculos, como, por exemplo, o episódio que conta: “Certa vez, fui ao Cinema Lusomundo e levei comigo Os pestinhas. Chegando lá, pedi para que exibissem o filme antes da série programada para o dia, pois só tem 12 minutos de duração. Para minha tristeza, a pessoa que me recebeu, depois de me felicitar pela obra, dispensou-a, supostamente, porque as pessoas não iam gostar. Fiquei muito desapontado. Era a única sala de cinema que tinha exhibições e nunca esperei por uma resposta daquelas. Essa foi uma das maiores dificuldades que tive, na minha carreira”.

José Augusto Nhambuto, carinhosamente tratado por Zegó, é um cineasta novo na praça e com pouca experiência, mas, segundo diz, “há necessidade, primeiro, de se ratificar a Lei do Cinema. Só podemos defender-nos, depois de a lei ser confirmada”.

No entanto, no que tange à qualidade do cinema feito em Moçambique, o cineasta acredita que a sétima arte moçambicana tem qualidade internacional. Por isso, os filmes são referências internacionais. “O que acontece é que há, ainda, uma vaga de cineastas que precisam de absorver a cinematografia. Isso é aceitável. De certo modo, tratando-se de um país onde não há escolas de cinema, onde as pessoas são autodidactas, mais vale a intenção e a criatividade do que os aspectos técnicos, pois isso adquire-se com o tempo”.

Zegó conta com dois filmes no mercado, mas, para além da falta da lei do cinema, uma necessidade para os cineastas, o artista aponta a falta de dinheiro como uma das maiores necessidades. Segundo conta, “não há fundos para o cinema em Moçambique. Sabemos que em, quase, todo o mundo é difícil fazer a arte, mas no nosso país é pior ainda”, concluiu Zegó.

Orlando Mabasso Júnior, um cineasta jovem, considerou que o artista moçambicano tem de começar a olhar para o mundo e, face às dificuldades, tentar encontrar as, possíveis, soluções. Mabasso, usando da experiência que adquiriu ao longo do tempo, afirma que o criador da sétima arte no país terá muito a ganhar quando, com base nas suas habilidades, mesmo sem condições, começar a trabalhar, citando alguns exemplos de pessoas que triunfaram no meio das dificuldades.

“O artista moçambicano não deve olhar para a arte como se fosse um ‘ganha pão’, porque a partir desse momento ela deixa de ser autêntica. O cinema deve ser uma forma de comunicação e expressão”, disse Mabasso. No entanto, o cineasta acredita que os problemas enfrentados pelos artistas são vastos. E isso verifica-se em cada obra lançada. Há, na verdade, segundo conta, um pensamento não concluído nas suas realizações, devido a vários constrangimentos que acompanham o cineasta.

Curiosamente, sobre as reclamações dos criadores da sétima arte, o artista considera-as legítimas. “Os cineastas reclamam muito. Isso porque o cinema não dá retorno. Um documentário custa 10 a 20 mil dólares. Quem irá a uma sala de cinema para ver esse género cinematográfico?”

De referir que no ano passado, o Governo de Moçambique aprovou a proposta de Lei do Audiovisual e Cinema, que define os princípios de acção do Estado no quadro do fomento, desenvolvimento e protecção da arte nestes dois ramos. A proposta em causa, por sinal a primeira de género no país, estabelece ainda o regime jurídico da produção, distribuição, exibição e difusão de obras audiovisuais e cinematográficas.

Na referida proposta, o ministro da Cultura, Armando Artur, afirmou que o sector de Audiovisual e Cinema é regulado por uma legislação avulsa e, até certo ponto, desactualizada. “A proposta decorre também da necessidade de criar condições adequadas para o desenvolvimento das indústrias culturais e criativas”.

A título de exemplo, o ministro disse que a referida proposta de lei preconiza que as obras audiovisuais e cinematográficas nacionais deverão ocupar, pelo menos, um quarto do tempo de antena das televisões moçambicanas. E que a promoção e o desenvolvimento de actividades deste sector devem ser asseguradas pelo Fundo de Desenvolvimento Artístico-Cultural.

A produção deste instrumento legal a ser ainda submetido à Assembleia da República envolveu, segundo Armando Artur, todos os intervenientes da cadeia de produção de material audiovisual e cinema, designadamente cineastas, produtores, realizadores, actores e empresários.



Manuel Xavier: Um artista ambulante

Nos tempos actuais, cresce o número de jovens que se dedicam à música ligeira moçambicana, mas não apostam no ritmo tradicional. Manuel Xavier, mais conhecido no mundo artístico por Massas, podia ser considerado um ícone da música tradicional zambeziana, pois faz dela o seu dia-a-dia. Porém, com 30 anos de carreira, ele não possui nenhum trabalho discográfico no mercado.

Texto & Foto: Sebastião Paulino

Manuel Xavier nasceu no posto administrativo de Mulevala, distrito de Ile, na província da Zambézia. Ingressou na área musical quando tinha apenas nove anos de idade, a convite do tio materno que também se dedicava ao estilo tradicional. Presentemente, o artista conta com 68 composições, mas ainda não possui um trabalho discográfico no mercado e nunca sequer entrou um estúdio de gravação.

De 46 anos de idade e pai de quatro filhos, ele fixou residência na Vila Municipal da Maganja da Costa no mês Outubro de 2013, vindo do posto administrativo de Mulevala. Com as dificuldades que vem enfrentando desde que passou a residir naquela circunscrição geográfica, Massas pensou em superar os obstáculos cantando em lugares de maior concentração humana.

A cada dia que nasce, o artista deambula pelas artérias da vila, sobretudo as escolas, os mercados e os campos de futebol, cantando como forma de garantir a sua sobrevivência e a dos seus parentes. Cobra por música o valor simbólico de cinco meticais.

Na verdade, ele começou a fazer as suas apresentações nas ruas em 2010, altura em que o seu mestre perdeu a vida. “Optei por realizar espectáculos nas ruas e mercados porque é a única forma de fazer a minha vida sem problemas”, diz.

Refira-se que, no distrito de Ile, o artista também se dedicava a este tipo de actividade, e garante que é com ela que consegue assegurar o sustento do seu agregado familiar. Durante as suas actuações, Massas concentra um grande número de espectadores que se encanta com as suas composições musicais. Apesar de não ter passado por uma escola de música, Massas toca viola com esmero.

“Não tive oportunidade de estudar porque naquele tempo não era fácil ir à escola. O meu tio, que era músico, convidou-me a aprender a tocar viola e fui aprendendo pouco a pouco. Pretendo também ensinar o meu filho a manejar este instrumento musical”, refere, ten-



do acrescentado que, antes de o tio ter perdido a vida, este ofereceu-lhe uma guitarra que permitiu a Massas aperfeiçoar e realizar espectáculos nos locais de grande concentração humana.

De acordo com o nosso entrevistado, a ideia de se tornar cantor ambulante começou quando, na companhia do falecido tio, foi ao mercado de bebidas alcoólicas fazer algumas apresentações musicais para as pessoas que se encontravam no local, tendo caído na graça do público.

A partir desse dia, Massas apercebeu-se de que era possível resolver os problemas relacionados com a falta de fontes de sobrevivência. Desde então, ele passou a realizar trabalhos lúdicos nos bares, mercados e estabelecimentos de ensino. “É dessa forma que se instalou em mim este desejo de me tornar artista ambulante. Ando com a minha viola nas mãos à procura de sustento para a minha família”.

Massas fez parte de alguns grupos de música tradicional de Mulevala como, por exemplo, o Arcos-Iris, o Mauquiequie, o Estrela Vermelha, entre outros. Para o artista, a melhor forma de um músico ter sucesso ao longo da sua carreira é procurar uma fonte de auto-sustento. “Não faço isso apenas para garantir o pão de cada dia, mas também para divulgar o estilo tradicional zambeziana”, afirma.

O artista defende que “as colectividades culturais actuais têm-se debatido com questões de natureza financeira que podem ser ultrapassadas, bastando existir união entre os membros”.

Falta de oportunidade

Na verdade, Manuel Xavier não sabe explicar as razões de não possuir um disco, apesar de ter vários anos de carreira e ter pertencido a diversos gru-

pos culturais que contribuíram para a sua formação musical. Para ele, a falta de oportunidade e de um financiador estão na origem desse problema.

O artista tem o desejo de gravar o seu primeiro trabalho discográfico e lançar o álbum no mercado o mais rápido possível, mas não encontra oportunidade para efectivar o seu sonho. “Enquanto não encontro apoio para registar as minhas músicas, vou continuar a ser um artista ambulante”, comenta.

As suas 78 composições musicais, todas cantadas na língua lomué, baseiam-se no quotidiano do povo da Zambézia. “Inspiro-me no dia-a-dia da sociedade moçambicana. As desavenças e as alegrias são a minha fonte de inspiração”, diz. A maior parte dos temas critica a juventude que não respeita a cultura dos antepassados.

Numa viagem que fez para o posto administrativo de Nante, no distrito da Maganja da Costa, perdeu a sua guitarra num acidente de viação. Como não possui recursos financeiros para a aquisição de uma nova, ele teve de utilizar um lata como instrumento musical para trabalhar.

“Não consigo ficar um dia sem tocar a viola. A minha mente só pensa nesse instrumento musical, não porque é a minha fonte de sustento, mas porque me faz sentir bem?”, garante.

A música na Zambézia

Apesar de nos últimos tempos existirem muitos jovens a apostar na cultura na província da Zambézia, Massas considera que a música zambeziana ainda não encontrou o seu ritmo. “As pessoas gostam de valorizar as coisas de fora, e deixam o que é nosso, isso pode matar a nossa tradição”, refere.

O nosso interlocutor condena os artistas que dizem que não é possível viver da música, afirmando que o talento e a iniciativa ajudam a colocar o indivíduo numa situação de estabilidade. “Um compositor não pode ficar à espera de donativos para fazer brilhar o seu talento. Pelo seu próprio esforço, ele pode criar uma forma de sobreviver”, diz a terminar.

Há música clássica em Maputo e na Matola

Decorre, de 06 a 09 de Agosto em curso, a segunda série de concertos da Temporada de Música Clássica de Maputo, designada “Xiquitsi”. “Recital de Música de Câmara” é o tema reservado ao primeiro dia, a partir das 19h:00, na Casa Mafurra, no município da Matola. As entradas são gratuitas.

Texto: Reinaldo Luís

O programa está inserido nas acções de disseminação deste estilo musical, para que os munícipes de outras urbes desfrutem dos ritmos clássicos.

Para tornar o dia inesquecível, alguns músicos vão interpretar diversas obras de compositores tais como, Bach, Bizet, Tchaikovsky, Falla, Debussy, Puccini, Tarini, Bizet, dentre outros.

No segundo dia, a 07 de Agosto, o Teatro Avenida será o centro das atenções, ao acolher um evento denominado “Música de Câmara para Canto e Piano”. Continuamente, no dia 08 do mesmo mês, os artistas clássicos vão actuar no Girassol Indy Congress Hotel, em Maputo, onde, para além da boa música, será servido um “Jantar Concerto”.

No último dia da série, o encerramento estará a cargo de Pietro Auletta, professor de música, acompanhado por Sara Braga Simões, no soprano; Mário João Alves, no Tenor; Job Tomé, no barítono; Ángel González, no piano e pelos jovens do agrupamento Xiquitsi, no coro.

Designado “Ópera”, o espectáculo terá lugar, às 19h:00, no Teatro Avenida, na capital do país.

De referir que para este evento a Kulungwana traz, novamente, a Maputo, a Associação Mãos à Ópera, (A MAO) que se junta, à Temporada de Música Clássica de Maputo para divulgar o hilariante e divertido mundo da Ópera - um dos mais importantes géneros de estilo musical que concilia, num só gesto, duas artes majestosas, nomeadamente a música e o teatro.

Marvel anuncia que próximo Capitão América será negro

A próxima personagem a usar o escudo estrelado e a vestir o uniforme vermelho, branco e azul do Capitão América nas páginas dos quadrinhos da Marvel vai ser um negro. O Capitão América surgiu em 1941 como um soldado superpoderoso que lutava contra os nazistas. A Marvel ressuscitou-o nos anos 1960 e ele acabou por se tornar um ícone entre os heróis da companhia de quadrinhos.

Texto & Foto: Agências

A mudança nas características da personagem foi divulgada quarta-feira no site da editora e concebida após a aposentadoria do alter-ego original do Capitão América, Steve Rogers, que descobre ter perdido a sua força e agilidade fora do comum que havia ganho com a injeção de um “soro para super-soldados.”

Rogers vai transmitir a persona do Capitão América ao amigo e companheiro de tropa muito mais jovem Sam Wilson, que já é uma personagem numa história em quadrinhos própria como a verdadeira identidade do super-herói alado Falcão.

Uma explicação de três páginas sobre a transformação foi publicada sob a manchete: “É hora de um Capitão América totalmente novo”.

A autoria da mudança é do roteirista e artista Rick Remender e do editor Tom Brevoort, ambos integrantes da equipa criativa envolvida no relançamento de vários dos mais populares heróis da Marvel. A actualização do Capitão América foi revelada também pelo director-criativo da editora, Joe Quesada, durante uma participação no programa de TV “The Colbert Report”, no domingo à noite.

A notícia surgiu um dia depois do anúncio da Marvel de que o deus nórdico Thor, outro dos seus personagens que integram a Liga da Justiça desde a sua criação, passaria a ser uma mulher. Por enquanto, as mudanças nas duas personagens - Thor e Capitão América - vão-se limitar às páginas das revistas em quadrinhos da Marvel.

Chris Hemsworth vai continuar a interpretar um Thor masculino, e Chris Evans um Capitão América branco, nas



adaptações dos super-heróis para o cinema. Quando Sam Wilson vestir o uniforme do Capitão América ainda neste semestre, a personagem vai passar por mais do que uma mera mudança na cor de pele.

Wilson vai abrir caminho para uma versão modificada do famoso uniforme do Capitão América, embora mantenha o característico escudo circular com uma estrela no meio, de acordo com Remender e Brevoort. Mas a personagem vai manter uma das principais característica da sua persona anterior como Falcão - as asas retrácteis que lhe permitem voar.

O antigo Capitão América, Steve Rogers, vai continuar como um assessor estratégico do seu sucessor, disse a Marvel.

Paul McCartney resgata material inédito dos Wings em novos lançamentos

O ex-beatle Paul McCartney resgatará parte do material inédito da banda Wings, formada por ele em 1971, com a reedição dos discos “At the Speed of Sound” e “Venus and Mars”, que deverão ser lançados no próximo dia 23 de Setembro.

Texto: Agências

A gravadora Universal Music informou nesta terça-feira (29) que ambos os álbuns serão publicados numa grande variedade de formatos, sendo que o primeiro volume incluirá o material original remasterizado e o segundo, várias faixas desconhecidas para o público.

Além da “deluxe”, que compreenderá um livro com entrevistas e materiais do próprio arquivo pessoal do artista, outra edição especial acrescentará um DVD com as gravações da época e cenas nunca antes exibidas.

Após a dissolução dos Beatles, McCartney formou a banda Wings junto com a sua então esposa, Linda, e do guitarrista de Moody Blues, Denny Laine. No total, a banda teve três formações diferentes e lançou nove discos até a sua dissolução, como “Band on the Run”, em 1973.

Seguindo o êxito comercial deste álbum e um estilo muito similar, a banda lançou em 1975 o disco “Venus and Mars”, já com Jimmy McCulloch e Geoff Britton na formação, embora este último tenha sido substituído por Joe English.

O disco, gravado entre Londres e Nova Orleans, alcançou o melhor tanto no Reino Unido como nos EUA e trazia faixas como “Listen to What the Man Said”.

Na sequência disso, apenas um ano depois, a banda lançou o clássico “Wings at the Speed of Sound” (1976), que repetiu o mesmo sucesso do anterior e liderou as vendas nos EUA (número 2 no Reino Unido). No seu repertório figuram músicas como “Silly love Songs” e “LeT’em in”.

Zayn Malik gera polémica ao twittar “Palestina livre”

Zayn Malik, cantor do fenómeno Pop mundial “One Direction”, gerou uma forte onda de reacções na Internet após postar na sua conta pessoal no Twitter a seguinte frase: “FreePalestine” o mesmo que “Palestina livre”, em apoio ao povo palestino face ao ataque israelita a Gaza.

Texto: Agências



“Se alguém que o ama diz que te quer morto, você continua a adorá-lo?”, lê-se nas questões colocadas, entre as quais há ameaças de morte, segundo o jornal “The Mirror”.

A publicação de Malik já foi retwitada por mais de 208 mil pessoas e gerou outros dois temas em direcções opostas tais como, “Zayn, você tem fãs em Israel” e “Zayn, não tenha medo”.

Até o momento, nenhum dos outros quatro componentes do “One Direction” se pronunciou sobre o caso. A banda, com apenas quatro anos de estrada e três discos no mercado, acumula mais de 30 milhões de cópias vendidas no mundo e um enorme sucesso entre adolescentes.

O jovem britânico não é o primeiro artista que manifesta o seu apoio ao povo palestino, que desde que a actual ofensiva israelita sobre Gaza regista 1.130 mortos e 6.500 feridos.

O músico e produtor musical Brian Eno e o vocalista do Pearl Jam, Eddie Vedder estão entre os músicos que se manifestaram publicamente contra as acções do exército israelita.



Toma que te Dou

Alexandre Chauque
bitongachauque@gmail.com

- Senhor, já chegámos!

A cidade de Inhambane, onde eu moro, nunca vai fazer sentido sem o mar, sem a baía que eu venero de forma incessante.

Eu também sou um peixe, não me canso de marejar o meu espírito jovem, cada vez mais predisposto a novas batalhas pela sensatez. Adoro o mar. E já percebi que sem este lençol esplendoroso que ora vaza ora enche, num ciclo de não acabar, a minha vida é esbatida.

É por isso que hoje, como tem acontecido sempre que me falta o oxigénio nos pulmões, estou embutido no bojo desta barcaça com motor fora de bordo levando mais de quarenta pessoas a bordo.

Vou a Maxixe, não propriamente porque aquela cidade me fascina, mas porque quero vestir o meu corpo inteiro e a minha alma inteira e o meu espírito inteiro, com as águas do mar.

Estou satisfeito e feliz por fazer esta viagem sem agenda. Gosto de andar à toa, de me entregar ao sol e às brisas, e exulto por dentro quando me misturo com pessoas de várias matizes. Como agora nesta barcaça com motor fora de bordo.

Estou em silêncio, implorando aos meus espíritos para que ninguém se lembre de ligar para o meu celular. Quero ouvir esta gente a tagarelar. A festejar a vida através das conversas que convergem e divergem.

Aplaudo a consonância entre o leve roncar do motor e as vozes que de vez em quando são destacadas por uma gargalhada desinteressada, que depois reboia para as imperceptíveis ondas que nos acompanham.

Não há bulício na barcaça. Aqueles que falam fazem-no com educação, respeitando os companheiros de percurso. Os outros, que como eu estão calados ou compenetrados nos seus pensamentos ou ouvindo com gozo as conversas alheias, como eu também, emprestam ao enredo uma imagem de paz. Há uma harmonia entre tudo aquilo que vejo e sinto.

A barcaça desliza tranquila, e não precisa de dar aquela volta enfadonha para contornar os bancos de areia em tempo de maré vaza, porque é maré cheia.

Hoje, como no dia em que me sentava num dos bancos da marginal apanhando frio, também não há flamingos. É belo contemplar as duas cidades divididas e unidas ao mesmo tempo, pela baía que as engrandece, que as mistifica, que as idolatra, que as liberta.

Estou a sonhar no bojo de uma barcaça com motor fora de bordo, ouvindo conversas agradáveis e desinteressadas, cozinhadas e consumidas com o propósito único de queimar o tempo que vamos gastar na travessia.

De repente as águas agitam-se perto do transporte que nos leva. É um casal de golfinhos que nos acompanha. Voam como se tivessem asas e depois desaparecem para o fundo do mar onde vivem. É um espectáculo Divino.

Forte e belo por demais que as pessoas ficaram repentinamente em silêncio para contemplar os mamíferos com barbatanas. Somos escoltados como pessoas importantes até a ponte-cais.

E quando o arrais desligou o motor, continuei a olhar para o lugar de onde viemos na esperança de ver novamente os monstros mas... nada! Mantive-me sentado querendo que o sonho continuasse até que um dos marinheiros ciciou:

- Senhor, já chegámos!

ENTRETENIMENTO

PARECE MENTIRA...

Há mais irlandeses em Nova Iorque que em Dublin, mais italianos que em Roma e mais judeus que em Telavive.

O maior buraco feito pelo homem é o “Kola Superdeep Borehole”, na Rússia. Tem uma profundidade de 12 quilómetros e foi perfurado para investigações científicas, nas quais se descobriu um imenso depósito de hidrogénio.

A entidade soberana mais pequena do mundo é a “Soberana Ordem Militar e Hospitalária de São João de Jerusalém, de Rodes e de Malta” (S.M.O.M), mais conhecida pelo nome de A Ordem de Malta. Está localizada na cidade de Roma, tem uma superfície de dois campos de ténis e uma população de 80 pessoas.

Damasco é a cidade mais antiga do mundo e já era uma urbe florescente dois mil anos antes da fundação de Roma, em 753 a.C.

PENSAMENTOS...

- Ninguém é tão sábio que possa aconselhar a si mesmo.
- A mesma faca corta o pão e o dedo.
- Se me aprova a consciência, não ligo à maledicência.
- Nem sempre quem vence convence.
- Quem mal entende, mal conta.
- Cada vaso transpira o que dentro contém.
- Quem tem mãe é sempre criança.
- Não há gosto que não custe.
- Mais caro é o dado que o comprado.
- Não dá quem tem, mas sim quem quer bem.

SAIBA QUE...

A Maratona tem origem na Grécia antiga, onde existia uma planície com o mesmo nome. No ano 490 a. C., durante uma batalha contra os persas, os atenienses escolheram o seu melhor corredor para ir à procura de reforços. Diz a lenda que Fidípedes correu 250 quilómetros até a cidade de Esparta e mais 40 até Atenas. Caiu morto de exaustão.

O céu teve sempre a mesma cor que apresenta hoje. Em dias limpos era azul-claro, em noites encobertas e sem lua era azul-escuro ou quase negro e, em noites limpas, era estrelado. Mas, como na antiguidade não existia a poluição que temos hoje, o céu parecia cristalino e as estrelas tornavam-se mais nítidas e visíveis em maior quantidade.

RIR É SAÚDE

Entre doidos:

- Vendes-me um litro de arame farpado?
- Queres que embrulhe ou vai assim?
- Não interessa. É para beber já.

Um homem encontra um amigo no vão de uma porta, muito encolhido, com aspecto doente, e pergunta-lhe:

- O que é que tens, pá? Estás doente? Deu-te alguma coisa?
- Não é nada de especial, pá. Deu-me uma vontade tremenda de trabalhar e estou à espera que passe...

Um turista, que passava por uma aldeia, perguntou a um natural da mesma:

- Esta terra é saudável?
- Muito saudável. Em dez anos, só me lembro de ter morrido um homem.
- Quem foi?
- O médico. Coitado, morreu de fome!

Uma rapariga foi-se confessar a um padre, amigo da família. Ia tão triste, que o padre lhe perguntou:

- Então, minha filha, o que é que tens? Já namoras, não é verdade?
 - Sim, senhor padre.
 - E ele quer tomar liberdades, não é assim?
 - Sim, senhor padre.
 - Olha, nunca deixe que te mexa em demasia. Só até a liga. Para cima não.
- Passado algum tempo, o padre foi à casa da família da rapariga e perguntou por ela.
- Olhe, senhor padre - diz a mãe - isto está tudo mudado. Imagina que a minha filha já usa as ligas no pescoço!

O canalizador:

- Pronto; aqui estou eu. Desculpem ter demorado mais um bocado. Na minha zona há sérios problemas de “chapa”.
- O dono da casa, já com a água por cima do joelho:

No manicómio estão a servir o pequeno-almoço. Um dos loucos diz à enfermeira:

- Menina Tina, pode dar-me um torrão de açúcar?
- Mas já lhe dei seis!
- Pois sim, mas derreteram-se todos!

Um bêbado em plena divagação:

- Minha senhora, posso saber porque se deitou na minha cama?
- Em primeiro lugar, porque gosto da casa; em segundo, porque gosta da cama; e, em terceiro, porque sou tua mulher, imbecil!

- Ouve lá: se eu te emprestasse dinheiro, serias meu devedor; mas se fosses tu que me emprestasses, o que serias?
- Um idiota...

- Tenho uma memória prodigiosa e coisa que entra na minha cabeça já não a esqueço.
- E aqueles 5000,00 Mt que te emprestei?
- Isso é outra coisa; entraram no meu bolso e não na minha cabeça...

Entre dois ladrões:

- Eina! Que automóvel! Gamaste-o?
- Não. Comprei-o a 100.000 meticais.
- E os 100.000?
- Gamei-os.

HORÓSCOPO - Previsão de 01.08 a 07.08



carneiro

21 de Março a 20 de Abril

Finanças; Período caracterizado pela estabilidade. Assim, não deixe de aproveitar a segurança que este aspeto lhe transmite para que de uma forma tranquila possa construir e consolidar outros aspetos da sua vida.

Sentimental; O entendimento com o seu par será uma realidade. Não deixe de aproveitar este período tão favorecido para consolidar a sua relação amorosa. Alguma tentação para criar problemas relacionados com ciúmes deverá ser evitada por si a todo o custo.



caranguejo

21 de Junho a 21 de Julho

Finanças; A semana favorece as questões de ordem financeira e poderá proceder a pequenos investimentos na compra de novos equipamentos para sua casa. As aplicações de capital de médio risco encontrarão neste período um momento favorecido.

Sentimental; Perfeito, deverá ser o entendimento sentimental dos nativos deste signo. Grande aproximação do casal, ternura e manifestações amorosas contribuirão largamente para uma semana feliz.



balança

23 de Setembro a 22 de Outubro

Finanças; As suas possibilidades económicas poderão terminar a semana um pouco mais fortalecidas. No entanto, deverá ser muito prudente em tudo o que se relacione com despesas e evitar gastos que não lhe sejam absolutamente necessários.

Sentimental; O relacionamento do casal poderá passar por um período de alguma tensão emocional. Dê oportunidade e tempo ao seu par para que possa falar acerca do que lhe vai na alma. Uma relação saudável depende em boa parte, ou totalmente, da forma como o casal vive os problemas que atingem ambos.



capricórnio

22 de Dezembro a 20 de Janeiro

Finanças; As suas finanças deverão iniciar um período de revigoração. Embora sendo criterioso na forma como faz as suas despesas esta é uma boa altura para proceder à compra de objetos que lhe sejam necessários. Apesar de este aspeto ser favorecido deverá ser prudente nos seus gastos.

Sentimental; Seja mais tolerante no relacionamento com o seu par. Ambos têm necessidades e carências. Assim, não se coloque em primeiro lugar nem pretenda ser o dono da razão.



touro

21 de Abril a 20 de Maio

Finanças; Período financeiro muito complicado, especialmente ao nível de compromissos assumidos. Algumas dificuldades no aspeto financeiro poderão fragilizá-lo e conduzir a situações de grande debilidade emocional.

Sentimental; Período muito crítico em que a sua mente deverá funcionar de uma forma muito racional. Não exija, nem de si, nem do seu par, mais do que está ao vosso alcance. Posições extremadas poderão levar à rutura.



leão

22 de Julho a 22 de Agosto

Finanças; Regulares, no entanto, será aconselhável que tome algumas precauções em matéria de despesas. Para o fim da semana este aspeto manifestará alguma tendência para melhorar.

Sentimental; O relacionamento amoroso será perfeito e se bem gerido pelo casal poderá viver momentos bem agradáveis. Possíveis, mas nulas tentativas de estragar a relação poderão verificar-se. Uma boa altura para o início de novas relações para solteiros.



escorpião

23 de Outubro a 21 de Novembro

Finanças; Tudo o que se relacionar com dinheiro não encontrará durante este período o tão desejado equilíbrio. A situação pode tornar-se um pouco complicada e a sua força pessoal terá um papel importante no sentido de inverter esta tendência.

Sentimental; É este aspeto que lhe trará os melhores e mais agradáveis momentos. O entendimento com o seu par será absoluto e através de um relacionamento inteligente viverão uma semana muito agradável. Alguma tendência para o ciúme, irá se manifestar pelo lado feminino.



aquário

21 de Janeiro a 19 de Fevereiro

Finanças; Alguma instabilidade financeira aconselha a que seja prudente em tudo o que se relacionar com este aspeto. Não se deixe vencer pela dificuldade deste período. Aconselhável que se evite as despesas desnecessárias.

Sentimental; O seu relacionamento sentimental poderá atravessar um período crítico. Use o diálogo como forma de entendimento. As discussões motivadas pelo ciúme não deverão ser alimentadas pelo casal.



gémeos

21 de Maio a 20 de Junho

Finanças; Preocupações inerentes à não entrada de dinheiro e à necessidade de cumprir com os seus compromissos. Encara este aspeto com tranquilidade e esperança de que tudo mudará e para isso necessita de manter os seus níveis de confiança em alta.

Sentimental; Aspeto que poderá ser marcante durante este período. Não hesite em demonstrar o que sente pelo seu par e verificará que uma boa e saudável união contribui de uma forma marcante.



virgem

23 de Agosto a 22 de Setembro

Finanças; Algumas dificuldades exigirão de si um esforço extra. Durante este período deverá ser extremamente cauteloso em tudo o que se relacionar com decisões financeiras. Apesar do delicado deste aspeto poderão verificar-se algumas entradas de dinheiro que serão consideradas como um estímulo.

Sentimental; A área sentimental é caracterizada por um grande entendimento e uma perfeita sintonia com o seu par.



sagitário

22 de Novembro a 21 de Dezembro

Finanças; As questões que envolvam dinheiro são para si motivo de constante preocupação. Tente não exagerar neste aspeto e encara as coisas com algum otimismo. Para o fim da semana poderá receber uma boa notícia em que o dinheiro é a causa central.

Sentimental; O amor é para si uma necessidade fundamental. Amar e sentir-se amado serão as suas motivações. Aproxime-se do seu par sem desconfiança nem receio. Os astros favorecem as ligações amorosas baseadas na sinceridade e na abertura.



peixes

20 de Fevereiro a 20 de Março

Finanças; Tudo o que se relacionar com dinheiro encontrará-se favorecido e poderá proceder a pequenos investimentos. Algumas aquisições necessários que tem tido receio de fazer encontram nesta semana uma altura favorável.

Sentimental; Uma maior aproximação do seu par, a comunhão das coisas boas e das desagradáveis servirão para consolidar e fortalecer a sua relação. Assim, não guarde para si problemas que divididos entre os dois tornam-se mais fáceis de suportar.

Cartoon





goste de nós no
facebook.com/JornalVerdade

Jornal @Verdade

Um tribunal de Barcelona manteve nesta segunda-feira a acusação contra o jogador de futebol argentino Lionel Messi por suposta sonegação de impostos, ignorando o parecer da promotoria que pediu a retirada das acusações contra o jogador do Barcelona, segundo um documento judicial. O jogador argentino e seu pai, Jorge Horacio Messi, foram acusados no ano passado de fraudar o Estado espanhol em quatro milhões de euros devido à apresentação de declarações de Imposto de Rendimentos falsas, entre 2006 e 2009.

<http://www.verdade.co.mz/desporto/47836>



Dwayne Fernando Muchanga Afinal o gajo é cacata! · Ontem às 5:30



Herco Machopal HM Kakaka kakakakakak.... kerem dizer k ele e ladrao??? Acho k o padrasto dele Blatter vai lhe ajudar de novo. · 28/7 às 20:33



Sergio Romao Manhise Bandido foi assim que em conexao com alguns dirigentes da fifa roubou bola de ouro! Mbava · 28/7 às 19:24



Olimpio Carlos Balane Manuel Juma, vce xta muito certo. · 28/7 às 23:45



Manuel Juma Eu nao sei pkem k messi nao aprende cm CR7, tem k xtar organizado, acho k o PLATIN e BLATER corruptos da FIFA esse padrinhamento ao messi e' pr poder ganhar dinheiro d pagar a davida · 28/7 às 23:15



Yasser Abdul Carimo Forca Messi. Esse tipo de coisas foi feito para humanos, e voce e um deles. Manda fumar os que te odeiam. Pinoias · 28/7 às 19:36



Celio Coelho Lugar de criminoso é na cadeia! A justiça não favorece ninguém, só em africa. · 12 h



Benyldo Snayder Bié poxa ladrao · 13 h



Zeferino Siteo Caros amigos,nao deixemos as palavras correrem mais k a lingua, kem e perfeito neste mundo insano? · Ontem às 9:22



Astrogildo Antonio Salvador para mim não é novidade pois no ano passado li um jornal electrónico espanhol onde se falava de que o pai tava sendo acusado pelo tribunal espanhol de lavagem de dinheiro. Se cuidem pois de trás dum famoso há uma poeira. · Ontem às 9:11



Queni Pedro Sande Sande sao coisas d homem a vida e assim.. · Ontem às 7:12



Otavio Sagura Pitua Afinal o menino certinho e malandro inimigo de impostos · Ontem às 6:53



Elidio Cambulaa afnal messi e



Ossumane Virgilio O munda da fama é axim vivexe d



malandro · Ontem às 5:42
muitas akuzaxoes e perciguioxes, messi agora nao faz parte do dbate d kem o melhor jogador do mundo na atualidad, procurem cmparar cr7 e Neymar,roben e outros nao ponham ele nexa dbate pork ele xta axima dos demais, messi xta nu selecto club dos melhores jogadores d todos os todos os tempos juntamente com : pele,cruiff,Maradona, o cr7 faltalhe muita coisa pra fazer parte dxa lista. · Ontem às 2:23



Feliz Guiamba Porque absorver a sua personalidade? · 28/7 às 22:26



Almeida Fabiao Munguambe Imploro que nao acontece nada de ruim conta big messi! · 28/7 às 22:24



Hidiel Da Silva Macuacua Prendam esse gajo e nois vamos emprestar o DOMINGUEZ pra barcelona. · 28/7 às 21:33



Bila Djady Americo esse merece cadeia pessoal · 28/7 às 20:37



Arsénio Jorge Helelele · 28/7 às 20:33



Fidelix Robert Decress Mbabva ile · 28/7 às 20:27



Bernabe Alberto Bernabe Macie Tomara k acabe na cadeia · 28/7 às 20:20



Gift MrPerfect Se Messi deixar d jogar pra Barça logo a barça já era... Pk acusar o el maestro pá? · 28/7 às 19:54



Francisco Maingue Jose Aye? · 28/7 às 19:18



Pheya Pheya Manhique Ki feio phá · 28/7 às 19:17



Abunaiya Sui'dique Selemane Esse é de pior!!!! · 28/7 às 19:16



Alberto Ernesto Zico Coisas de vergonha homem artificial. · 28/7 às 19:15



Camilo Feliciano Sambo Ai jastica fala mas alto que a fama. · 28/7 às 19:49



goste de nós no
facebook.com/JornalVerdade

Jornal @Verdade

Amanhã, naquele que é considerado, em alguns círculos, como “o casamento do ano”, entre Zófimo Muivane, um executivo da Mcel e da ‘empresária’ Valentina Guebuza, a segunda filha do Presidente moçambicano, alguns interesses podem estar em jogo e deverão ser salvaguardados. É, e tem sido assim, nos casamentos que envolvem figuras de escolas e extractos bancários diferentes, como parece ser o caso. Zófimo é conhecido como jovem humilde e trabalhador e Valentina é a filha do ‘empresário’ Guebuza, que está a acumular fortuna nas costas do apelido que transporta como disso a Imprensa tem dado conta. Se a união que será selada aos olhos de Deus na Igreja Presbeteriana, e aos olhos do Estado no registo civil, for em comunhão de bens, o noivo vai adicionar aos dois empreendimentos que possui aos nove detidos pela noiva da família presidencial. O @Verdade conta a história dos interesses empresarias dos noivos que, este sábado, 26 de Julho corrente, estarão diante dos olhos de cerca de 1.700 convidados ao casamento onde se esperam as presenças de Jacob Zuma, Presidente da África do Sul, Mswati III, Rei da Swazilândia e Isabel dos Santos, a primeira filha do Presidente angolano que é considerada pela FORBES como a mulher mais rica de África.

<http://www.verdade.co.mz/tema-de-fundo/35/47793>



Márcia Kyonni Cumbe Se é por interesse ou não, isso diz respeito somente a eles. · 25/7 às 20:07



Carlos Pedro Ito Guud. Mulhr. Ha gente q gosta d resolver blemas ds outros. · 26/7 às 10:15



Márcia Kyonni Cumbe Verdade. Deixam de resolver os seus próprios pblemas · 26/7 às 11:10



Parmenides Luis Luso Eh para eles, eles sabem muito

bem o que estao a fazer, vou tentar pedir lhe a amizade aqui no facebook, ve- se posso trair o Muiane com a esposa depois de casar, quem sabe se a metade da fortuna convem comigo. Eu apenas quero ser corno e chupar os restos. · 25/7 às 19:54



Sam Samuell que esqueçamos essa parte de enterreses

e congratulemos a eles pela união, e nos inspiremos neles, ao enves de perder o tempo querendo saber sobre uki não nos interessa, peguemos esse tempo e façamos algo, criemos, tenhamos inovação e ambição para chegar onde eles estão. · 26/7 às 5:11



Nazaré Macotore Tdo homem tem o direito a casamento,

independente da xua posicao social, politica e religiosa e se ela nunca se casa-se diriam qe tm diabox nem? Vao cm calma, se n te convidaram pra comer, relaxa, tlvez vao te xamar pra arrumar pratox è so n murmurar ta? · 25/7 às 22:20



Edson Machaieie Odeio toda familia guebuza, excepto a maria da luz... Pois ela luz e



esperanca aos pobres mocambicanos. · 25/7 às 20:40



Celso Lobo Nao vos percebo! quando um humilde casa

com uma rica, dizem que ha interesses! Que tendencias pretendem inculcar nos leitores, com essa vossa questao? · 26/7 às 14:02



Ramilson Abias Bonachelo Escolas e extractos bancários

diferentes, mais d 1700 convidados, dentre eles um rei, um presidente e a mulher mais rica de Africa... Kem me dera!! Parabens aos noivos, afinal ricos nao xtao condenados a morrer solteiros.. Mas meu irmao se traies a valentina g. Ja sabes o k vai t akontecer? · 26/7 às 7:58



Leninha Mabunda Voces k dizem k e por interesses! E

vces cm vossas esposas/ maridos? Ja pa eles n pode ser p amor?n sao humanos como vces. Param d criticar algo k n tem algo haver.tao a casar prk se amam. · 25/7 às 21:34



Assanate Pires Humm k feio. cuidem das vossas

vidas. K ela ja tratou dela. enquanto falam ela ta respirar fundo d tipo, missão cumprida. Kkkkkk · 27/7 às 0:06



Julio Junior David Macuvele Se existir amor mesmo

parabens, e a familia futura gerada. Mas se for fantoxada lamento pela envção d nome de deus · 26/7 às 21:00



Sandra Tomas Vilanculo Se fosse uma kualker nao

teriam algo a dizer, mas como é filha de Guebuza bateboca nao falta. Vamos crescer Maxaka · 26/7 às 14:53



Analia Moises Ngome Nao interessa a fortuna k cada um

posui o important ek oremos pur eles p k se cazaram pur negocio isso se reverta em amor... Ceras asim k hoje somos popbres profetizamos pobreza p sempre? Ou a tedencia e d lutar p o melhor n sejemos pessimistas vamos apoiar essa nova familia k se une hoje aos olhos do mundo e de Deus... Katakane wosine · 26/7 às 14:35



Ema Fernandes Como diria o outro: “eles sao b... que se entendam”. O resto e arco

iris... · 26/7 às 7:53



Pinto Inacio Camilo mas um dia essa bandidagem

desse tal Armandinho vai acabar mal tdas despesas a custa do Herario publico. pena de nosso · 26/7 às 7:26



Gilberto Siteo Nao vamos confundir as coisas · 25/7 às 23:48



Cels Chambal Isso é inveja, deixem eles se casarem em paz.

Onde entra o amor na fortuna de cada um? · 25/7 às 23:32



Remigy Guiamba Voces pah, exageram... ela nao

pode ser amada e casar? Quantos casamentos a gente assite todos os dias? Porque ela nao pode casar? So por ser filha de presidente? Ela tem tudo como todas mulheres tem, nao vejo mal nisso... · 25/7 às 22:27



Clara Spyna Belezura casar pk se amam!!!! ate parece é claro k ñ

ha amor ai é so interesse e max nada,o noivo pk ira entrar numa familia presidncial e a noiva pk ira cnsguir fzf negociox na mcel ou ate ser acionista da mcel, amor ai n ha só irao habituar se um ao outro. · 25/7 às 22:11



Nelson Maneira Ramujane Quer sim

quer nao na mesma podia casar. dinheiro vai aonde tem dinheiro, ela e rica e esta rodeiada de ricos ate que os pobres, de tanta humildade e se humilhar nunca se aproximavam dela, como e que ela podia se apaixonar por um pobre? · 26/7 às 1:15



Zita Inácio Tembe dinheiro e fama · 25/7 às 22:04



Gabriel Mungoi Espero durar muito

tempo porque parece que so os “pobres”se amam de verdade, ja os “ricos”esses nao sei. · 25/7 às 21:33



Albano Tivana Para bem Camarada

Valentina, Membro do Comite Central. Tenha um Lar duradouro e maravilhoso,... no Amor... Um comboio cheio de Alegria... · 25/7 às 20:53



Gilbert Words Rhymes Alex No

nosso vocabulario sao comuns as palavras: LAMBETOTISMO, CABRITISMO, AMIGUISMO, NEPOTISMO (favoritismo) etc...e eu agora acrescento a palavra GIGOLISMO que pode ser o que motivo que leva este jovem a casar com a filha do chefe Guebuza. · 25/7 às 20:49



Trin Magesso Guebuza quer o

jovem humilde para contar o tako dele. O elenco dele so lhe rouba, por isso quer sangue novo na corrupçao · 25/7 às 20:42



Nadir Khan Quem disse que diz respeito a eles, Márcia? Vai

estudar um pouco para compreender o impacto social que isso pode ter. Cidadãos tapados! · 25/7 às 20:34



Horácio Costa Fernando A custa dos nossos impostos. · 1 · 25/7 às 20:29



Vagner KB KB Filha do corrupto · 25/7 às 20:21



Carmen Alfandega Criticar ponto nr1, agora fazer nada,

outros falam d menins da rua, sem tecto sem luz, você k vê tira da, faça tua parte na solidariedad, n spere o presidnte faze-lo, ok muits skreveram ak n se difere d preconceito, gente deixems d olhar pa vida d outrem,lute pa um dia voxte tbem xega la, flecidads ao noivos · 4 h



Benjamin Gomez Paiaze TJ Ava

xambadjhi ava nge ngheni a mfunweni wa xikwembu... windek e akele k agarra barriga do rico pr subir na vida. · 9 h



Ozias Isaias Siteo Ele vai ser lambe bota para ganhar a



fortuna. · 28/7 às 8:49



Carla Miremo Difícel agradar os gregos e troianos · 27/7 às 22:53



Carlota Nduvane Os

presbiterianos sempre foram fies e justos. Se ela for uma presbiteriana de verdade. entao nao havera problemas. Pq o q Deus une o homem nao separa. Nao importa se familia dela é rica ou é pobre. Mas o amor é capaz de tudo ate de deixar-te de ser uma ladra. · 27/7 às 13:40



Guibo Charfudine Felicidades para o

casal, e boa sorte para o Zofimo que casaram-no bem!!! · 27/7 às 9:57



Nany Bope Alias muitas aqui não

sabem agir e demonstraram isso várias vezes... a solução disso e no dia 15 dê outubro · 27/7 às 7:27



Nany Bope Para comentar somos

excelentes. ... Para fazer zero a esquerda.... tá cm ciúme porque um rico vai casar cm pobre, e questão dê falta dê princípios e valores... eles tão a ser um exemplo o que mtos tem dê fazer aqui e aprender · 27/7 às 7:26



Arson Chigono O pais e

duma familia Guebass com filhos



deles · 27/7 às 7:17



Fred Luis Mucaita Oque tenho a

lamentar neste casamento e primeiro um dos nossos canais televisivos pos em rodape primeiro filha de Guebuza depois o Zofino então na minha otica de observador o zofino e quem foi casado pela filha do nosso pesimo presidente · 27/7 às 6:41



Imran Makda O povo só é convidado pra

votar... Depois de receber os votos, serão lembrados apenas nas próximas eleições. · 27/7 às 5:14

VERDADE

todos os dias

A verdade em cada palavra.

www.verdade.co.mz

facebook.com/JornalVerdade

twitter.com/verdademz